

# 100 Dias para amar



JU LUND





100  
Dias  
para  
amar

JU LUND



Copyright © 2018 Editora PL  
Copyright © 2018 Ju Lund

Capa: Elaine Cardoso  
Revisão: Carla Santos  
Diagramação: Carla Santos

ISBN: 978-85-68292-88-4

Todos os direitos reservados.  
Proibida a reprodução total ou parcial da obra sem a permissão da autora e/ou editora.

Proibido para menores de 18 anos.



# Sumário



[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Citação](#)

[Dedicatória](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Agradecimentos](#)

[Playlist](#)

[Biografia](#)

[Saiba mais sobre a Editora PL](#)

[Notas](#)

*O problema é que as pessoas estão procurando demais e “enxergando” de menos.*

*Dedico esse livro a todas as pessoas que continuam acreditando no amor. E também, para cada uma delas que sempre me dizem: Siga em frente!*





# Capítulo 1

## Isa

### Dia 1

— Você perdoaria uma traição?

Logo que tudo aconteceu, meu melhor amigo me perguntou isso e eu respondi: não.

Apenas erros podem ser perdoados e traição não é um erro, é uma escolha. Ninguém esbarra numa vagina por acaso e a gente conhece as pessoas pela maneira como saem da nossa vida, não pela forma que entram. Então, pensando nisso, li, pela última vez, a carta que escrevi:

*Agora o que mais faz doer é o desgosto da traição. A dor física de uma mágoa incalculável, o escurecimento da alma, a sensação de ter o coração pisoteado por uma manada de búfalos e o sentido da minha vida alterada.*

*Por que você fez isso conosco? Por que está fazendo tudo isso comigo?*

*Essas perguntas não têm respostas, não há desculpas cabíveis e nada acabará com o que estou sentindo. Não se pode rebobinar a fita e resgatar os sentimentos feridos. Não tem volta.*

*Tudo foi perdido.*

*E, agora, é isso que mais faz doer. Nada será como antes. Acabou! O que tínhamos foi morto por você. O que me resta não é juntar os cacos de um relacionamento destruído, de meu coração partido ou de tudo que foi quebrado*

*em pedaços... Não, nenhum remendo seria suficiente e coisa alguma faria isso tudo sumir.*

*O que posso, e vou fazer, é curar as feridas e recomeçar. Não vou te esquecer, assim como nunca sairá de mim tudo que está me fazendo sofrer, porém, vou superar. E depois disso voltarei a viver, buscarei ser feliz novamente e serei.*

*Tenha certeza disso: EU serei mais feliz que você!*

*E quanto a você? Espero que alguém te faça sofrer assim como fez comigo. Desejo de todo coração que um dia perceba o mal que me causou e que Deus te perdoe, pois eu não farei.*

Depois dessa última leitura, queimei a carta escrita num papel qualquer e soprei ao vento, através da janela aberta em meu quarto. Já estava curada, era hora de seguir em frente. Precisava caminhar firme na direção da minha meta, porque o pensamento cria, o desejo atrai e a fé realiza.

Eu acreditava, tinha optado por isso. Seria feliz.

— E agora? — questionei Abnel. — O que sua bruxa interior me diz?

— Sempre haverá outra chance, outro amor, mas nunca outra vida.

— Tenho certeza disso. — Sorri.

— Agora, bicha, você joga um batom nessa boca e bola pra frente!

— Já estou usando. Olha! — Fiz biquinho para meu grande amigo.

— Meu ditado preferido é aquele que diz: Não há nada que...

— Que não se cure com um bom batom vermelho ou uma taça de sangria! — completei sua frase preferida.

— Pois é, minha filha, mas com batom cor-de-rosa você não vai conquistar nenhum bofe! Capricha no vermelho! Mas, lembre-se de que: se você está procurando a pessoa que vai mudar sua vida, comece dando uma olhadinha no espelho — disse, apontando para meu pequeno espelho preso na porta do

guarda-roupa.

Abnel é um rapaz inigualável, bem-sucedido em sua área de atuação. Ele trabalha em um banco internacional e todo ano é premiado em suas ações com o setor de recursos humanos. Homossexual, ou melhor, apenas gay, como prefere ser etiquetado, é uma figura única. Um amigo que certamente levaria para a vida toda, o melhor do mundo, um irmão do qual nunca me separaria.

Saído de uma família maravilhosa, do interior de nossa cidade, nunca teve problemas de relacionamento com seus pais ou com os três irmãos. Só não se manteve ao lado deles por opção de não querer seguir os negócios com gado e preferir a carreira que hoje atua com muita alegria.

Detentor de uma beleza rara, ele traz nos traços um ar austero, como os de um príncipe asiático. Sabe aquele cara lindo, por quem você ficaria caidinha à primeira vista? Pois é! Um pouco mais alto que eu, corpo atlético, trabalhado no abdominal, pele clara e cabelos sedosos castanhos. Tipo Keanu Reaves, mas com muito mais estilo e muito mais bonito.

Confiante, acatei a sugestão do meu melhor amigo e passei um batom *Chanel* 45, vermelho intenso. Ergui a cabeça. Era esse o meu recomeço e o pontapé inicial para uma nova vida. Agora, já quase na casa dos trinta, não tinha tempo a perder e acharia meu príncipe encantado. Queria tudo: flores, vinho e sentar à lareira, um dia, com meus filhos e marido. Um amor tranquilo, uma vida feliz e o cheiro da panela com comida quentinha.

Mas, para tudo isso acontecer, era necessário ir à luta e então, naquela noite, fomos a um pub famoso por reunir pessoas de nossa idade e lá constatei uma coisa que Abnel já havia alertado: os bofes, digo, os homens de nossa idade, estavam em maioria comprometidos. E aqueles que ainda estavam solteiros deveriam ser por algum grave motivo negativo, pelo menos, essa era nossa teoria.

— Aquele tem cara de psicopata; o outro ali deve ser um babaca; e aquele que fica perto do banheiro deve ter alguma disfunção naquele lugar. — Meu belo amigo tecia suposições, enquanto bebia seu drinque azul e rosa. — E lembre-se sempre de que as pessoas são muito previsíveis! Querem tudo e só valorizam aquilo que perdem ou que ainda não possuem.

— Eu sei que deve ter algum cara legal, que preste, mas hoje é a primeira

noite, então vou com calma.

— Isa, você precisa desabrochar — comentou com carinho. — Depois de tudo o que houve com o falecido.

— Nem toca nesse assunto, Bi, não quero pensar mais naquele otário — repreendi, voltando a dançar.

— Ok. Se hoje o plano A não der certo, ficamos com o plano B.

— Como é? — Ri intrigada.

— Se o plano A, de amor, não rolar, ficamos com o B, de beber — disse, arrancando-me gargalhadas.

O falecido em questão era o imbecil do meu ex-companheiro, cujo nome nem ousava mais pronunciar. Não, ele não estava verdadeiramente morto. Ficamos juntos por mais de três anos, morando em um apartamentinho charmoso, como qualquer casal apaixonado. Tudo estava indo maravilhosamente bem, até certo dia, quando ligações anônimas começaram a informar que ele estava me traindo. Nada fazia sentido, nem mesmo Abnel suspeitava, porém bastou um pouco de atenção e tudo foi confirmado.

Não só fui traída como ele mantinha outra mulher na cidade vizinha e era para lá que viajava a trabalho a cada quinze dias. Acha pouco? Como se não bastasse, era atual frequentador de um bordel do pior nível possível, onde trabalhava outra infeliz. E só foi possível descobrir toda essa vida dupla quando essa segunda ou terceira “senhora” teve pena de mim e revelou tudo em ligações sigilosas. Foi assim que toda a farsa desmoronou como também a felicidade de uma vida tranquila.

Ah, e os números de telefone também eram dois, assim como seu perfil na rede social e uma porção de detalhes que só fui percebendo depois. Ele era a amostra de como podemos ser enganadas e do quanto um homem pode ser cretino. Entretanto, agora era passado. Depois de tantos meses, estava reerguida e disposta a ser feliz. E ele, morto e enterrado na minha vida.

Eu merecia mais. Desejava ser feliz e encontraria, um dia, um cara que verdadeiramente me amasse. Poderia ter me tornado amarga ou arredia? Sim. Mas, em vez de viver mentiras ou uma vida de desconfianças, havia optado por

acreditar que ainda seria muito feliz.

Já eram mais de três, meus pés doíam, dançamos bastante. Não bebi nada alcoólico, me diverti muito na companhia daquela bicha má e depois voltei para casa sozinha. Sozinha!

Nada aconteceu, nenhum príncipe surgiu através da cortina de fumaça, mas havia valido a pena. A partir de agora seria assim: todo final de semana iríamos a algum lugar diferente, até eu achar minha alma gêmea.

— Manfred confia em mim, sabe que estou fazendo caridade para uma amiga — garantiu Abnel, quando perguntei pela milésima vez sobre seu namorado. — Uma encalhada que amo muito.

— Encalhada. — Fiz uma careta, tomando um gole de suco. — Quanto tempo até você ir para a Alemanha?

— No fim do ano nos encontraremos em Veneza, um roteiro incrível pela Europa nos aguarda — confirmou, explodindo de entusiasmo. — Só depois eu vou para a Alemanha, por seis meses.

— Será que consegue um bom trabalho por lá? — questionei com o coração dividido.

— Acreditamos que sim. Mas antes prefiro ver como é por lá. Não sou um homem de meio-termo, tenho que gostar de tudo.

— Fico feliz em saber, mas quem sabe você volta e o traz junto? — Levantei a possibilidade. — Seria fantástico também!

— Quem sabe, Isa. Mas, não se preocupe, até lá já teremos encontrado um par perfeito para você! Temos cem dias para achar o seu amor, para você se apaixonar.

— Cem dias... — repeti.

— Miga, nada acontece por acaso e, embora te pareça o contrário, até o mal está a serviço do bem — aconselhou. — E pensando na noite anterior...

— Do fracasso — comecei a rir, interrompendo-o.

— Bem, acho que devemos insistir em buscas diurnas, além das noturnas.

— Como e onde?

— Shopping, museus, livrarias, cafés como esse aqui. Lugares simples, sabe?

— Mas vou ter que ir sozinha?! Não sei, posso parecer uma desesperada — sussurrei a última palavra.

— Na maior parte, sim. — Deu uma piscadinha. — Agora, sério, você precisa aprender a observar o lugar. E qualquer coisa, estou no *WhatsApp*. Sempre!

— E não vai mais sair comigo nessa busca?

— Claro que vou, mulher! Mas faltam apenas cem dias para a minha viagem! Tenho tanto a resolver e você precisa achar seu cara. Precisamos acelerar o processo.

— Então me ajuda, por favor. — Peguei sua mão macia.

— É o que estou fazendo, bicha! Hoje vamos ao salão dar uma geral nisso aí que você chama de sobancelha e também comprar vestidos novos!

— Só posso no sábado. Tô sem uma folga e tenho zilhões de textos para ler lá na editora.

— Tudo bem, então você passa no salão do Daniel assim que possível — ordenou. — Na quarta, vamos ao cinema, ok? Te pego.

— Certo — disse já me despedindo, precisava ir ao mercado.

Das compras básicas que fiz para a semana, voltei para casa e o resto do final de semana passou arrastado. Papai levou Richard, meu irmão, para pescar e resolvi aproveitar para passar meu amor, que não desbota nos cabelos. Levei todo o domingo na função da henna indiana que tanto gostava, ainda assim, o resultado definitivo eu só veria dali a uns dias, quando a cor definitiva fixasse. Apesar disso, já estava num tom castanho avermelhado incrível.

Meu pai chegou ao fim do dia, exausto e animado, e Richard cochilava no banco traseiro da velha Belina 85 vermelha. Sorri ao ver os dois, eram minha

família e meus maiores tesouros. Desde que minha mãe nos deixou, para viver uma paixão, meu pai tem feito tudo por nós dois. Ela nem mesmo pensou em nosso sofrimento e por isso agora evitamos qualquer contato. Hoje, com dez anos, Richard não a perdoa pelo abandono, que foi há quase cinco. E eu, que já não mantinha uma boa relação com ela, cortei de vez um pseudoconvívio para fins sociais e a trato como um parente qualquer.

— Como foi? — perguntei a papai, dando um beijo em seu rosto suado.

— Ótimo, pescamos cerca de dez bons peixes! Estão todos na caixa térmica, já limpos.

— Posso fazer algum agora à noite.

— Não, filha, você parece cansada. Hoje podemos abrir uma exceção e pedir comida de fora. Que tal *yakisoba*?

— Maravilhosa ideia, estou com preguiça mesmo — admiti.

— E esse cabelo novo? — questionou, observador.

— Gostou? — Balancei as madeixas, orgulhosa.

— Você está sempre bonita, mas esse tom em você ficou muito bom — comentou, treinado em sua tarefa de bom pai. — Imagino quantas horas precisou ficar com aquela mistura na cabeça!

— Obrigada, pai, cinco horas dessa vez.

— Por que você não usa mesmo aquelas tintas de farmácia, que agem em vinte minutinhos?

— Metais pesados, petrolatos, muitos aditivos químicos que...

— Tá certo, lembrei. — Sorriu, dando um tapinha em meu ombro. — Siga com suas plantas, você ficou linda, além desse cheirinho gostoso de chá com mel.

Ele era um herói, um ótimo homem e excelente pessoa. Não havia um vizinho no bairro que deixasse de elogiar o seu Jairo Leal, exímio carpinteiro e contador.

Ou seria o contrário? Era eclético esse meu pai. Mais que isso: um artista dos números e da madeira, pessoa de bom coração.

Na vinda do trabalho, na segunda-feira, estava animada para mostrar ao meu amigo Tobias que finalmente havia tocado o barco. Esperei pacientemente pelo ônibus 401 da Linha Azul e, pela janela, vi seu sorriso iluminar meu fim de dia.

Sempre era assim. Desde que começamos a conversar, há muitos meses, adorava sua companhia todo fim de tarde. Conversávamos coisas leves, por cerca de quarenta minutos, observando o pôr do sol e relaxando na companhia um do outro.

— Oi, Tobias! Tudo bem? — cumprimentei sentando ao seu lado.

— Oi, Isa, que cabelo bonito, hein!

— Ah, obrigada! É muito bom mais alguém perceber, depois de horas com uma pasta no cabelo...

— Ficou ainda mais bonito — elogiou novamente. — Quem foi o outro que percebeu? Já fiquei com ciúmes! — brincou.

— Meu pai. — Sorri. — Valeu, mas, mudando de assunto, olha aqui o livro que te falei. Pode levar, mas me devolve sem orelhas ou amassados. Tá?

— Legal. Pode deixar, obrigado — disse, guardando-o dentro da mochila preta. — Come esse chocolate comigo?

— Tobias, que maldade! Sabe que amo chocolate, mas, por favor, que seja a última vez — disse pegando a barra de sua mão. — Preciso diminuir dois manequins, pelo menos!

— Bobagem! Você parece uma daquelas ilustrações antigas: perfeita.

— Talvez não seja isso que faz sucesso hoje em dia. Saí nesse final de semana, pela primeira vez. Nada aconteceu — lamentei.

— Às vezes, olhamos longe, quando deveríamos observar perto — disse — para algo acontecer...



— Como assim?

— Deixa pra lá. Abre esse chocolate logo, menina, antes que eu coma sozinho.

— Tobias! — protestei, pegando o chocolate e mordendo-o logo em seguida.  
— Você é cruel!



## Capítulo 2

*Um tempo atrás...*

Certo dia, as lágrimas banhavam meu rosto. Ainda sofria pela traição de João Pedro quando uma mão gentil ofereceu um saquinho de lenços de papel e, em seguida, um punhado de balas de mel. Era um rapaz de olhar carinhoso, que, sentado ao meu lado, demonstrava um cavalheirismo já extinto hoje em dia.

— Obrigada — respondi com o nariz entupido, pegando um lenço.

— Pode ficar com todos. E pegue, coma essas balas — ofereceu-me colocando em minha mão. — Não há nada nessa vida que não fique doce com uma bala de mel recheada com caramelo.

Ele era atencioso e continuou assim todos os dias, sem nunca perguntar por que eu chorava na primeira vez em que conversamos na Linha Azul. De qualquer forma, eu lhe contei, sem muitos detalhes, sobre a grande decepção que vivia. Como o fato já havia acontecido há muitos meses, desde então, éramos cada vez mais amigos em nosso tráfego para casa.

Tobias era enfermeiro em uma clínica infantil no centro da cidade, trabalhava oito horas corridas diariamente e sonhava em viajar pelo país. Às sete da noite, estava no ônibus 401 da Linha Azul e era ótimo de papo. Reservado, não falava muito de sua vida íntima, mas desenvolvíamos qualquer assunto facilmente, sem ver o tempo passar.

Gostava de ler, ouvia pouca música e aos finais de semana jogava videogame sozinho ou com seus dois sobrinhos. Aos sete anos, Renan e Luan eram filhos de

sua única irmã. Sim, Richard os adoraria como amigos. Praticava corridas e caminhadas noturnas e dizia não fazer mais natação por falta de tempo.

Nossa amizade nunca ultrapassou os quarenta minutos, quando eu me despedia e descia do transporte público. Todavia, ele ainda seguia por cerca de dez, antes de desembarcar. Morava com sua mãe Vitória e o avô Frederico no mesmo pátio (ou na mesma casa, nunca entendi direito) onde a irmã também tinha residência, com o esposo e os dois filhos, gêmeos idênticos. Aquela confusão básica de família unida.

— Vou me mudar no próximo final de semana — comentou no meio de nosso papo.

— Jura? Não vamos mais nos ver por aqui? — perguntei, preocupada.

— Vamos sim, mas aí vou descer antes. — Sorriu. — Depois calculamos quanto ficaremos de nosso tempo de conversa.

— E sua mãe e seu avô não vão sentir sua falta?

— Espero que sim, mas, na minha idade, era preciso essa emancipação.

— Você está certo — concordei. — Mesmo assim, eu não me vejo morando só. Talvez eu nunca acostumaria ou aguentaria viver sozinha, longe do meu pai e do meu irmão.

— Morar sozinho, ser solitário e sentir solidão são coisas diferentes. Além do mais, quem sabe minha alma gêmea me reconheça?

— Ou você a ela! — Suspirei romântica, como sempre.

— Acredito que já a encontrei, mas ela ainda não me notou — brincou, sempre com o humor leve. — Talvez seja míope.

— A vida não é justa. Nós dois, tão legais, encalhados! — Cutuquei meu amigo de busão com o ombro.

— Talvez — disse sério.

— Melhor assim que mal acompanhados ou com falsos amores, tenha certeza

— comentei experiente, tentando animá-lo.

Olhei em seus olhos, de um azul tão claro que beirava à cinza. Em outras circunstâncias o teria notado? Era bonito, sim, sem dúvida era lindo, mas tinha algo além que o tornava especial. Talvez sua risada fácil, o charme do cabelo comprido, sempre meio preso, ou o olhar doce que volta e meia eu percebia dirigido a mim. Tobias era um presente de amigo e um bálsamo para meus finais de dia.

— Isa, quando vamos conseguir combinar alguma coisa fora desse ônibus? — intimou.

— Seus plantões, meu trabalho extra... Parece mentira que, em tantos meses, só conseguimos almoçar juntos uma única vez!

— Um almoço e um sorvete. Não esqueça o sorvete de limão!

— Como poderia? Meu pai fez aquela delícia e a carreguei numa caixinha de isopor até o nosso encontro. — Arregalei os olhos, balançando a cabeça em negativa.

Caí no riso, recordando-me do desastre que foi aquele dia. Almoçamos juntos num simpático restaurante popular no centro da cidade e depois o convidei para tomar um sorvete. A surpresa era que a delícia gelada eu carregava dentro de uma sacola, num pequeno recipiente térmico. Minha falta de destreza fez com que perdesse a maior parte derretida, além disso, alguns pingos ficaram em mim, por toda a roupa, após comer nosso sorvete líquido de colher, num ponto de ônibus qualquer.

— Minha parada, preciso descer. — Percebi, ainda sorrindo. — Boa noite.

— Que pena! Bem, lerei o livro. Até amanhã!

— Com certeza. Até amanhã, Tobias.



## Capítulo 3



Tobias

Peguei o livro que ela havia me emprestado, era um suspense policial recheado de sangue e romance. Acariciei a capa e cheirei, senti que seu perfume ainda estava ali. Carreguei-a comigo o restante do trajeto, em pensamentos, e mesmo depois de um banho, ela permanecia comigo.

— Isso tudo é tão clichê! — resmunguei olhando no espelho.

Como podia ter deixado meu coração se envolver tanto?

Coloquei uma calça de moletom, chinelos e uma camiseta regata, indo até o quarto de meu estimado avô. Sentei ao lado de sua cama observando o tanto que somava problemas de saúde. Ele dificilmente saía dali.

Fiquei em silêncio, como de costume, meditando até que ele acordasse, para então aproveitar sua companhia.

— O que é o que é? Cai em pé e corre deitada? — perguntou meu avô, ainda de olhos fechados, minutos depois.

— Hum... A chuva! — respondi num sorriso.

— Certo. E o que é o que é: foi feito para andar, mas não anda?

Meu avô era uma figura, bastante rabugento na maior parte do tempo — mas nunca comigo — e possuidor de uma infinidade de piadas inocentes ou pegadinhas que sempre me faziam rir. Era o modelo paterno que eu tinha e sempre me amou como um filho, disso tinha certeza absoluta.

Quando meu pai morreu, ainda na minha adolescência, era sua mão que segurava a minha. Ele não deixou que a rebeldia do luto determinasse meu futuro, apostou e confiou que manteria a cabeça no lugar. Assim segui seus passos e hoje tomo conta de praticamente todo o seu legado. Por mais que isso me pesasse como um fardo, sei que o fazia feliz. De mim, só teria orgulho, sempre lhe garanti.

Ainda rindo de uma piada nova que contava, começamos a conversar, já com a TV de tela plana ligada. Futebol e política, íamos de assuntos sérios a trivialidades em segundos, porém, a cada pausa, meus pensamentos iam para ela.

Partiam e voltavam, tal como as ondas do mar em seu eterno namoro com as areias brancas da margem da praia. Ou como o sol e a lua, dois amantes que viveriam para sempre separados. Qual seria nosso destino, afinal?

Isa.

Como podia estar tão apaixonado? Será que um dia poderia revelar o que sentia sem perder sua amizade?

Isa Marie. Bela Isa, um dia os seus pensamentos seriam meus?

— Uma coisa, sempre, digo: quem não arrisca, morre de brisa — disse vovô arrancando-me dos devaneios.

— Que ditado é esse, vô? — perguntei, soltando uma gargalhada.

— Acabei de inventar. Mas faz sentido — disse-me fazendo cair ainda mais na risada.

— Platão — brinquei.

— Não faz? — murmurou, seu sorriso diminuindo. — Olha, meu filho, a vida é uma só.

— Eu sei, vô — garanti. — Agora me diga, Palmeiras ou Grêmio? — mudei de assunto.

Porém, lá no fundo, eu percebia que, com simplicidade, sua sabedoria era transmitida. A vida era apenas uma para tudo. O que meu velho talvez não

recordasse mais é que um cotovelo ralado dói muito menos que um coração partido. E eu já não era um garoto para cair de bicicleta e seguir mesmo com um machucado sangrando. Agora essas feridas eram muito mais profundas. Doíam...

Eu precisava ter cuidado. A coisa mais difícil é amar e depois deixar ser amado por alguém.



## Capítulo 4



Isa

— Abi, sabe aquele meu amigo do ônibus? — perguntei enquanto fazíamos um lanche no dia seguinte, era meu horário de intervalo.

— O enfermeiro? — Ergueu a sobrancelha farta.

— Sim.

— Que tem ele? — questionou, já estreitando os olhos, malicioso.

— Hoje fiquei pensando, até que...

— Regra número um: quem nasce para amigo nunca vira marido. — Desenhou o ar com seu dedo em riste. — Regra dois: namorado e amigo são como água e vinho. Se misturar, estraga.

— Essa sua regra número um é uma bobagem! — contestei.

— Melhor um amigo na mão que uma tentativa frustrada. Vai por mim.

— Bi, tá profundo hoje — brinquei. — Eita!

— Tô sempre! — Sorriu, vaidoso. — Olha, todo dia você precisa procurar em algum lugar. Por onde circulou hoje?

— Só trabalhei. Sem tempo. — Fiz um corte imaginário no pescoço. — Mas amanhã, à noite, vou à livraria do Shopping Norte.

— Ótimo!



— E ao cinema... — completei insegura. — Hã, não sei, talvez almoçar em outro lugar.

— Certo. Vamos testando! — incentivou. — Aproveitando o caminho, sempre.

Naquele fim de tarde acabei saindo atrasada do trabalho e não cheguei a tempo de pegar o ônibus 401. Um saco de imprevisto provocado por uma pane no meu computador e um técnico que não achava o problema. E não ver Tobias me deixava bastante contrariada.

Respirei fundo e fui direto para a livraria-café que movimentava muita gente na sua loja do Shopping da zona norte da cidade. Rodei por todos os corredores, admirei capas e saboreei sinopses, encantando-me por um livro cujo autor não conhecia. Li trechos aleatórios e resolvi sentar para ler um pouco mais, ali mesmo, já que meu curto orçamento não permitia comprar mais de três livros por mês.

Caminhava de cabeça baixa quando literalmente tropecei em alguém que estava sentado no chão, encostado em uma parede qualquer. Mais que depressa fui pedindo desculpas, envergonhada. Era minha cara tropeçar nas coisas, mas em pessoas já era demais, até para mim! Constrangida, mal encarei a pessoa em meu pedido de desculpa sem jeito.

— Ai, me desculpe! Eu, eu... Eu... — gaguejei.

— Tudo bem — respondeu alguém cuja voz me parecia familiar.

— Tobias? — perguntei ao homem, que ainda estava de cabeça baixa, coberta pelo capuz do moletom.

Num gesto suave de cabeça, ergueu seus olhos e me notou, sorrindo com seus lábios cor de cereja. Como era possível? Entre tantas livrarias, numa hora que normalmente estávamos no ônibus! A casualidade me deixou feliz pelo encontro e também perplexa.

— Isa! — Levantou do chão, baixando o capuz, e o movimento fez uma mecha de seu cabelo macio soltar do rabo de cavalo desleixado.

— O que faz aqui? — perguntei, com vontade de colocar a mecha de cabelo

atrás de sua orelha.

— Dia ruim. E você? — respondeu.

Como se estivesse lendo meu desejo, soltou os cabelos e depois os prendeu num coque prático.

— Sim, relaxando também — menti. — Algo no seu trabalho?

— Um caso de meningite que confirmei. Esse tipo de coisa sempre me abala.

— Muito pequena a criança?

— Seis anos.

— Meu Deus! Sinto muito — reconfortei.

— Essas coisas me fazem pensar. Como existem pais que ainda não querem vacinar seus filhos?! Se com imunização já há riscos, imagine isso solto por aí!

— Concordo, também acho um perigo para a população em geral a não vacinação de doenças de contágio.

— Ainda se fosse algo real, mas esse grupo é radical — desabafou num suspiro. — Enfim, não quero falar disso agora. Desculpa, fico meio revoltado. — Sorriu tristonho.

— Tudo bem, eu entendo.

— E esse livro aí, um terror para finalizar o dia? — disse, apontando para o meu livro entreaberto.

— Esse? Não, Tobias! — exclamei animada. — Tô numa fase da minha vida que só quero saber de romances ou comédias. Chega de tristeza e um viva aos clichês!

— Eu estou esperando uma sessão começar, em vinte minutos. Topa um filminho?

— Só se antes for comigo comprar algumas besteiras para comer. Estou só com o lanche da tarde, não aguento um cinema assim.

— Fechado. Vamos lá buscar umas coisas gostosas. — Apontou para fora da livraria.

— Mas esse filme é o quê? Um suspense, nada de drama, não é mesmo?

— Nadinha, confia em mim.

Jujubas, pipoca com sabor de manteiga light, refrigerante, pão de mel coberto com chocolate branco e uma companhia adorável fizeram minha felicidade completa. Tobias era extrovertido, carismático e uma daquelas pessoas do bem. Além disso, sua beleza chamava a atenção das mulheres de todas as idades, e de muitos rapazes também, o que me fazia notar sua aparência mais fortemente aquela noite.

Ombros largos, corpo típico de um nadador, com braços longos. Estereótipo atlético, longos cabelos escuros presos como um samurai, em coque, olhos invariavelmente belos, de um azul cinzento. Sim, seus olhos eram cinza e a sua aura muito colorida. A boca sempre com uma cor deliciosa, parecia puro mistério e sedução.

Na saída do cinema, senti uma vontade estranha de pegar em sua mão, uma coisa sem explicação que lutei para não fazer ou acabar contando para ele. Sim, sou aquele tipo de mulher que acaba sempre falando mais um pouco que o necessário e por vezes minhas palavras são inimigas disfarçadas de boas aliadas.

Uma hora depois pegamos o coletivo juntos. Sentia-me segura ao seu lado — não só porque fiquei sabendo, impressionando-me com a descoberta — de sua faixa preta em caratê, mas porque sua energia era tão positiva que me fazia sentir sempre bem.

— E a mudança? — perguntei assim que nos acomodamos no coletivo.

— Tudo pronto, não tenho muita coisa para levar. Vou colocar o colchão no chão e acampar por lá, na verdade.

— Isso é ótimo, curtir o gostinho de cada conquista — disse sincera.

— Ah, falando nisso, fiquei sabendo de um senhor que trabalha com madeira, vizinho seu... Um artista na verdade: faz entalhos, esculpe diversas peças do tipo ecologicamente corretas.

— Hum, verdade?

— Sim, mestre no trabalho. Não me recordo do nome dele, mas fica na mesma rua onde você mora — comentava animado. — Fiz uma encomenda essa semana, mesmo o homem sendo muito fácil de achar.

— Seu Leal?

— Isso! Conhece? É bom profissional mesmo? — sondou.

— Sou suspeita para falar, pois ele é meu pai — assumi, finalmente.

— Não brinca! — respondeu bastante surpreso.

— Verdade! E faz um ótimo trabalho, digo sem modéstia.

— Mundo pequeno ou a fama já está indo longe! — comentou, arqueando as sobrancelhas marcantes. — No entanto, ele é difícil de pegar encomendas, pelo que percebi.

— Nada disso, releve. Papai trabalha com contabilidade, na verdade, e a carpintaria é só um hobby que tomou grande proporção — expliquei a Tobias, que me olhava atento. — Além do mais, ele só usa madeira de reflorestamento.

— Duas atividades completamente diferentes: números e goivas. Gostei dele.

— Além disso, só faz um trabalho por vez e com muito detalhe, pois é cuidadoso. O que você pediu? Tenho certeza de que vai gostar.

— Duas cadeiras, uma vou deixar com meu avô. Do tipo sob medida para ele, um amigo desenhou como idealizei, conforme sua necessidade de saúde.

— E a outra é para o seu apê novo?

— Sim, uma confortável, para colocar perto da janela, onde posso ver o céu — explicou satisfeito. — E, quem sabe, acomodar um grande amor em meus braços.



## Capítulo 5



Tobias

Naquela noite, fui dormir pensando nela. Estar apaixonado era foda. Tanto evitei vê-la que desisti do "nosso ônibus" e fui até a minha livraria preferida. Não adiantou, o destino nos juntou mais uma vez. Por isso, penso que não foi à toa nosso encontro no coletivo. Seu choro e meu lenço, uma amizade com semelhantes paixões e que dia a dia só aumentava.

Cada palavra que sua boca dizia vinha como música para o meu coração. Seus gestos me preenchiam, era como uma maçã: deliciosamente sedutora, doce e também cheia de mistério.

Acordei no meio da madrugada e caminhei sem rumo pela casa. Fui instintivamente até o quarto de meu avô, que dormia. Por isso tentei não acordá-lo, mas só em lhe espiar já chamei sua atenção de alguma forma. Aquele senhor tinha um sétimo sentido, com toda certeza. E era avô, amigo, pai, conselheiro e um eterno Don Juan.

— Já a beijou? — perguntou-me ainda de olhos fechados, deitado em sua cama.

— Nem perto disso — respondi baixinho, recostado no batente de sua porta entreaberta.

— Então beije! — ordenou através da penumbra. — Não conquistei sua avó até lhe roubar o primeiro beijo.

— Sei dessa história. — Sorri.

— Escute seu velho... Beije essa garota, logo.

— As coisas não são tão fáceis — argumentei.

— Na minha época eram piores.

— É, isso também é verdade — concordei.

— Sempre vale a pena tentar, Tobias. Lembra quando você esfolou os joelhos tentando subir na árvore gigante?

— Claro que sim. — Sorri.

— Não basta saber o tamanho da força que você tem aí dentro. — Apontou para o meu peito. — Tem que saber o que você faria com ela.

— Obrigado, vovô — agradei dando-lhe um abraço de boa noite, mesmo sendo madrugada.

Grato por suas palavras saí dali com o ânimo renovado. Meu avô tinha toda razão, precisava arriscar, subir na grande árvore, ver onde minha força me levaria e beijar Isa. Pensei em como seriam os seus lábios.

Doces, vorazes ou contidos?

Ela era o tipo de mulher perfeita: corpo de curvas arredondadas, carnes firmes, sorriso fácil e olhos atentos. E aquele perfume? Cheirava a campos de madressilva com flores de camomila. Já havia decorado cada detalhe daquela divindade. Não, divas não podem ser tocadas e Isa era mais que isso. Merecia ser amada de todas as formas possíveis.

Namorava cada pedacinho do seu corpo que via descoberto com frescor e sua pele clara como a areia da praia. O volume dos seios medianos, seus olhares travessos e expressões sempre vívidas me excitavam de diversas formas.

Adorava aquele sorriso e os sons das suas diferentes risadas.

Deus do céu, era amor o que estava sentindo?

Nem percebi o quanto me atingia pensar em Isa e como a desejava ali. E foi pensando nela que extravasei o latejo que ela exercia sobre mim mesmo a léguas de distância. Treinei por uma hora no grande saco de areia, madrugada afora.

Chutando, socando e suando.



## Capítulo 6

Isa

— *E você encontrou algum pretendente?* — questionou Abnel por telefone.

— Nadinha.

— *Certo, então vamos hoje ao cinema...*

— Hoje não, já fui ontem! — comentei despretensiosa.

— *Foi?* — questionou. — *Sozinha?*

— Não. Com um amigo — respondi sem graça.

— *Conta TU-DO! Fala, Brasil!* — Eriçou-se do outro lado da ligação.

— Nada de mais. Encontrei aquele meu amigo do ônibus, na livraria, por acaso, e decidimos ver um filme.

— *Você sabe que nenhum outro homem vai chegar em você com um bofe alfa do lado, não é mesmo?*

— Eu sei. Vou recuperar hoje, na hora do almoço. Pode deixar.

— *Faz bem* — aprovou rapidamente. — *Agora preciso desligar, estão me chamando.*

— Bom trabalho pra você.

— *Bom trabalho pra você também, bebê.*



Às onze e trinta saí para comer, estava cansada do meu emprego. Embalar livros, ir aos Correios, responder e-mails, preparar e executar tarefas de marketing e distribuição não era nem de perto o que pretendia fazer quando me candidatei ao cargo. Traduções, esse era meu mundo! Porém, era o que menos fazia na Guarany Tupã Editora. Talvez um dia largasse tudo para viver só disso, de maneira autônoma. Mas, até lá, me queixaria o mínimo possível sobre o assunto, já que existia tanto desemprego no país com as novas leis trabalhistas.

Conformada com a realidade, mas nem tanto, mudei de restaurante e optei por um não vegetariano. Lá, me servi do que era possível e não percebi que estava sendo observada até uma voz masculina se dirigir a mim. Olhei de relance: um rapaz muito bronzado e sarado fazia elogios ao meu prato.

— Sempre bom manter a forma. Longe de proteínas e carboidratos?

— Mais ou menos — respondi, meio sem graça.

Ele sorriu e seguiu servindo-me. Já sentada, me lembrei dos conselhos de Abnel. Deveria ter seguido o papo, dado abertura! Olhei em volta, procurando-o até ver que me olhava de longe. Sorri, sem saber o que fazer, até que me enchi de coragem, peguei a bandeja e fui até sua mesa.

— Posso?

— Claro, senta aí, moça.

— Obrigada — falei, sentando, meio sem graça. — Não gosto de almoçar sozinha — menti.

— Divide um suco? Ah, antes... — Esticou a mão. — Sou Rogério, pessoal.

— Aham... Pode ser — respondi sobre o suco, retribuindo o aperto de mãos. — E eu sou Isa, prazer.

Começamos bem, era bonito, mas, cinco minutos depois, comecei a fingir que estava mastigando para não precisar comentar sobre assuntos de academia, tríceps, dietas e coisas do tipo, que sequer conhecia. Ele, talvez por achar que agradava, não alternou o tipo de assunto. Até mesmo já sabia quanto media o índice de gordura do seu braço!

— Gosta de ler? — arrisquei. Precisava mudar a pauta.

— Quando preciso, sim. Ontem até li um resumo de um artigo sobre as médias de peso para novos exercícios. Bem específico para o público de adultos e jovens iniciantes — concluiu num sorriso, orgulhoso. — E rótulos, leio sempre, de tudo que vou consumir.

As palavras “quando e resumo” gritaram sinais de alerta, porém levei mais vinte minutos até conseguir fugir dali. Não por culpa minha: ele falava bastante, mas de si próprio. Era um narcisista, um culto à aparência sem fim, que assustava meu íntimo. E isso não tinha nada a ver com meu peso ou aversão a exercícios para fins exclusivamente estéticos.

Depois da refeição em companhia peculiar, o trabalho aconteceu em sua normalidade por toda tarde, até o final do expediente, quando Joice me contou as novidades. Ela era a mais nova estagiária da editora, uma estudante de Jornalismo promissora e simpática, que não exercia função compatível assim como eu.

— Isa, Isa, você vai adorar meu primo... — Suas “novidades” não eram tão empolgantes quanto sua voz demonstrava.

— Ai, meu Deus! Não invente! — Fiz sinal da cruz.

— Já inventei. Vocês têm um encontro marcado para amanhã!

— Não, não, Joice! — exclamei contrariada. — Por favor.

— Por favor, digo eu! Não posso desmarcar. — Seu rosto agora era de pânico.  
— Rodrigo é um fofo e vocês vão se dar superbem.

— Por que você acha isso? — perguntei intrigada.

— Ele, bem... Ele é um rapaz muito querido e também é meu primo. Sabe, minha família é toda legal — concluiu com um sorriso de adoçar coração.

— Não, não vou num encontro arranjado — decretei.

— Vai, sim. Ele está louco para te conhecer e hoje te viu de longe. Ficou apaixonado.

— Viu? Onde? Joice, não arquitete coisas!

— Acho que quando ele me deu carona, nos viu conversando na porta. Mas foi acaso do destino, juro! — Beijou os dedos cruzados. — Olha a foto dele aqui! — Mostrou o celular.

Físico arredondado, então não deveria ser um aficionado em academia. Um ponto. Rosto simpático, mas nada de química na primeira olhada de uma fotografia que, além dele, tinha mais umas cinco ou seis pessoas. Menos um ponto.

— O que ele tem de errado? — perguntei, objetivamente desconfiada.

— Nada.

— Nada? — Ergui a sobrancelha.

— Bem, ele só é um pouquinho tímido — afirmou, fazendo um gesto fofinho.

— Hum. Só isso?

— Só. Juro! — Beijou os dedos em cruz, novamente. — Amanhã. Na hora do almoço. Ok?

— Sei que vou me arrepender. Mas tudo bem. — Dei-me como vencida. — Preciso sempre almoçar.

— Eba! Seremos primas! — Abraçou-me, querida.



No ônibus, no retorno para casa, Tobias não estava e isso me deixou preocupada. Estaria tudo bem? Provavelmente sim. Deveria ligar? Provavelmente não. Engoli minha frustração, baixei a cabeça e tentei ler.

Em casa, deparei-me com meu pai e meu irmão jogando *Banco Imobiliário* no meio da sala. Para comer, aparentemente havia torradas cheirosas e suco de uva

integral. A imagem fazia meu coração se acalmar e até mesmo sorrir.

— Oi! Boa noite, meus lindos — disse ao fechar a porta atrás de mim.

— Mana, vem jogar. Estou milionário aqui, comprei até uma escola!

— Jura, Richard? — impliquei. — E o papai está falido?

— Eu? Eu não, mas preciso registrar aqui que seu irmão tem tino para os negócios — concluiu com uma piscadela. — Você já jantou?

— Não.

— Vou fazer umas torradas para você.

— Obrigada — aceitei. — Vou trocar de roupa, colocar um pijama e já venho jogar. Meus pés estão me matando, preciso de chinelos.

— Vou arrumar tudo aqui, vamos do início então — concordou meu irmão, feliz.



## Capítulo 7



Isa

No dia seguinte, perto das dezoito horas, Abnel desmarcou nosso compromisso. Sendo assim, fui direto para casa, sentindo que a TPM começava a chegar. O encontro na hora do almoço foi um fracasso total. O primo de Joice não era um pouco tímido... Era terrivelmente calado e só me respondeu de forma monossilábica cada pergunta que fiz. E para piorar, a todo instante eu achava que o pobre rapaz iria infartar, tamanha a vermelhidão do seu rosto envergonhado.

Para minha alegria bipolar daquele dia, encontrei Tobias em nosso ônibus. Entretanto, diferente de outros dias, não havia lugar para sentamos juntos. Dessa forma, fiquei no banco de trás, sentindo seu perfume a cada sopro de vento.

Nossa conversa ficou travada, mas, apesar disso, pude saber que já havia feito sua mudança.

— Agora desço antes de você, alguns quarteirões — comentou, com o pescoço torcido.

— Vai ficar meio longe de seu avô e sua mãe.

— Não tanto assim.

— E está gostando? — perguntei, talvez não só para ele, mas também para a senhora gordinha e grisalha que estava sentada ao seu lado, tentando cochilar.

— Meio vazio ainda, solitário. Mas vou gostar.

— Adote um cachorro! — sugeri. — Ou um gato.

— Estou pensando nisso. Eu agora preciso ir — despediu-se chateado. — A próxima parada é a minha. Tenho outras novidades, te conto amanhã.

— Certo. — Sorri. — Boa noite!

— Boa noite, Isa.



Já em casa, recebi duas mensagens de meu melhor amigo e não respondi. A tensão pré-menstrual me deixava esquisita assim e no final dela sempre tinha medo de descobrir, em alguma pesquisa, que ela na verdade não existia e que eu era uma louca varrida.

Fui dormir cedo, resmungando debaixo das cobertas.

Quase não tinha o hábito de assistir TV, da mesma forma que era avessa a redes sociais e dificilmente interagia nelas, dessa forma meu relaxamento era nos livros. Talvez fosse culpa da minha mãe, que durante alguns anos de minha infância decidiu radicalizar e decretou fim à televisão, a rádios e outras modernidades que, segundo ela, poluíam o ser. Isso durou três anos ou menos e foi bastante entediante.

O mais irônico consiste em que, na época em que nos abandonou, estava numa onda verde, tentando nos obrigar a abandonar várias das ditas modernidades. Porém, largou meu pai, meu irmão ainda pequeno e eu por um cara sexagenário que conheceu na internet, em um grupo de pôquer.

Na internet. Numa jogatina on-line!

Essa era minha mãe, Susana, a rainha das contradições e um exemplo a ser esquecido.

Não deveria guardar tanta mágoa dela, da mesma forma que do meu ex, mas pensar nessas incoerências cretinas me deixava P. da vida. Refleti sobre o assunto até recordar das palavras de meu pai quando perguntei como se sentia sobre isso.

Disse ele que é melhor alguém se retirar de sua vida de uma forma tranquila e deixando lembranças bonitas do que insistir e se tornar um incômodo. Ninguém pode perder o que nunca teve ou que nunca foi seu. Sendo assim, você precisa ser forte para dizer adeus e esperar que a vida te retribua com um novo olá.

Esse era meu pai, um herói a ser seguido.

— Boa noite, Percy. Boa noite, Pacat.

Desejei com carinho para nosso cão e gato, que dormiam aninhados na caminha feita por meu pai, no canto oposto do quarto. Pacat era meu gato todo branco, um bebê de oito anos e seis quilos. Percy, meu cusquinho não mais magrelo, estava há dois anos conosco. Ambos foram resgatados da rua e são amados e mimados por três tutores babões, que já conversavam sobre aumentar a família!

Passei os três dias seguintes em casa, por afastamento médico, cujo atestado não era lá muito verdadeiro, mas ajudava uma mulher em período menstrual. E, verdade seja dita, todas nós deveríamos ter esses dias de folga. Não é só humano, como mais sensato, ter uma pessoa “hormonalmente” desequilibrada longe de qualquer ação.

Sendo assim, neste período delicado do mês, procurava apenas fazer atividades físicas leves, que diminuía as cólicas. Ou ficava abafada em um cobertor, comendo chocolates, porque não era de ferro. Graças ao final de semana, emendei cinco dias de tranquilidade, dentro dos dez que durava meu ciclo todo.

Abnel entendia meu drama, já que éramos amigos há vários anos. Sendo assim, só telefonou para oferecer chocolates suíços, que havia ganhado de um colega, além de palavras de carinho. Porém, uma parte do nosso último diálogo ficou martelando na minha cabeça até segunda-feira.

— *Isa, você precisa de, no mínimo, um encontro semanal ou não vai achar alguém para amar!*

— *Tenho cem dias...*

— *Agora tem menos. Bem menos, minha querida, uns oitenta.*

— Mesmo assim, há bastante tempo — respondi azeda. — E estou me esforçando.

— Eu sei, amiga, mas aceite os encontros que tentamos te proporcionar. Você precisa de, ao menos, um mísero por semaninha! Além disso, você é obrigada a dar dois passeios por aí, claro.

— Passeios?!

— Para ser vista e ver os bofes em lugares legais, recorda? Livrarias, cafés, boates, etc.

— Ah, sim. Tudo bem, tudo bem! — exclamei impaciente. — Um encontro e duas saídas. Você está certo.

— Eu sempre estou.

— Ai, Bi! Preciso encontrar um amor para chamar de meu e que seja legal, sabe?

— Você vai. Vai, sim! — reforçou carinhoso.

— Alguém que seja companheiro, de bem com a vida — descrevia romântica — carinhoso, leal e...

— Miga, se toca, então você quer um cachorro e não um homem!

Eu ri com a conclusão e lá no fundo fiquei pensando: *Abnel tinha razão?* Eu estava procurando um príncipe encantado que não existia ou talvez só em forma de cão? E, pior que isso, se meu tempo se esgotava, talvez eu não conseguisse.

Suspirei.

Da primeira afirmação, tinha convicção que estava errado: meu Romeu existia, sim, e era recheado das qualidades que sonhava. Porém, sobre meu pouco tempo exigir mais ação, isso lá estava certo.

E não só os cem dias já começavam a ser contados, como minha falta de beijos e sexo já decidia se manifestar em sensações e desejos inoportunos.





## Capítulo 8

Isa

*A luz era lilás e meu espartilho estava mais apertado que o costume, mas mantive a postura.*

*— Senta — disse ele, me apontando um chicote do tipo usado por jóquei.*

*Eu sentei obediente. Inspirava com força e me sentia muito excitada.*

*— Abra um pouco as pernas.*

*Abri.*

*— Mais — ordenou.*

*Eu fiz, mas baixei os olhos, perdendo a altivez, rosto vermelho. Além do espartilho, estava com cinta-liga, meias sete oitavos e salto quinze. Tudo rubro, exceto pela calcinha. Não vestia uma, então a posição me deixava sem jeito.*

*— Você é linda — disse, caminhando até mim.*

*Vestia apenas calça social preta e cinto, sem sapatos ou camisa. No rosto, uma pequena máscara cobria os olhos. Era misterioso, sexy e decidido.*

*Num gesto firme, ficou em frente a mim e cobriu minha boca com a sua, segurando minha cabeça pela nuca. Em poucos segundos foi me deitando sobre a cama e pousando junto o seu corpo sobre o meu. A outra palma segurava com força meu seio e o toque foi gradual até se tornar uma massagem entorpecente.*

*Ele me beijava ininterruptamente. Sua mão direita deslizou da nuca para lá,*

*bem lá, onde nenhum tecido cobria. Seu afago me arrancava suspiros, gemidos, depois grunhidos com palavras desconexas, até me fazer perder o juízo durante horas maravilhosas.*

*Já sem fôlego, por fim, me fez gozar enquanto ainda saboreava meus lábios já trêmulos. Suspirando, acariciei seu rosto. Era Tobias?!*

*— De novo — ele disse, me olhando dentro dos olhos e sorrindo, atrevido.*

*— Eu... — tentei falar.*

*— Só me beije — ele pediu, tocando meu rosto.*

*E, apoiado sobre o cotovelo, recomeçou seus toques quentes, beijando-me e querendo que eu lhe devolvesse tudo aquilo somente com o som do meu prazer e mais beijos ardentes.*

*Arquejei.*

*Sentei ligeira.*

Céus, mais um sonho! Um novo sonho que, pelo que percebia, me fez transpirar uns três litros. Estava suada. Tranquei a porta do quarto, fui para um banho e enchi a antiga e pequena banheira. Não costumava usá-la, mas naquela noite seria perfeita. Submersa na água mais morna que quente, deixei apenas uma luminária ligada e, de olhos fechados, repassei cada detalhe do sonho em pensamentos.

O coração palpitava. Viajei, imaginando loucuras com aquele homem misterioso que andava habitando meus sonhos a cada dia mais quentes. E foi bom, deliciosamente bom. Mais de uma vez explorei meu corpo, acalmando a carência que sentia.

Quem seria o homem que mudaria minha vida e me faria feliz? Estava decidida a ter um grande amor, daqueles de cinema, onde a segurança de um sentimento verdadeiro me faria ver que tudo valia a pena. E aquele resto de noite dormi mais calma, mantendo a positividade sobre meu futuro no amor.



— Sonhando acordada, filhota? — perguntou meu pai naquela manhã.

— Oi, pai, bom dia! — disse, já sentada à mesa.

— Bom dia! Seu irmão está atrasado mais uma vez e eu tenho um cliente esta manhã. Um dia cheio — confirmou, servindo-se de leite.

— Você precisa colocar o despertador no quarto dele, já falei.

— Acho uma judiação, tão pequeno! — defendeu-se.

— Pai, ele está crescendo...

— É, tal como você. Por quê? Parem com isso! — disse sério.

Caímos no riso e seguimos tomando um leite quentinho com pão integral. Meu pai era um ótimo amigo, excelente pai-mãe e estava sempre bem-disposto para seu longo dia de múltiplas jornadas.

Os cabelos grisalhos não combinavam com a sua idade, novo ainda, na casa dos cinquenta. Os olhos castanhos brilhantes de um menino contrastavam com as rugas que lhe marcavam a pele. Seria feliz? Com certeza! Apesar de sempre lhe sugerir que reabrisse seu coração para alguém que lhe fizesse completo, garantia sua alegria no dia a dia.

— Não penso mais nisso, sou feliz assim e fim — me dizia sempre em resposta.

Richard chegou muito depois e precisou levar um lanche para comer no carro durante o percurso até a escola. Era a idade, li em artigos. Todo pré-adolescente dormia mais que a cama, comia por dois e resmungava por três.

— Tenham um bom dia! — desejei aos meus dois amores.

— Tchau, mana. Não se esqueça da minha guloseima!

— Pode deixar, meu gordinho gostoso. — Sorri.

— Ah, filha, avise se for chegar tarde e coloque água fresca para os filhotes.

— Sempre. — Fiz um aceno militar. — Pode deixar.

O trabalho acumulado me deixou completamente exausta, mas não se falta três dias de trabalho sem esse fato como certo. Às 19h, esperava ansiosa para relaxar numa conversa agradável com Tobias, chegar em casa e tirar os sapatos, engolir qualquer coisa e cair na cama. E quando o vi, me procurando pela janela, sorri satisfeita e seu olhar encantador acalentou meu corpo com o ânimo já em declive.

Desatamos a conversar logo de cara. Tobias estava preocupado com meu sumiço, então combinamos que poderíamos avisar um ao outro por mensagens de texto. Descobri, só naquele fim de dia, que ele estava fazendo corridas noturnas em alguns dias na semana. E eu lhe contei que fazia também, caminhadas em dias alternados, até poucos meses atrás, e que a atividade havia me ajudado a seguir a vida.

— Me ajudou muito, quando minha mãe nos deixou e quando sofri pela traição do falecido — confessei.

— Agora, corro do meu apartamento até à casa do meu avô, fico às sextas-feiras para jantar e nos outros dias permaneço uns vinte minutos — comentou, enumerando os benefícios, tentando me motivar para voltar à prática. — Posso passar na sua, correndo, fazemos um percurso juntos, caminhando. Depois sigo de volta.

— Parece bom!

— Acho que em quinze minutinhos, devo chegar à sua casa. Talvez em dez.

— Claro — aceitei. — Será ótimo! Mas só daqui a uns dias. Não ando muito disposta.

— Quando quiser! Corro quase toda noite — garantiu animado. — Só me ligar ou mandar uma mensagem. Agora preciso descer.

— Ah, já? Que pena! — exclamei chateada.

— Escuta — disse já de pé. — Topa ir num casamento comigo?

— Casamento?

— Sim. Amanhã te explico os detalhes... — Sorriu de um jeito quase moleque. — Boa noite, Isa.

— Boa noite. — Acenei.

Um casamento com Tobias? Sorri com a perspectiva. Por que não? Voltar a correr? Seria muito bom, sim, mas não em dias com cólicas menstruais. Se ele não desistisse do convite, tentaria a atividade física em dupla.

Minutos depois, naquela noite, cheguei a tempo de pegar meu pai cozinhando. A casa cheirava deliciosamente bem a alecrim, alho e talvez *catchup*.

— Boa noite, amores!

— Oi! — respondeu Richard, sem tirar os olhos do seu game.

— Espero que esteja com fome, filha! — exclamou papai.

— Morrendo — assumi. — Qual o menu?

— Costeletas de porco e macarrão integral ao alho na manteiga, para nós. Para você, o mesmo macarrão, um molho extra caseiro de *barbecue*, que você adora. Ah... e uma omelete feita no *micro-ondas*, com ovos que achei na geladeira e devem ser da semana passada.

— Que banquete! — elogiei. — Vou tomar um banho e volto logo. Ei, Richard, pega na minha bolsa seu chocolate, mas só para comer depois do jantar.

— Yes!!! — Deu um pulo, pondo-se em pé. — Obrigada, minha mana linda e maravilhosa!

Meu irmão era uma figura, a versão miniatura do meu pai, e sempre bem-humorado. Agora fazia reverência, agarrado em minhas pernas e arrancando risadas de todos. Percy, nosso cachorro, correu e se jogou entre nós, achando tudo uma ótima brincadeira.

Amava todos, não existia melhor lugar que meu lar. Fiz um ataque de cócegas nos dois e deixei o banho para mais tarde.



## Capítulo 9

Isa

Uma e quarenta e sete, acordei num salto. Outro estranho sonho erótico com o homem mascarado e, dessa vez, tinha sido tão... tão pesado, com cenas picantes dignas do Sr. Grey e seus cinquenta tons.

Voltei a dormir, tentando pensar em outra coisa. Quem sabe, o outro encontro que a colega Joice tinha arrumado, a festa de casamento que talvez fosse com Tobias ou um príncipe encantado chegando num cavalo branco.

— Mas, Bi, já tenho um encontro hoje — alertava meu melhor amigo naquela manhã.

— *Fico passado! Por que não me contou?* — questionou. — *Então, quem sabe, ao fim do dia. Um happy hour?*

— Amanhã.

— *Hoje!* — insistiu.

— Amanhã ou você cancela para sempre — ameacei.

— *Tá ok, Isa, amanhã.* — Deu-se como vencido. — *Depois te passo as coordenadas. No entanto, mantenha-me informado sobre esse almoço. Ok?*

— Com certeza — disse encerrando o debate via aplicativo de voz. — Beijos!

Horas depois, estava em frente à porta do local onde seria meu novo encontro arranjado. “Vamos lá, Isa!”, pensava. Evitei olhar muito em volta, entrei no restaurante e me servi do almoço. Pedi dois copos e deixei um deles vazio sobre

a mesa.

O pretendente me acharia assim, estaria de camisa branca. Esse era o combinado e que Deus nos ajudasse.

— Isa?

— Oi? Ah, oi! — Olhei perdida em pensamentos confusos.

— Posso sentar? Sou primo da Joice. — Acenou. — Rodrigo.

— Claro. — Sorri, encorajando-o.

O papo, de início meio desajeitado, foi bem, até ele perguntar se eu não ia me servir de mais comida. Quando falei que não, ele riu, achando que eu fazia piada.

— Como assim? Você só comeu salada e batata doce!

— Na verdade, comi muito mais que isso, você não reparou — comentei, meio sem graça, num sorriso.

— Vai sentir fome logo, logo — anunciou, de boca meio cheia.

— Acho que não, mas obrigada por se preocupar.

— Dieta? — inquiriu.

— Não — respondi suave. Esse primo da Joice, diferente do outro, era bastante falante.

— Não me diga que é vegana? — Soou rude para quem nem me conhecia.

— Vegana não, mas...

— Ah, então come essa carne — interrompeu. — Aqui ó!

— Não, não — tentei impedir a ação. — Eu...

Tarde demais, um naco de carne malpassada sangrava o meu suflê de espinafre. E não teve jeito, o cara insinuou que eu era louca por não comer, riu e depois ficou chateado. Vai entender! Saí dali constrangida e mal-falada, pois ele



achou que era desfeita eu não comer a carne que colocou no meu prato e que havia pagado por ela. Sugeriu sem meias palavras que pessoas como eu jogavam dinheiro e comida fora por bobagem, que na nossa cidade mesmo havia gente passando fome.

Joyce achou graça, aparentemente nada surpresa com a não timidez desse primo. Disse para não desistir, que tinha um vizinho gato perfeito para mim e, em breve, nos apresentaria. Rafael era esse novo pretendente a sapo. Rimos até doer a barriga e depois voltamos ao trabalho.

No fim do dia, antes de chegar ao ponto de ônibus, contei tudo por telefone a Abnel que, convicto, disse ter encontrado minha cara metade. Era Victor, amigo de uma amiga do escritório.

— Todos os seus amigos são cupidos? — perguntou Tobias quando resumi meu dia, sentada ao seu lado, em nosso ônibus.

— Espero que não. — Ri da pergunta, admirando seu sorriso cativante.

— Você acredita que vai encontrar um amor assim? — perguntou.

— Assim como?

— Em encontros marcados... Sei lá.

— Sim, acredito que vou achar, mas, em que circunstância, eu não sei.

— E se passar batido por ele? — questionou agora mais sério, com os olhos cinzentos brilhantes.

— Vou reconhecer. Todo mundo reconhece um amor *tipo The End*.

— Um amor *The End*? Vou anotar isso, gostei! — Fez que rabiscava um papel imaginário.

— Bobo.

— E meu convite, Isa? Será minha acompanhante?

— Onde? Data? — perguntei. — Talvez. Me fale mais sobre o evento.

— No próximo final de semana. Um casamento campal na Ilha da Coruja.

— Neste findi? Tão em cima da hora! — exclamei.

— Sim.

— Neste sábado... — tentei fazer um cronograma mental.

— Vamos num dia e voltamos no outro — confirmou cutucando meu ombro com o seu. — Será divertido, garanto!

— Posso responder amanhã? — questioneei insegura.

— Desde que diga sim, pode. — Riu.

— Certo. — Ri também. — Amanhã terá a resposta.

— Será legal, vamos de carro. Atravessamos até a ilha de balsa, comemos bolo com champanhe e podemos rir de qualquer coisa — sugeriu, com hálito de hortelã.

— Vou pensar, preciso ver com meu pai se ele não pretende sair. Tenho um irmão pequeno, como sabe.

— Pense com carinho.

— Claro, Tobias! Sou metade carinho e a outra metade também.

— Fico feliz em ouvir isso, mesmo que já soubesse. Até amanhã, Isa.

— Até!



## Capítulo 10

Isa

— *Isa, você precisa de um homem. Não pode ficar sozinha! Isso não é para você.*

— *Prefiro achar um amor. Não vou mais dar meu corpo a qualquer um.*

— *Seu corpo, suas regras. Porém, esses seus sonhos eróticos não deveriam perder a chance de se tornarem reais.*

— *Vai ser real! — garanti. — Quando encontrar o cara certo. Vai ser mágico e estou sob controle.*

— *Faz de conta que acredito — brincou do outro lado da ligação. — Agora, seja gentil com esse pretendente. E me ligue imediatamente para contar como foi seu almoço.*

Então eu tinha esse encontro que Abnel arrumou e depois, no início da noite, veria Tobias e precisava dar uma resposta sobre seu convite para ir ao tal casamento com ele. Fora isso, precisava responder com calma o e-mail que a filha da Clarinha, minha vizinha, havia mandado. Era sobre um site de encontros onde ela disse ter feito um perfil para mim. Havia muitas possíveis almas gêmeas à minha espera, garantiu, com sorrisos e corações na assinatura do e-mail.

Até meu pai, ateu convicto, comentou que, caso acreditasse em santos, brigaria com o Antônio. E que Fagner Antônio, seu eventual ajudante no escritório, tinha perguntado por mim e, num ato imprudente, papai havia dado meu número de telefone para ele.

Não estava desesperada por um homem, tampouco me achava velha ou encalhada. Toda minha pressa era para ser feliz, amar e ser amada, viver uma história de tirar o fôlego e encher o coração de paixão. Mas minha fama havia ganhado proporções anormais.

Tudo que desejava era amar. E em menos de cem dias, ou dos que restavam deles, de preferência. Pois meu único amigo de verdade estava de partida para outro país. E como Abnel mesmo disse: ficar sozinha não era pra mim. E ficar com qualquer um também. O destino vive brincando com as pessoas, comigo não era diferente.

— Oi. Sou o Carlo. Você é a Isa, certo?

— Oh. O-ooi — travei ao ver aquele cara gato.

“Meu Deus do céu!”, pensava, embasbacada, e o diálogo inicial foi ótimo. Ele era cativante, falante e daquele tipo de pessoa que te olha bem nos olhos. O sorriso largo, as pausas perfeitas e aquela sensação de ser um conhecido, íntimo. Era bom demais, tanto que fiquei empolgada e agradecendo Abnel mentalmente.

Impressionada até que sua palestra dermatológica, estética, cabeleireira, nutricionista, pseudoprofissional foi revelando um lado totalmente diferente do que eu imaginava. Victor se transformava em segundos, meus olhos talvez se arregalassem.

Tentei acompanhar, mas em certo ponto fui perdendo o ânimo, talvez entre o papo de usar leite de cabra para pele e complexo vitamínico de cachorro nas unhas e cabelo. Ou seria o contrário?

— Hidratante — garantia, muito sério e sereno.

— Ah, sim, hidratante. — Já estava no estágio em que só repetia a última palavra, no piloto automático.

— Então você faz esfoliação, hidrata e fecha os poros. No cabelo também, abre a cutícula com o sulfato do xampu e fecha com o condicionador. Precisa nutrir, hidratar e também reconstruir de tempos em tempos. Você usa o quê? Sabe, vinagre de maçã é mágico — explicava. — E olho de coco, ah, isso vale ouro!

— Olha, desculpa, Victor, o papo está ótimo, mas tenho que voltar ao trabalho.

— Claro, também preciso ir. — Levantou-se.

— Foi um prazer, me desculpa — pedi levantando rapidinho. — Até mais!

— Me liga! Adorei conhecer você.

— Eu também — garanti. — Pode deixar. Até!

No caminho de volta, liguei para meu BFF. Apesar do fracasso, estava de bem com a vida e já comecei a conversa rindo.

— Bi, você me marcou um encontro com um cara gay?

— *Ele disse?* — engasgou do outro lado da linha.

— Não. Mas ele é.

— *Pois ele garante que não. Muito ruim?*

— Para um consultor de beleza, ótimo. Para um amigo, maravilhoso. Para namorado, só se for da Barbie — brinquei.

— *Ou do Ken!* — debochou, soltando uma gargalhada.

— Você não vale nada! — gargalhei feito louca no meio da rua.



## Capítulo 11

Isa

### Dia 68

A caixa de entrada estava cheia, o estoque também, as vendas foram medianas, havia muitos distribuidores para contatar, manuscritos para descartar e envelopes para despachar. Da Bienal estávamos fora, totalmente sem caixa para isso. Onde estava o *glamour* de trabalhar em uma editora de livros? Eu simplesmente não gostava da atividade que exercia.

— Pai, eu só tenho quinze minutos de intervalo — respondi, sem paciência.

— *Ele só quer isso mesmo, vai lá encontrar o garoto.*

— Dez minutos, pai — enfatizei. — Estarei na padaria às dezesseis horas em ponto!

— *Ele estará lá* — disse, desligando, todo animado.

Faltavam quinze minutos para as quatro da tarde quando descí e caminhei até a padaria da Anchieta Medeiros. Quem sabe um café forte me ajudaria a melhorar o dia? Ou então, balas de mel, recordei da teoria de Tobias.

No trajeto, fiquei perdida em pensamentos. Abnel tinha razão, eu precisava arrumar também o resto da minha vida e a parte profissional era fundamental. Meu desejo era largar tudo e trabalhar por conta, como tradutora, quem sabe começar a cogitar de verdade. Esse era meu sonho e a insatisfação com a editora já estava forte demais.

— Isa?

— Oi, Fagner. Eu tenho só uns minutos... — antecipei-me, ainda refletindo sobre a vida.

— Pra você. — Ofereceu uma caixa violeta que trazia.

— Pra mim? Bombons? — Sorri, eram de cerejas. — Nossa, obrigada! — agradei, era um bom começo.

— Seu pai diz que você adora chocolates.

— É, eu gosto sim — falei contente. — Não esperava, confesso, ganhar tão atencioso presente! Obrigada, mais uma vez.

— Eu vou direto ao assunto, Isa — falou, já sentado, cruzando as mãos sobre a mesa. — Sei que você precisa voltar ao trabalho — explicou, sério. — E também porque gosto de ser objetivo.

— Ok... — Meu sorriso foi desmoronando.

— Eu sou solteiro, trabalho e tenho boa renda, quero ter uma família, sou um cara direito e gostaria de tentar namorar você.

— Gente! — exclamei, sem reação, soltando uma risadinha nervosa. — Eu... Nossa! — Estava perplexa.

— Acho que somos adultos e esses assuntos podem ser mais fáceis. Não acredito em romance, não acho que exista amor e sei que um relacionamento deve ser baseado na franqueza — explanou calmamente.

— Não acredita em romance? — Encarei seus olhos.

— Não.

— Mas você me trouxe bombons! Isso é romântico. — Apontei.

— Tentei apenas comprar você com um pouco de gentileza. — Deu de ombros, sincero até demais.

— Bem. Certo. — Suspirei com força. — E não acredita no amor? —

perguntei. Aquilo parecia uma reunião de negócios.

— Não nesse amor que as pessoas sonham. Acredito em união. E que toda mulher tem a vida amorosa que deseja.

— Toda união tem sentimento...

— Talvez — interrompeu. — Mas não necessariamente. E então?

— Então o quê? — Levantei as sobrancelhas.

— Vamos tentar namorar? — disparou.

— Olha, Fagner, você parece ser um cara legal, mas esse seu modo tão direto chega a ser estranho.

— Estranho? Você também está encalhada. Bobagem perder tempo!

Engasguei com o café e, depois de meditar por dois segundos, levantei, peguei meus chocolates e saí dali, rindo e deixando-o plantado, sozinho. Fagner que pagasse a conta do lanche e depois cobrasse do meu pai.

O dia estava se tornando uma grande piada e, por isso, resolvendo que precisava relaxar, fui ouvindo um pouco de MPB. Chico Buarque, com aqueles olhos e sua voz, me fazia bem.



Em minha sala, respondi e-mails fofos de blogueiros que ajudavam em nossas divulgações, falei com o novo distribuidor de São Paulo, embalei livros para serem despachados nos Correios e recebi, talvez, onze originais impressos para ler. A trilha suave, nos fones, fez-me bem (e os bombons também).

A caminho do ponto de ônibus, cansada da minha rotina, resolvi aceitar o convite de Tobias para acompanhá-lo no tal casamento. Seria bom desopilar, passear um pouco, comer bolo e me esquecer de como meu feijão com arroz era chato, além de meus encontros estarem sendo um fracasso total.



Faltavam agora menos de setenta dias para a viagem do meu melhor amigo, mesmo número de dias para o fim da minha meta em busca do amor. E o que eu faria, caso não o encontrasse? Desistiria, me contentando em ficar sozinha?

Não, não tinha ideia...

— Oi.

— Oi!

— Cansada? — perguntou Tobias quando desabei no banco ao seu lado.

— Muito. — Percebi ali que a vontade de vê-lo já era maior que tudo.

— Quer uma bala de mel? — Ofereceu prestativo.

— Melhor não, ou não vou entrar no único vestido que tenho. Além disso, já comi a cota da semana toda, hoje. — Abri a bolsa tirando os três chocolates restantes que havia ganhado. — Esses guardei para você.

— Hum... Valeu! — Sorriu, charmoso. — Ouvi a palavra vestido?

— Para te acompanhar — confirmei casualmente. — No casamento.

— Confesso que esse sim me fez valer o dia exaustivo. Apesar de que, um não, jamais aceitaria — resumiu, realmente parecendo cansado.

— Que houve?

— Um caso de microcefalia que estou cuidando.

— Parece sério.

— É sim. Mas agora vamos combinar nosso final de semana — sussurrou, como se fosse segredo. — Saímos sábado bem cedo. Te busco em casa, vamos de carro e pegamos a balsa até a ilha. Chegaremos umas duas da tarde. Mais ou menos.

— Que horas é o casamento do seu amigo?

— Prima, da minha prima. Tenho o convite aqui na mochila. Olha. —

Entregou o envelope dourado. — Pode ficar.

— Obrigada, é lindo! — Analisei com atenção. — Às dezoito horas casam-se então Valéria e Clayton. — Sorri.

— Isso. E no domingo haverá um grande almoço. Voltamos logo em seguida ou bem no final do dia. Como você preferir.

— Está bem. Divido o valor da gasolina com você.

— Não precisa.

— Precisa sim, vai gastar uma fortuna. Dividimos a despesa — afirmei. — Entretanto, esse carro, você vai pegar emprestado? Porque, se precisar, meu pai tem...

— Não se preocupe com isso. Só esteja pronta, com um sorriso. Mais nada.

— Está bem — concordei. — Caso precise, eu pago...

— Isa, me deixa cuidar de tudo. Posso mimar você nesse final de semana? Talvez precise disso.

— Eu ou você? — brinquei.

— Nós dois.

— Tem razão, vou deixar. — Encostei, brevemente a cabeça em seu ombro. — Amigos sempre sabem do que precisamos.



## Capítulo 12

Isa

A quarta foi marcada por um jantar ótimo, que Abnel produziu lá em casa. Papai adorava esses eventos que meu amigo nos proporcionava uma vez por mês, pelo menos.

Assim sendo, não encontrei Tobias, pois precisei fazer umas compras e também ir à floricultura. Tivemos hambúrgueres vegetarianos e complementos estupendos em um banquete repleto de molhos, condimentos e muitas coisas gostosas que faziam de qualquer pão gostoso pequeno.

A sobremesa sempre era meu pai que preparava, no mais absoluto sigilo, com antecedência ou na hora. Desta vez foram maçãs carameladas quentinhas, que faziam um maravilhoso dueto com o sorvete caseiro de leite condensado também feito por ele. Tivemos a satisfação de provar um novo sabor, servindo como cobaias: sorvete de amendoim com conhaque. Simplesmente perfeito e tanto que Abnel disse que iria patentear.

— O senhor está ficando um especialista nesse ramo também!

— Você não conta, Abnel, já é da família. Outros não gostariam, tenho certeza.

— Na-na-ni-na-não! Ainda vou te convencer a aceitar sociedade comigo em uma sorveteria inovadora!

— Olhe, rapaz, não me tente. — Meu pai Riu. — Sou capaz de aceitar.

— Pai, tem mais calda de chocolate? — pediu Richard.

— Claro, filho. Mas terminando de comer, vá para o seu quarto dormir, já passou da hora e amanhã tem aula logo cedo.

— Ah, não!

— Ah, sim. Sim, senhor. E escove bem esses dentes! — orientou.

Nessas noites, Bi dormia lá em casa, numa grande cama, que fazíamos no chão. Era como uma festa do pijama. Como dois irmãos, íamos até muito tarde, conversando e assistindo a algum filme ou série. Ele apoiou totalmente meu passeio com Tobias, pois assim eu teria a oportunidade de conhecer pessoas novas e, quem sabe, um cara bem interessante nesse casório.

Falamos sobre dicas de maquiagem, de como deveria arrumar meu cabelo e também como me portar quando visualizasse algum bom e possível pretendente. Além disso, discutimos por meia hora sobre o fato de eu não ter comprado um vestido novo para o evento.

— Esse preto já está cinza! Nem pensar — brigou comigo.

— E esse?

— Jesus na causa, Isa! Você não pode vestir bege!

— Nude.

— Bege calcinha da sua avó. Porque a minha não usaria isso!

— Só sobra esse então, Bi, precisa servir. — Mostrei um tubinho clássico azul-marinho.

— Olha, marinho não faz meu estilo, mas esse corte básico não vai destoar. Você capricha no *make* e faz o que comentei no seu cabelo, vai ficar bom.

— Ótimo.

— Se fosse você, ainda corria atrás de um novo...

— Não posso gastar, não tenho mais limite no cartão de crédito e hoje é meio de mês.

— Eu te empresto.

— Vestido não é uma prioridade, mas obrigada pela oferta.

Com os meus argumentos, ficou decidido o vestido marinho, cabelo e make meio anos 80. Também combinamos que eu iria aproveitar para conhecer novas pessoas e me divertir. Escolhemos as bijuterias e também o sapato, sempre com muita expectativa.

Depois de uma maratona com vários episódios de Grey's Anatomy, uma série linda, pela qual éramos apaixonados, embarcamos no final de outra, com muitos casos de investigação desvendados. Fomos dormir relaxados, após algumas taças de suco de laranja batizado com vinho branco e folhas de hortelã. Outra criação de meu amigo que, além de lindo e inteligente, era o melhor alquimista de drinques que eu conhecia.

— Lembre-se de que o amor é como o mar: lindo, te seduz e depois te afoga.

E com essa pérola *à la* Abnel, fui dormir e sonhei com o tal homem mascarado. Havia uma piscina de água cristalina e cenas apimentadas, que no final se transformaram num quase afogamento e me fizeram acordar agitada.

Faltava ainda uma hora para amanhecer. Dormi novamente, aproveitando para abraçar meu melhor amigo e imaginar que, na verdade, o amor era um bote salva-vidas. Seja qual fosse sua vertente, forma ou intensidade, sempre salvaria almas e corações. Eu me negava a acreditar que burrice e romantismo andavam lado a lado.

Acordei primeiro e, depois do banho, fui preparar o desjejum para todos. A mesa ficava mais cheia e alegre com Bi, me fazendo desejar ainda mais uma grande família. Papai foi levar meu irmão na escola e depois trabalhar no escritório. Eu peguei carona, no carro de meu amigo, até o trabalho e iniciei meu dia da melhor forma possível.

— Vamos contratar mais dois estagiários — decretou meu chefe, Berto, logo quando cheguei.

— Como assim? — Sorri esperançosa.

E meu dia só melhorava, era uma maravilhosa notícia. Ótima para mim e

melhor ainda para a editora.

— Além disso, um sócio vai injetar capital por aqui. Quem sabe até melhore seu salário, Isa!

— Um sócio investidor? Que fantástico! Quem é?

— Ainda não o conheci, estou tratando com o advogado e com a filha do cara, mas o que me importa? Vamos crescer, finalmente! — extrapolava de felicidade.

— Berto — chamou Joice. — Essa moça diz...

— Não precisa me apresentar, querida — disse a mulher olhando por sobre o ombro, parecia esnobe.

— Claire Di Carlo — falou meu chefe como se o nome fizesse algum sentido. — Estava comentando agora mesmo que seu pai agora é sócio da editora.

— Pegue um café para mim — disse a mulher sem me olhar direito. — Fiz uma lista, Berto, podemos conversar na sua sala? — perguntou ao homem que ainda sorria.

— Claro, vamos! — Direcionou a patricinha, que deveria ter a mesma idade que eu, porém vários centímetros a mais. — Meninas, alguém traz um café para ela, por favor? — pediu constrangido, já que aqui cada um fazia seu próprio café.

— Pode deixar — Joice adiantou-se sumindo para nossa pequena cozinha.

O clima foi animado e próspero todo o dia, depois que a loira foi embora e levou seu nariz empinado. Na vinda do trabalho estava entusiasmada, caminhei ligeiro, impacientemente pelo ônibus da Linha Azul e, pela janela, vi seu sorriso iluminar mais uma vez meu fim de dia. Sempre era assim, desde que começamos a conversar.

Sentiria saudade de Tobias até mesmo sem o conhecer.



## Capítulo 13

Isa

Ele sorriu ao me ver, sempre estava na janela me olhando. Quando subi, apressei logo o passo em sua direção. Como também sempre fazia, levantou-se para que eu sentasse à janela e depois se acomodou ao meu lado. Os olhos azuis acinzentados e o cabelo escuro empurravam-me para o lado celestial da força.

Há abraços que arrepiam a pele e recarregam o coração, mas outros não. Pensava nisso, acho eu, quando sentei ao lado de Tobias no ônibus, envergonhada pela blusa suja de café há quase duas horas. Nosso aperto de corpos foi visivelmente irradiador, clareando o lugar, que vinha opaco pelo cansaço coletivo.

Ele estava invariavelmente impecável, com sua roupa sempre em tons de branco, bege, cinza muito claro ou café com leite suave. O jaleco branco dobrado, com uma parte para fora da mochila, denunciava sua área de atuação.

— Oi! — Dei um beijo no rosto, depois de um abraço rápido que mexia comigo.

— Oi — retribuiu, caloroso.

— Como você está?

— Melhor agora. E você?

— Cansada, mas bem — respondi. — E esse tempinho? Parece que esfria.

Era sempre esse nosso diálogo inicial. Com pequenas variações, muito pequenas, trocávamos sorrisos e palavras comuns que me faziam sentir muito

bem. Um abraço curto, antes das palavras, recarregava minha alma e meu solitário coração.

Ele era o típico homem que toda mãe gostaria de ter como genro, sem dúvidas. Honesto, trabalhador e esforçado técnico em enfermagem. Um cara gentil, bonito e que ainda por cima parecia ser bastante inteligente.

— Pode ser?

— Hã? — Fui pega perdida em pensamentos. — Ai, desculpe! O que você disse?

— Onde você estava? Algum problema? — questionou.

— Não, ao contrário, o dia foi bem tranquilo.

— Ainda bem. Então, eu perguntava se está tudo bem eu te buscar às oito, amanhã.

— Sim, tudo bem.

— Muito cedo, não é?

— Imagina! Por mim, pode ser sim. — Acenei positivamente. — E como está seu avô?

— Está bem. Dia sim, outro não. Vou até lá, sempre. Mas sinto que ele sente muito minha falta em casa — comentou cabisbaixo.

— Criamos rotinas e as costuramos em nossos corações.

— Ele irá gostar de você.

— Será? Tenho um carinho grande por ele, mesmo sem conhecê-lo pessoalmente.

— Em breve espero ter uma oportunidade de apresentar vocês — afirmou. — Bem, então tudo combinado, às oito?

— Amanhã. Tudo certo, mas me diga: você vai chegar às oito, oito e meia ou quinze para as nove?



— Como assim? — Franziu o cenho, com um meio sorriso nos lábios.

— Olha, eu perguntei porque sou muito pontual e detesto ficar esperando. Além disso, as pessoas hoje em dia têm mania de chegar sempre bem depois dos horários marcados — relatei franca. — Ficam dizendo tal hora, já sabendo que nem vão ter saído de casa ainda...

— Estarei lá, às oito. Agora respira, você falou tudo isso num só fôlego. — Riu.

— Desculpa, vai me achar uma neurótica — debochei de mim mesma.

— Relaxa. Não vou achar nada e estarei lá na hora marcada. — Piscou carinhoso.

Quando cheguei em casa, ao girar a chave na fechadura da porta, estranhei o silêncio. Dois passos depois vi meu pai e meu irmão dormindo no sofá da sala. A TV estava ligada em um programa de pesca esportiva, havia uma caixa de pizza semivazia sobre uma cadeira, copos com restos de refrigerante já sem gás e Percy aninhado nos pés deles, com Pacat sobre suas costas feito um filhote de macaco.

Era uma cena linda, eu amava demais todos eles e me sentia agradecida a Deus por isso todos os dias. Não, diferente do meu pai, eu não era atea. E também não era pulga de religião, como minha mãe, que estava toda hora “pulando” de uma para outra. Eu tinha fé no destino, tinha fé em Deus como uma força suprema e também acreditava na reencarnação. Não seguia uma única religião, pois mantinha minha fé em detalhes pregados em diferentes linhas. Era espiritualidade, somente.

Tirei uma foto deles, com o celular, depois acordei meu pai e mandei-o para a cama, mas antes ele levou Richard para o quarto dele. Arrumei um pouco da bagunça e fui dormir, acordaria cedo no dia seguinte. Antes, bebi um copo de suco, engoli uma fatia de pizza de calabresa, sem a dita cuja, e desabei na minha caminha. Sequer tive tempo de rever meu dia, adormeci.

O despertador do velho celular berrava. Espiei o barulhento e desliguei, fechando os olhos só por mais cinco minutinhos.

Lá no fundo, ouvi o barulho da moto de meu vizinho saindo de sua garagem e

isso me fez despertar de vez. Olhei as horas, a tela dizia mais de sete e vinte da manhã.

— Sete e vinte e sete? Ai, meu Deus, sete e vinte e sete! Como esse celular não despertou antes? — resmunguei, pulando da cama feito uma garça desengonçada.

Eu tinha meia hora para tomar banho, lavar e secar o cabelo, tomar café, escolher uma roupa, turbinar a bolsa de viagem, pegar o vestido que havia deixado na área externa para tirar o cheiro de guardado e...

— Aiii, não vai dar tempo! — choraminguei, pois lavar, secar e escovar o cabelo, toda mulher sabe que isso é um evento.

Fiz tudo da forma mais apressada possível, vesti um suéter branco e uma calça de sarja verde-petróleo, com a sapatilha nude mais novinha que tinha. Passei muito trabalho para secar o cabelo sem dar volume, precisando recorrer à prancha de alisamento, que enfiei ainda quente na bolsa de viagem.

Maquiei-me com uma base já com filtro solar, batom Rosa Medieval e uma máscara nos cílios. Estava pronta, mas sem ter feito meu desjejum.

— Oito e dois — constatei.

Peguei uma caixinha de água de coco, dois pacotinhos de bolacha água e sal, três bananas e uma maçã. De fome não morreria, enfiei tudo na bolsa.

Uma buzina chamou minha atenção, era ele. Olhei para o relógio na parede da cozinha. Pontual, oito e pouquinho, sorri, satisfeita.

Terminei de me despedir de meu pai e Richard e, claro, fazer inúmeras recomendações para os homens da minha vida. Deviam trancar a porta, cuidar dos nossos pets e comer alguma coisa além de pizza.

Quando finalmente fechei a porta e saí ao encontro de Tobias, quase não acreditei no carrão que me aguardava, com ele ao volante. Educado, desceu e pegou a bolsa da minha mão, colocando no porta-malas do carro reluzente.

— Olá! Olá e bom dia! — Beijou rapidamente meu rosto. — Você está cinco minutos atrasada. — Sorriu.

— Bom dia, foi mal. — Senti as bochechas corando. — Mas que carro é esse!

— Gostou?

— Depende, você roubou? — Apertei os olhos, mostrando desconfiança.

— Não. Fique tranquila. — Deu um sorriso largo perturbador. — Pode entrar, vou colocar seu vestido no banco de trás para não amassar.

— Ah, sim, obrigada.

— Agora, sério, de onde você tirou esse carro? — questionei novamente, afivelando o cinto de segurança.

— Tenho minhas fontes, pode confiar. Nesse momento exato, precisamos zarpar, pois a balsa parte em pouco mais de uma hora.

Acomodada confortavelmente no banco do carona olhei ao redor. Era quase lúdico o interior do carro. Ao fundo, ouvia a diva e cantora Adele esbanjar talento nos imperceptíveis alto-falantes. Não tive coragem de comer absolutamente nada ali dentro, era certamente um automóvel caro, que Tobias tinha conseguido emprestado ou alugado, e eu, sempre tão desastrada, acabaria estragando alguma coisa. Concentrei-me, assim, em respirar e conversar, sem maiores movimentos.

Tobias estava diferente do que via todos os dias. O cabelo, no seu rabo de cavalo finalizado com um charmoso coque, lembrando um samurai, estava mais alinhado, com gel, dando mais estilo e elegância. Os fios escuros brilhavam à luz matutina, era a primeira vez que nos víamos pela manhã.

— Que elegância você! — elogiei.

— Não gostou? — perguntou inseguro.

— Adorei. — Tossi, sem graça. — Você está muito bem, sim!

— Obrigado, Isa. Você, como sempre, está linda — disse com sua voz suave.

— Na verdade, agora, vendo você assim, tão alinhado, peço desculpas, pois escolhi a roupa errada — assumi, sem graça.

— Não seja boba — repreendeu. — E agora me diga, aquele garotinho é seu irmão?

— Sim, espiando na janela, junto ao meu pai — debochei. — Façamos de conta que não os vimos nos espionando atrás das cortinas.

Tobias riu e seguimos conversando, eu o admirando à luz do sol e achando-o mais bonito e com ar mais descansado do que no ônibus, ao final de um longo dia de trabalho.

Claro, já havíamos almoçado juntos uma vez, mas era completamente diferente. A boca bem marcada e os olhos mais azuis do que acinzentados o tornavam uma mistura do cara que fez *Thor* com Ian Somerhalder. Usava uma camisa escura, de um tom quase púrpura, e uma calça jeans desbotada. Nos pés, um sapato que mais parecia tênis.

Sua companhia sempre agradável nem me fez notar o percurso. Assim que entramos na balsa, saímos do carro e fui lanchar rapidamente, antes da marola enjoar meu estômago vazio. Encostados, olhando a água, comemos as coisas que levava na bolsa e descobri que ele era apaixonado por bananas, mais até do que Richard.

Dez minutos depois, engasguei com um gole de suco que entrou errado, quando Tobias me fez um pedido inusitado.

— O que você disse? — Tossi, engasgada com a novidade.

— Preciso que finja ser minha namorada.

— Por quê?

— Eu meio que menti. Mas tudo bem. Posso dizer que terminamos, sei lá. — Encolheu os ombros.

— Você mentiu, por quê? Para quem? — Ri, curiosa e ao mesmo tempo perplexa.

— Para todos os mais próximos. Mas foi só porque a irmã do noivo é minha ex — defendeu-se.

— Ex? — Aquilo também era novo.

— Sim. Acabamos há um bom tempo, mas todos sabem que foi difícil. — Olhava o horizonte.

— Ah, começo a entender.

— Motivo justo, como pode perceber. Só quero evitar que...

— Não precisa dizer, pode deixar. Ela vai perceber que você está muito bem, todos vão. Serei uma ótima namorada — garanti segura.

— Quase noiva.

— Que seja. Mentira boa nunca consegue ser pequena. — Pisquei, sorrindo.

— Obrigado — agradeceu aliviado.

— Como posso te chamar? Meu amor, benzinho, moção?

— Pode ser só Tobias. — Riu.

— Hum, vou pensar num apelido...

— Isa, não precisa. — Arregalou os olhos teatralmente.

— Isa não! Me chame de amor, meu amor. Sempre quis um namorado superapaixonado, que me chamasse assim.

— Tudo bem. — Bateu leve continência. — Será fácil. Obrigado mais uma vez.

— Prometa que será divertido — pedi.

— Eu prometo, meu amor.

— Combinado, love — tentei, pensativa. — Cachorrão, lindo, anjo, tchutchuco. Não, tigrão... — falei.

— Isa...

— Que foi? Não ria! Estou apenas testando.

— Isa... — riu.

— Ela vai se arrepender por ter largado você, relaxe. — Sorri com convicção.  
— Você é inteligente, simpático, trabalhador... Tobias, você é incrível, só precisa acreditar nisso. O mundo gira.

— Não infle tanto meu ego...

— O fogo queima, mas também pode esquentar — falei baixinho, trocando o anel de quinze anos para o dedo que, uma noiva, deveria carregar um.

— Você é perfeita, Isa Marie.

— Não infle tanto meu ego, meu querido-quase-noivo.

Conversamos muito, aproveitando a brisa. A balsa era firme e não chegava a balançar, deixando a travessia bastante tranquila. Havia somente poucos carros por vez, entretanto muitas pessoas enchiam o "convés".

Falamos de livros, música, trabalho, porém ele não quis dar detalhes sobre sua ex, como era ou por que terminaram. Faltando meia hora para chegarmos, fomos para dentro do carro, pois o vento havia aumentado fazendo a temperatura cair bastante.

— Você se importa que eu descanse um pouco? — perguntei. — Estou um pouco sonolenta.

— Deite ali no banco traseiro, colocamos as coisas aqui na frente. Assim, você dorme tranquila.

— Talvez nem consiga, mas não quero estar exausta durante a cerimônia.

— Com certeza, pois teremos um longo fim de dia e noite ainda. Descanse.

— Obrigada — agradei depois que arrumou tudo para mim.

— Toma, tenho essa manta sempre no carro, você pode se cobrir.

— Ah, ótimo! — Fiquei realmente grata. — Mas esse carro é seu?!

— Vá, menina, depois conversaremos — falou, pegando um livro no portafolho. — Durma um pouquinho.

— Tobias — falei, já deitada, com as pernas encolhidas. — Você me faz muito bem. Também gostaria de fazer isso a você.

— Você já faz, Isa. Já faz — garantiu espiando-me pelo retrovisor.

Dormi ao som do folhear de páginas do livro que ele lia cujo título guardei na memória, afinal de contas, nos dias de hoje, não se vê homens lendo *O morro dos ventos uivantes*! Eu precisava ler, imediatamente, inteiro desta vez.

Seu perfume preenchia o ar, e a sensação de ser zelada era a combinação perfeita para me fazer sonhar. Sonhar de tudo um pouco, mas, principalmente, imaginar besteiras.

Nesse sonho, o homem mascarado estava vestido com roupas de época. Era lindo, mesmo com mangas bufantes. Eu usava somente corpete e calçola bege, estava em frente a uma cama cheia de pétalas de rosas. Ele beijava meu pescoço, se esfregando em minhas costas, sensual e provocante. Suas mãos ágeis massageavam meus seios, fazendo escapar de meus lábios gemidos, até que...

— Não pare — falei.

— Isa?

— O quê? Hã? — Abri os olhos. — Céus, desculpe! Estava sonhando.

— Estava, talvez, tendo pesadelo — disse preocupado. — Você gemeu baixinho. Tudo bem?

— Sim. Tudo super — garanti me ajeitando.

— Muito ruim?

— Na verdade, não. — A vergonha interna era imensa. — Apenas um sonho recorrente.

— Depois você me conta. Chegamos, precisamos desembarcar — avisou.

— Um minuto, vou aí para frente — falei, tentando me recuperar.

Precisei de longos minutos para acalmar a excitação que habitava meu corpo, graças ao tal sonho. Meu íntimo dizia, ou acusava, que estava me transformando numa viciada em sonhos eróticos, graças a minha falta de ação no mundo real.

Sacudi a cabeça e pulei para o banco do carona, bebendo água direto no gargalo da garrafa plástica.

Sáímos da balsa em seguida, passamos de carro por verdes campos, uma pequena cidade-sede na ilha, casas requintadas e outras simples. Era tudo lindo, mas, quando visualizei a casa onde seria o casamento, meu queixo caiu. Era uma fazenda magnífica e com uma decoração estonteante, que me fez engolir em seco.

Fitas brancas de cetim balançavam ao vento, penduradas nas árvores de ambos os lados da estrada de acesso para a casa. O dia, mesmo nublado, deixava tudo bonito: as cercas recentemente pintadas de branco e, ao longe, estrelas dançavam a nossa frente, presas em fios transparentes.

Muitos carros estavam estacionados e manobristas trabalhavam com elegância.

— Meu Deus, Tobias, quanto luxo!

— Não devem ter poupado para o casamento da filha mais velha.

— Nunca vi nada assim — falei, impressionada, descendo do carro, que foi levado por um dos manobristas.

Nossas bolsas foram carregadas para dentro, contudo pegamos os trajes da festa e levamos conosco. Uma moça correu para nos receber, era linda, com talvez quinze anos e os cachos impecáveis sacudiam como pequenas molas de um louro perolado. Abraçou Tobias com carinho e sorriu gentilmente para mim.

— Finalmente sua namorada misteriosa está aqui! E é muito bonita.

— Namorada? Ah, ah, sim. Hã, obrigada — falei, pegando a mão de Tobias de forma desajeitada.



E assim que nossos dedos se entrelaçaram e as palmas ficaram unidas, foi como se sinos tocassem em meus ouvidos ou como se abelhas zumbissem nos tímpanos. Senti o coração acelerar. Nosso contato visual foi instantâneo. Podia jurar que ele também sentiu alguma coisa, mas tudo ficou em segundo plano, pois a garota começou a falar sem parar.



## Capítulo 14

Isa

— Por que você sabe que somos melhores amigos, não é? — dizia a menina, com a voz cheia de energia, levemente aguda, que as adolescentes carregam. — E sei tudo sobre você. Então, espero que a gente se dê bem e que você faça meu primo-irmão lindo muito feliz!

— Pode deixar — respondi, sorrindo, sentindo que “meu namorado/quase noivo” apertava minha mão com carinho.

— Tobias! Venha, entre, meu querido! — disse uma senhora elegante, aproximando-se de nós. — Cassandra, deixe seu primo respirar!

— Mas, mãe... — Revirou os olhos.

— Vamos. — A garota puxou de leve minha mão. — As apresentações vão começar.

— Está pronta? — questionou Tobias, sussurrando.

— Confia em mim, sou sua namorada agora.

— E vai me beijar? — perguntou ele, brincando.

— Claro que não, não agora. Argh! Entrem logo — disse a menina vestida como a Cinderela, com desdém exagerado.

Com ânimo leve, espiei, mais uma vez, o espaço do jardim todo organizado para a cerimônia de casamento. Inúmeras cadeiras enfeitadas, todas em filas perfeitas, com cetim branco e laços salmão. Um tapete vermelho as separava,

fazendo um caminho delicado salpicado de pétalas de rosas brancas pelo chão e buquês de flores de jasmim delimitando esse trajeto, que tinha seu final num pequeno altar. Lá, uma cruz, uma grande vela e mais flores aguardavam um possível padre e os noivos.

Talvez nunca tivesse parado para pensar no assunto, não de fato, mas, naquele exato momento, eu estava decidida a me casar um dia. Não simplesmente casar, mas ter uma cerimônia e um dia especial só para mim e o homem que me faria feliz pelo resto da vida.

— Sim — escapou a palavra de meus lábios.

— O que disse? — perguntou Tobias.

— Eu? Nada. — Dei de ombros.

— Onde estão todos dessa casa, tia Ana? — questionou Tobias, dando-lhe um abraço afetuoso.

— Seu tio está resolvendo alguns detalhes lá no escritório, sua prima está no quarto, com um batalhão de pessoas a preparando. O noivo também deve estar se arrumando ou descansando.

— Provavelmente dormindo, se bem o conheço.

— Provavelmente — confirmou a futura sogra, franzindo o semblante.

— E os convidados devem chegar em duas horas ou menos. Mamãe e eu somos as anfitriãs oficiais desse espetáculo — completou Cassandra, orgulhosa. — Na verdade, isso não é um casamento. É uma maratona.

— Vocês podem subir.

— Onde a Isa irá dormir? — perguntou Tobias a mulher de meia-idade, superconservada. — Sabe, minha tia tem regras sobre meninos e meninas no mesmo quarto...

— Não seja bobo. — Deu um tapinha no ar, bem-humorada. — Já não sou tão rigorosa como quando eram adolescentes.

— Ok. — Ele sorriu e apertou minha mão discretamente. — Isso é bom.

— Arrumamos um dos quartos de hóspedes para ambos. Fiquem à vontade — indicou dona Ana. — Qualquer coisa peça para algum criado, não façam cerimônia!

— Mãe, não se usa mais essa palavra.

— Como? Qual palavra, Cassandra?

— Não se fala mais assim, é errado. Você deve dizer secretários e não criados. Ou colaboradores.

— Está bem, Cassandra. Que seja — respondeu a mãe, sacudindo a cabeça em negativa.

— Tobias, seu avô virá? — perguntou. — E minha irmã?

— Ainda não sei, tia, tudo depende de como ele estará. Porém, acredito que não.

— Compreensível — lamentou. — A idade, às vezes, chega cruel para muitos. Agora subam para descansar da viagem e se arrumar em seguida.

— Obrigada — agradecemos, deixando as duas anfitriãs em paz.

Subimos a escadaria, muitos empregados e organizadores rodavam pelo lugar. Comida, bebida e tudo mais era finalizado. De hóspedes na casa, somente nós dois, acreditava Tobias.

A noiva se preparava numa suíte e o noivo em outra. Os pais do noivo talvez estivessem ali, não sabíamos. Havia muito burburinho e expectativa, faltava agora pouco tempo para o ritual, que seria seguido de muita festa numa recepção para os cinquenta convidados seletos. Contudo, a promessa era de não invadir a madrugada, pois, no dia seguinte, haveria um grande almoço para, aí sim, um número maior de convidados. O dobro, talvez o triplo, comentou-me Tobias.

Seguimos de mãos dadas, sem percebermos. Parecia tão natural que sequer pensei em separar nosso toque. Só ao entrarmos no aposento que ele soltou-as, relutante.

— Como me saí? — indaguei imediatamente.

— Muito bem — respondeu. — Obrigado. Mas o pior está por vir.

— Não seja dramático.

— Se preferir, podemos fingir uma briga. Ou fugir daqui — convidou apontando para a janela.

— Claro que não! É só um namoro de mentira por dois dias. Relaxa, será divertido.

— Já estou feliz por sua companhia. Agora me diga, não quer descansar um pouco? — Gesticulou para a grande cama.

— Bom... — ponderei. — Você vai me achar uma dorminhoca se me jogar nessa cama por vinte minutinhos?

— Não, não vou.

— Então, ok. Vou descansar um pouco antes de ir para o chuveiro, colocar o vestido e fazer uma maquiagem. E você?

— Eu? — perguntou confuso.

— Sim, vai ficar aí me olhando dormir? — Ri. — Fico meio sem jeito.

— Eu vou para o banho, depois vou me esticar um pouco também...

— Aqui na cama? — perguntei, já me acomodando.

— Não se preocupe, fico ali no sofá. — Apontou. — Para vestir o terno são cinco minutos, então tenho tempo de sobra.

— Ao sair do seu banho, me chame — pedi. — Não quero tirar mais que um cochilo.

— Combinado. Pode ficar tranquila.

Tobias levou uma bolsa de viagem para o banheiro e se trancou lá. Minutos depois, o barulho do chuveiro já me fazia piscar lentamente. Sem as sapatilhas,

eu me aninhei nas almofadas e travesseiros fofos sobre a cama coberta por uma lindíssima colcha bordada de branco e dourado.

— Devia ter comprado o vestido novo que Abnel sugeriu — sussurrei antes de cochilar.

Suspirei baixinho, gostando do agradável clima. “Era um pequeno paraíso”, pensava, sentindo o cheiro de Tobias pertinho de mim.



## Capítulo 15



Tobias

Ela dormia, linda. Mais que isso, magnificamente convidativa. Seus lábios entreabertos me chamavam para um beijo e precisei de autocontrole para não tentar roubar-lhe um. O corpo, cheio de curvas e contornos, era farto e provocante, mesmo que aninhado como uma criança. Vestia uma calça de sarja e um blusão branco, era simples e doce. Os pés, descalços e sem meias, revelavam que tudo nela era irresistível.

Estava deitada de lado, com as mãos juntas embaixo do rosto e os lábios levemente emitiam o som de sua respiração profunda. Era arrebatadora. Talvez o oposto de toda mulher que namorei, pela simplicidade de ser.

Certamente desagradaria minha mãe, Vitória, adúladora de sobrenomes. Mas em mim só despertava admiração e paixão. Ter ficado de mãos dadas com aquela mulher havia transformado toda e qualquer perspectiva da minha vida.

Estava mais que apaixonado, talvez irremediavelmente amando.

Lembrava-me da primeira vez que a vi, com seu guarda-chuva azul e botas da mesma cor. O cabelo vermelho, úmido da chuva que caía na cidade, o rosto lindo e aqueles olhos brilhantes, que congelaram meu mundinho.

Nenhum grão de areia, em momento algum, caía no lugar errado. Dois dias depois a vi chorando e foi o nosso primeiro contato: a oferta de um lenço de papel para enxugar as lágrimas daquela encantadora mulher desconhecida. Mais uma prova de que nada, absolutamente nada, acontecia por acaso. E eu fiquei ali, com cara de bobo, já encantado com seu nariz vermelho e olhos inchados.

Aproximei-me devagar, vestindo um roupão, pés no chão. Olhei o relógio

sobre a mesinha auxiliar: mais cinco minutos e seria preciso acordá-la. Larguei a toalha que secava os cabelos e peguei meu celular, tirando duas fotografias. Precisava guardar uma lembrança, pois acabaria, um dia, revelando meus sentimentos e, provavelmente, isso a afastaria de mim.

Era uma comédia amarga estar apaixonado por uma mulher que sonhava em ser amada e buscava seu par ideal tão longe. Sentei no sofá, ficando ali feito um babaca, só a admirando. Foram cinco minutos, mas valeram por uma vida toda.

Num mundo onde todos usavam relógios ou celulares para controlar os segundos, sempre achei esquisito que quase ninguém tivesse tempo para o amor. Isa tinha, talvez isso fosse o que mais admirava nela, além de sua disposição e disponibilidade para ser feliz, carregava consigo aquela chama necessária para se viver um grande amor.





## Capítulo 16

Isa

— Olá, bela adormecida — sussurrava uma voz máscula e serena. — Temos um casamento, dorminhoca.

— Eu sou a noiva? — perguntei de brincadeira, já acordada, mas de olhos fechados.

— Só se você quiser.

— Eu quero.

— Só se eu for o noivo.

— Se for um pedido, digo que me leve ao altar — respondi, rindo.

Abri os olhos, meu olhar e o dele se cruzaram. O sorriso congelou, ele estava a centímetros de mim, sentado ao meu lado na cama. Apoiava-se sobre o cotovelo, com uma expressão encantadora, a cabeleira lisa solta ainda úmida, presa atrás da orelha. O roupão azul-escuro que vestia permitiu-me a visão de um peito forte, bronzeado pelo sol e com os pelos aparentemente aparados bem curtos.

— Eu, hã, eu vou indo tomar uma ducha. — Saí devagar pelo outro lado da cama. — Não quero nos atrasar.

— Você vai se vestir no banheiro?

— Sim, por que a pergunta? — respondi constrangida.

— Vou me vestir aqui no quarto então, mas, antes de você ir, espere um minuto. — Caminhou até nossas bagagens e pegou o cabide com sua roupa.

Eram dois e não somente um, entretanto não havia percebido. Ao olhar um e outro, pegou o com a cobertura escura e ergueu em minha direção.

— O que é? — perguntei assim que percebi ser para mim.

— Um presente para você. — Entregou-me. — Espero que goste.

Abri o zíper, devagar, para desvendar um vestido todo em seda, num tom de rosa claro bastante elegante. Era longo, ajustado para as curvas do corpo e com um decote em formato de coração. O colo ficaria à mostra, assim como uma parte da coxa através da fenda sinuosa.

— Meu Deus do céu, que coisa linda! — exclamei surpresa.

— Não sei o que você decidiu vestir hoje, mas comprei esse vestido e...

— Sensacional. Nem sei o que dizer... — Estava encantada com a beleza da peça. — Eu... eu adorei! E parece ser o meu tamanho.

— Fico feliz que gostou. — Deu-me um belo sorriso. — Ficarei muito contente se aceitar.

— Muito obrigada. — Fui em sua direção e dei-lhe um abraço. — Vou usar, com certeza! — garanti empolgada. — Agora me deixe ir para o banho ou vou atrasar e detesto isso. Você sabe.

Levei a bolsa de mão com tudo que precisava, o vestido foi junto e mais toda a parafernália possível que uma mulher vaidosa usava. Tomei uma ducha rápida para me sentir mais cheirosa e usei óleo de banho com aroma de rosas. Coloquei a meia-calça ultrafina, que prometia erguer o bumbum e apertar a barriga, modelando a cintura. Joguei um roupão marinho por cima e dei uma boa escovada no meu cabelo.

O Chanel quimicamente alisado era meu melhor amigo, prático e bonito. Passei a prancha alisadora nas pontas, virando para fora e fazendo um ar meio anos dourados. Troquei os brincos de sempre por uma bijuteria mais festiva, longa e brilhante. Uma fina gargantilha sem pingente, mas de ouro, presente de

meu único tio quando fiz quinze anos, enfeitava o pescoço.

Hidratei o rosto, fiz uma maquiagem com olhos marcados, nada muito fora do básico. Meus olhos negros contrastavam com a boca de um natural perolado, cor rosada nas bochechas e muito delineador reforçado com rímel. Borrifei o spray fixador leve para garantir o cabelo ao ar livre sem grandes problemas.

Olhei o vestido, era realmente lindo. Seria seda verdadeira? Imagino que fortuna Tobias teria gastado, coitado! Mas estava feliz, pois meu vestido antigo era simples e básico demais para toda a pompa da cerimônia. Sequer podia imaginar que a festa era tão elegante, a saia e blusa que havia levado para o almoço do dia seguinte me faria passar vergonha. Usaria o presente de Tobias hoje e o meu vestidinho marinho no dia seguinte, fazendo bonito.

Vesti o presente como uma luva, parecia feito sob medida, nem eu conseguiria comprar uma roupa tão perfeita em todos os aspectos, incluindo o caimento. Tirei uma selfie em frente ao espelho, Abnel surtaria. Procurei os sapatos, e constatei que havia esquecido no quarto. Antes de sair, olhei no grande espelho com moldura oriental, mais uma vez. Parecia um conto de fadas.

Respirei fundo.

Ele me acharia bonita?

Saí devagar, na ponta dos pés descalços. Hesitei na porta. Ele estava de costas e era uma visão de tirar o fôlego. Conforme virou, lentamente, minhas pernas tremeram e meu coração tropeçou. Dentro de um terno lindíssimo, cinza grafite meio metalizado, com o corte europeu que Abnel tanto gostava, era a encarnação do 007 com permissão para me matar. Usava camisa branca e gravata num tom que mais parecia roxo com cinza claro.

O rosto tinha uma barba aparentemente proposital, tinha certeza. O cabelo estava preso para trás, mas somente a camada superior, amarrado com um pequeno elástico, e solto no restante. Parecia o Thor dos gibis de meu pai, mas vestido como o famoso espião.

Seus olhos estavam de um cinza mais escuro, os músculos nos lugares certos e com medidas exatas. Era um homem-mar, do tipo que Abnel gostava de dizer: “lindo como o oceano, que seduz, mas traz perigos”.

O som do meu celular quebrou o encanto da cena. Ele estava na minha mão, pois acabara de tirar uma fotografia e enviar para o meu melhor amigo. Olhei na tela luminosa, tentando fazer o cérebro anestesiado voltar a funcionar. Era uma provocante visão e, buscando me recompor um pouco mais, respirei fundo e li a mensagem de texto:

*"A sua vida só vai para frente depois que você se desapegar das pessoas que te levam para trás. Foca em dias melhores, melhores para sempre. Aproveite, Cinderela, dance com a música. Dance para a vida!"*

Abnel, como sempre, dizia a coisa certa, no momento exato. Sorri e voltei minha atenção para o homem que estava na minha frente. Lá fora comecei a ouvir somente a melodia de *Love Never Felt So Good*.

— Você está ótimo! — elogiei sem meias verdades. — Tipo *Hollywood*.

— Que isso, é só um terno — respondeu encabulado. — Mas você... Você está lindíssima e, provavelmente, vai deixar a noiva enciumada, pois todos só terão olhos para a minha acompanhante.

— Seu presente ficou perfeito! Eu nunca poderia imaginar que diria isso, porém, mesmo com meu manequim 44, estou me sentindo uma princesa da Disney — agradei. — Obrigada mais uma vez.

— Confesso que estou até nervoso agora. — Colocou as mãos nos bolsos.

— Por quê? — perguntei.

— É muita responsabilidade namorar, mesmo que de mentira, um mulherão assim.

— Não seja bobo. — Ri, lisonjeada.

— Desculpe perguntar. — Apontou para o celular ainda em minha mão. — Era algum pretendente?

— Não. Era meu melhor amigo, Abnel, já falei dele pra você. Desejava uma boa festa.

— Ótimo, digo, então no momento não há ninguém?

— Não — garanti com uma careta. — Agora me diga uma coisa: e você...

— Também não há ninguém. Estou com o coração aberto — falou, antes que eu terminasse a frase.

— Oi? Ah, não! — Sorri. — Perguntava se você viu meus sapatos — disse deixando-o sem graça.

— Que afobado! — debochou, batendo na testa. — Ali, seus sapatos estão perto da poltrona.



## Capítulo 17

Isa

Sáímos do quarto e, ainda na porta, Tobias pegou minha mão e colocou-a sobre seu braço. Antes a beijou com galanteio, fazendo os pelinhos do meu braço assanharem-se. Aceitei a sugestão na hora e o envolvi com carinho, nossos olhos se demoraram por algum tempo, um dentro do outro.

— Pronta?

— Vamos lá.

Já no corredor, a música finalmente nos alcançou com mais facilidade. Era uma linda melodia instrumental, que não reconheci de imediato, em meio a muito burburinho. A grande casa estava ainda mais florida do que quando chegamos, poucas horas atrás. Alguns empregados percorriam o domicílio, fazendo pequenos ajustes. No jardim havia uma ampla movimentação de lindíssimos vestidos, um verdadeiro desfile de penteados, homens com ternos elegantes e poucas crianças pequenas.

Os convidados chegavam, trocavam gentilezas e, aos poucos, se acomodavam nas fileiras de cadeiras organizadas, enfeitadas com laços caprichados.

Paramos sistematicamente e meu charmoso acompanhante cumprimentou todo mundo. Algumas pessoas o chamavam de doutor e eu achei muito legal, gentil, para dizer a verdade. Ele parecia ser um ótimo enfermeiro, que com toda certeza poderia ser um médico fantástico. Seria ele técnico ou com nível superior? Descartei a dúvida que não importava.

Sua prima Cassandra esteve ao nosso lado por quase o tempo todo e não deixava de me apresentar às outras convidadas, dizendo que éramos melhores

amigas desde sempre. Sua mãe e seu pai encabeçavam a organização, mas não deixavam de serem menos atenciosos com cada um dos presentes.

— Devem ter umas cem pessoas aqui — sussurrei.

— Verdade, está bem cheio — concordou.

— Conhece todo mundo?

— Não, apenas a maioria.

— Você tem amigos chiques! — elogiei.

— Ou com bom gosto para festas e roupas. — Piscou, irreverente.

— Tobias Conrad, elegante como sempre!

Viramos na direção da voz feminina. Com ela, um acompanhante com a mão em sua cintura, e outro casal, todos de nossa idade. A morena alta de cabelos curtíssimos segurava uma taça e sorria. Seu par parecia zangado e o outro casal se divertia.

— Roupas boas, mas o mesmo cafajeste de sempre — continuou, em tom de brincadeira.

— Moema, não seja rancorosa! Você perdeu aquela rodada.

— Ele disse que você trapaça — comentou a mulher, apontando para o seu acompanhante.

Seria a sua ex? A pergunta pairava na minha cabeça.

— Acho que precisamos rever essa partida, talvez os dois tenham me roubado — falou o outro homem, de cabelos cacheados como os de um anjo.

— Não sejam mal-educados! — repreendeu a mulher que lhe acompanhava. — Olá, me chamo Olga! — Esticou a mão para mim. Era negra, de cabelos ondulados, olhos esverdeados marcantes.

— Prazer, sou Isa Marie.

— Somos um sexteto, digo, quinteto, desde a adolescência. Você terá que ficar conosco também, caso não desista desse rapaz — disse Olga, fazendo-me sorrir.

— Desculpem. Isa, esses são Olga e Edgar, um casal de amigos médicos, que são ótimos numa jogatina e fazem festas beneficentes maravilhosas.

— Nem sempre caridosa! — disse Edgar, alto e magro como uma vareta, fazendo sua esposa Olga rir.

— E aqui estão Moema e Fabrício. Cuidado, eles são ferozes advogados e também bons no pôquer.

— Prazer em conhecer vocês — cumprimentei.

— É ela? — Olga perguntou a Tobias.

— Sim, é sim — respondeu, num sorriso esplendoroso.

— Linda! Mas, se fizer nosso amigo sofrer, aviso que sabemos sobre injeções letais — provocou Olga.

— E não temos medo de sermos presos — confirmou Moema.

— Não se preocupem. Se fizer mal a ele, eu mesma me aplico essa injeção.

— Gostei dela! — disse Edgar.

— Formam um lindo par — elogiou Moema.

— Vamos pegar algo para beber? — perguntou Tobias.

— Claro, com licença, pessoal — pedi.

Saímos de fininho, mas, antes de nos afastarmos alguns passos, Olga chamou Tobias e disse, em um tom baixo: "Ela está aqui". Ele não respondeu, apenas acenou a cabeça positivamente.

Sem nenhuma palavra, nós dois seguimos até a mesa onde garçons serviam bebidas geladas, enquanto os outros casais circulavam por ali.

— Tudo bem? — Tobias questionou.



— Tudo. Mas deveria ter falado de seus amigos, fiquei perdida.

— Você se saiu muito bem.

— Ela está aqui. Ela quem? — questionei objetiva.

— Minha ex.

— Imaginei — confirmei apertando nossas mãos enlaçadas. — Você está bem?

— Sim. E nesse... momento... ela se aproxima de nós — sussurrou.

Mal tive tempo para processar a informação. Uma loira alta, de cabelos longos e ondulados, já estava na nossa frente, com o sorriso de Monalisa e o olhar de uma pantera. O pior de tudo era que eu já conhecia aquele nariz empinado, a tal ex era também, a filha do novo sócio da editora. Como esquecer sua cara esnobe?

Engoli em seco e plantei um sorriso educado no rosto.

— Tobias.

— Claire. Arthur — cumprimentou secamente a ex e seu par, que apenas acenou com a cabeça e seguiu olhando em volta parecendo profundamente entediado enquanto bebericava um copo de uísque com muito gelo.

— Bom te encontrar. Vovô, como está? E Vitória? — Era boa, já começou alfinetando.

— Todos ótimos, obrigado.

— Apresenta sua amiga? — perguntou, cínica.

— Namorada — Tobias corrigiu.

— Olá, sou Isa, é um prazer conhecê-los.

— Isa — repetiu. — É um diminutivo?

— Não, é só Isa mesmo — expandi um sorriso fabricado. — Mas, se nos dão

licença... — Sorri agora para Tobias. — Amor, vamos sentar? Está quase na hora.

— Ah. Claro! — Ele devolveu o sorriso carinhoso. — Adeus, Claire. Arthur.

— Você está parecendo muito bem, Binho — disse quando já dávamos as costas.

— Nunca estive melhor — Tobias respondeu sem olhar para trás.

Alguns metros depois, paramos e espiei sobre o ombro, onde os dois ficaram. Olhavam para nós, aos cochichos, o que me fez não resistir ao impulso de mostrar para aquela loira falsa que ele estava muito bem, obrigada. E comigo! Mesmo que de mentira.

Envolvi meus braços no seu pescoço e sem mais olhar na direção dela, que mantinha seu olhar sobre meu corpo com cara de deboche. “Só por que não sou um padrão e uso 44? Foda-se!”, pensei.

— Vou te beijar — avisei Tobias, que me olhava sem ação. — Pouse a mão na minha cintura e finja que me beija também.

— Fingir? — perguntou, ainda mais surpreso.

“Fingir tipo beijo de atores”, pensei, e fui devagar até seus lábios, erguendo-me nas pontas dos pés.

Nossas bocas e corpos se encontraram. Era encenação, não? Porém, tudo ficou real. Devagar, profundo e ainda mais intenso. Com uma mão, ele envolvia minhas costas; com a outra, subiu até a lateral do meu rosto. Era... Era doce e mais alguma coisa.

Era incrivelmente bom.

Devagar, acabamos o beijo, afastamo-nos alguns centímetros e ficamos nos encarando. Eu podia me ver no fundo dos seus olhos estonteantes. Abri a boca para falar alguma coisa, mas desisti. Existiria um primeiro beijo mágico? Sim, acabara de vivenciar, e com um grande amigo. Eu só podia estar maluca. Senti o estômago gelar e o coração dançar quadrilha.

— Eu... Tobias, eu... — Engoli. — Foi para mostrar a sua ex, daí tive a ideia.

— Ideia maravilhosa — falou, puxando-me para perto.

— Nós... — gaguejei, sem saber o que dizer.

— Hoje somos namorados — informou, com seu hálito de hortelã.

— Sim — concordei. — De mentira.

— Sim — falou, tornando a me beijar outra vez.

Retribuí sem meio-termo, sentindo o calor percorrer meu corpo junto ao seu.

— Vamos lá, pessoal, o noivo está chegando! Acomodem-se! — pediu a mãe da noiva aos convidados, tirando-nos do ato.

— Vocês, pombinhos, vão! — Apontou Cassandra, para seguirmos o fluxo e também sentar.

Cassandra fazia uma careta engraçada, acabei mostrando a língua para ela, em meio a um sorriso. A garota achou graça e piscou em retribuição. Caminhamos, Tobias e eu, até as cadeiras e lá ficamos acomodados em silêncio.

Às vezes, olhávamo-nos, mãos dadas. O vento frio do lugar começou a me fazer ter arrepios. De onde ele vinha, eu não sabia, porém, inquietava meus sentidos.

Todos devidamente acomodados viram a chegada do noivo, dos pais de ambos e de quatro pares de padrinhos. O padre já estava a postos, elegantíssimo, até mesmo para os padrões católicos. A orquestra tocava lindas notas e não demorou até a marcha nupcial ser iniciada. Todos ficaram à espera da noiva, olhando para o início do tapete vermelho.

Em meio à expectativa tudo era incrível, mas, em mim, somente o beijo vivia. Eu era toda Tobias.

Ela chegou, deslumbrante, chocando-me por ter a pele tão escura quanto a noite. Não que eu tivesse algum preconceito, longe disso, mas pelo fato de ter pais de origem Pomerana, como comentou Tobias. E também por ter apenas uma

única outra convidada negra no local.

Vestia um tomara que caia em renda e bordado com pequenas pérolas, ajustado em todo o corpo e aberto somente embaixo. Não havia cauda, mas, sim, uma enorme grinalda. Também não havia dama de honra ou pajem, e sim, um simpático cão de origem desconhecida, bem-educado, levando as alianças, amarradas em uma almofadinha que pendia de sua gravatinha prateada.

O buquê de margaridas era doce como o olhar do noivo sobre sua amada. Não imaginava, até então, como desejava também ter aquele momento e, principalmente, um homem apaixonado me olhando da mesma forma que ele a admirava. O fato de estar na busca de um amor, só fazia me sentir ainda mais sozinha e essa sensação era ruim demais.

Um bolo se formou em minha garganta. Eu sempre sentia aquilo quando ficava muito ansiosa. Era terrível, um sintoma psicossomático desnecessário, que ainda não havia conseguido conter. Ainda!

— Você está bem?

— Estou — sussurrei, tristemente, em resposta.

— Se eu te convidar, um dia, para fugir, será que você aceitaria?

Olhei para ele, surpresa. Estaria tentando me distrair? Se fosse seu objetivo, tinha concluído com sucesso.

Sorri.

Ele pegou minha mão e fez um carinho reconfortante. Estava com um enfermeiro, afinal, e isso me deixava sob controle.

A cerimônia transcorreu lindamente: teve votos de emocionar, lindas palavras do padre, um beijo amoroso e uma chuva de pétalas de rosas brancas sobre os recém-casados, que riam dos latidos do seu cachorro. Não pude deixar de notar a tal ex de olhos colados em Tobias, a maior parte do tempo. Além dela, outras duas mulheres não deixavam dúvidas de que tiveram ou gostariam de ter algo com meu amigo e acompanhante.

Havia muito champanhe e canapés ao som de lindas canções. Sinatra, Elvis,

muitos timbres apaixonantes embalaram aquele início de noite. A grande festa seria no dia seguinte, mas aquela confraternização estava maravilhosa. Circulamos como um casal em perfeita harmonia. Muitos conhecidos ou familiares reivindicavam a atenção dele, que tentava ao máximo encurtar assunto e não me deixar de lado.

— Bobagem, Tobias, vá dar uma volta! — insisti. — Vou ficar um pouco aqui. Por favor, não se prenda.

— Não vou te deixar sozinha.

— Não estou sozinha, isso é uma festa! — Mostrei em volta. — Além do mais...

— Não — disse categórico.

— Olha, se você não for conversar um pouco, vou embora! — ameacei. — Sério.

— Isa!

— Vá! Sou de Áries, melhor não me desafiar.

— Está bem. — Deu-me um sorriso torto. — Não demoro.

Tobias beijou meu rosto e, devagar, foi interagir com os demais convidados. Por um minuto cheguei a esquecer de que não éramos um casal de verdade, nada além de amigos.

Peguei o celular na bolsa e mandei uma mensagem para Abnel:

*“Às vezes, na vida, precisamos de uma pausa. Estou muito bem e a festa ótima! Obrigada pelo incentivo. Beijos grandes.”*

Não estar à procura de um príncipe, naquele momento em particular, me fazia muito bem. Respirei fundo, admirando o céu, e bebi talvez umas três taças de champanhe, até Tobias retornar. Sua prima Cassandra veio conversar, porém logo a mãe a solicitou. Depois, uma senhora simpática veio até nossa mesa,

apresentou-se como tia Margot e fez votos para que logo minha mão fosse pedida oficialmente.

Observei, de longe, Claire jogando charme para meu amigo, e as outras duas mulheres, mais que interessadas, não perderam a oportunidade de puxar assunto. Aquilo me deixou irritada. Como ele estava acompanhado, deveriam ter mais respeito. Não é mesmo?

Buscando arejar os pensamentos, fui até o toalete que ficava no interior da casa. Observei no caminho como cada detalhe havia sido pensado, pequenas flores e laços, a prataria, muitos vasos transparentes e amor. Tinha muito amor ali e o clima me deixava ainda mais romântica.

Mais relaxada, depois de fazer xixi, lavava as mãos e reparava que precisava retocar o batom, no grande espelho sem moldura, quando visualizei sua presença em minhas costas.

Ignorando-a, sequei as mãos vagarosamente, porém percebi que seguia me encarando através do reflexo do espelho.

— Algum problema? — perguntei num sorriso, virando-me para ela.

— Nenhum. Só queria dar uma boa olhada em você.

— Satisfeita? — indaguei.

— Onde ele te encontrou, nas páginas amarelas? — debochou.

— Talvez — retruquei.

— Na verdade, confesso que estou curiosa... Não entendo o que Tobias faz com você, um passatempo inusitado, já que não preenche nenhum de seus padrões.

— Padrões? — tentei ser irônica.

— Você é, digamos, *plus size*. — Apontou meu corpo de cima a baixo. — Sem sal, sem classe. Nitidamente uma operária. Provavelmente, não tem um sobrenome...

— Você sabe em que século vivemos? — Ri.

— Deixa eu te explicar uma coisinha. — Colocou a mão em sua cintura fina. — Tobias é meu ex. Meu. A palavra ex só existe porque eu não quis mais. Eu. Ou seja, se eu fizer assim... — Estalou os dedos no ar. — Reataremos.

— Então faça — sugeri, contornando-a em direção a porta.

— Pode até fazer o tipo “babá da terceira idade”, mas Vitória nunca aceitaria você, mesmo que aquele velho apoie — falou fazendo aspas no ar. — E nem tente um golpe da barriga, ela acabaria tirando a criança de você.

— Obrigada por seus conselhos. — Olhei por sobre o ombro, já com a porta entre aberta.

— Melhor se afastar do meu Tobias ou mando demitirem você daquele empreguinto medíocre. Acha que não a reconheci?

— Isso parece desespero, mas ok. Vá em frente, faça isso.

— Você é ridícula! — esbravejou.

— Também adorei te conhecer. — Sorri.

Voltando até a mesa em que estava, virei mais duas taças, cheia de atitude, e em seguida fui até o círculo onde estava Tobias cercado por outras raposas. No meio do caminho percebi que havia bebido mais champanhe do que imaginava, mas já era tarde demais. Sim, estava de pileque.

“Foda-se!”, pensei e com elegância, fui até eles e coloquei a mão sobre o ombro do meu namorado de mentirinha. Ele virou-se, sorriu quando me viu, suspirando em seguida.

— Posso te roubar um pouquinho?

— Só se for para a vida inteira — respondeu, fazendo-me perder a pose de sedução e corar.

— Opa! Isso é quase um pedido, hein, meu querido? — falou uma senhora de meia-idade, que bebia um coquetel de frutas cítricas.

— Será? — perguntei, entrando na brincadeira.

— Com licença, caros amigos — disse ele, tirando-nos dos holofotes de forma educada. — Tenho uma dama para cortejar.

Caminhamos devagar, de braços dados como um casal da realeza, alinhados. Aproveitei para contar a ele que estava meio tonta e a culpa era da bebida deliciosa que estavam servindo. Ele achou graça e seguiu me indicando quem era quem na festa: primos, tias, avós, conhecidos, colegas, amigos. Muitos outros, ele não tinha certeza de quem fosse, mas a maioria era de seu convívio próximo, pois nomeou a todos com carinho.

— É impressão minha ou está fugindo do seu quarteto de amigos? — comentei a certa altura.

— Estou sim. — Assentiu. — Eles me conhecem demais, logo perceberão que nosso namoro é uma farsa.

— Hum...

— E me encheriam de perguntas, pois duvidam que superei o rompimento repentino.

— Como foi isso? — indaguei curiosa.

— Resumindo: ela terminou nosso noivado por conflito de interesses. E, sim, isso me machucou bastante, na época.

— Sinto muito.

— Não sinta. Não foi porque acabou que não deu certo, sempre tiramos lições de cada felicidade ou sofrimento da vida.

— Lindo pensamento, que todos nós deveríamos colocar em prática — concordei.

Um vento úmido e frio percorreu a ilha com mais força. Se antes já estava com frio, naquele momento me sentia a ponto de bater os dentes. Tobias passou o braço sobre meus ombros nus, condenando o vento por tamanha maldade. Peguei uma dose de uísque, para assim aquecer o corpo, e ele me acompanhou



na bebida, mas insistiu para eu colocar seu blazer.

— Não precisa. Eu vou até o quarto buscar a echarpe que trouxe.

— Fique com o casaco mesmo assim. Talvez não combine muito, mas vai proteger um pouco.

— O casaco? Ou a echarpe? — brinquei.

Estávamos mais alegres, efeito do álcool e ríamos da bobagem que falei quando fomos cercados pelos quatro amigos dele. Estavam excitados, queriam detalhes de como nos conhecemos e despejavam perguntas sobre nós.

— Eu... vou buscar algo na minha bagagem. Estou gelada! Fiquem à vontade.  
— Tentei sair de fininho.

— Amigos, me perdoem, mas vou acompanhar minha linda dama e em minutos já voltamos para a festa.

— Não demorem — pediu Olga.

— Ou demorem! — insinuou Moema, rindo maliciosa.— Temos que conhecê-la melhor — exigiu seu par. Qual era mesmo o nome dele?

Tobias passou o braço em volta da minha cintura. A mistura de bebidas diferentes caiu feito uma bomba em mim e me apoiei de leve em seu corpo. Estava quase bêbada, precisava de uma água e alguns minutos para me recompor.

A caminhada foi lenta. Ele era protetor, fazendo-me corar por tanta proximidade. Como estava usando seu blazer, cada molécula minha era abraçada por seu cheiro. Assim que entramos no quarto, tirei os sapatos e pedi um minuto para me realinhar. Meu falso namorado foi até a cesta de boas-vindas, que estava sobre uma mesa, pegou uma trufa, desembulhou-a e me entregou.

— Glicose. Coma e já melhorará.

— Obrigada — agradei, esbarrando em sua mão.

Ficamos com as mãos encostadas por alguns segundos, até nossos olhos se

cruzarem. Talvez nunca saiba dizer como tudo simplesmente aconteceu. Foi como no cinema: nos beijamos desesperadamente, sem nenhum sinal anterior.

Talvez nunca saiba como descrever, foi totalmente diferente do anterior. Realmente senti que ali era nosso primeiro. Cada movimento de boca, língua e cabeça era perfeito, tinha sincronismo e paixão.

Meu corpo parecia não me obedecer mais e por isso fugi para o outro lado do quarto, assustada comigo mesma, sem fôlego. Puxei o ar com dificuldade, com o coração acelerado. O que era aquilo? Precisava reverter. Levei a mão ao estômago: eram borboletas voando ali dentro?

— Desculpa — falamos um para o outro, sem nos olharmos.

Por sobre o ombro espiei Tobias, a poucos passos de mim. Ele me encarou. Não podíamos, era o que tentava transmitir-lhe pelo olhar, mas havia tão pouca segurança em minha atitude que meus pés começaram a caminhar na sua direção.

— Eu...

— Isa...

E outro beijo aconteceu.

Outro e mais outro, centenas de beijos inesquecíveis saboreavam nossos lábios. Aproveitei cada um, me entregando àquele desejo desenfreado. Ele me pegava de uma forma doce e, ao mesmo tempo, possessiva, descendo de minha boca para o pescoço e ombros, subindo em seguida por outro caminho.

Estava perdida.



## Capítulo 18



Tobias

De todas as ligações mais perigosas, o amor era a maior delas. Mesmo assim, meu coração parecia querer voar do peito.

Aquela mulher era linda, forte, inteligente, bem-humorada e cheia de fases, como só a lua era capaz de ser. Além disso, sabe aquelas ilustrações antigas, cheias de curvas sexys? Pois ela personificava todas. Era bela, voluptuosa, mesmo que não percebesse a própria beleza em sua total plenitude.

Como havia me apaixonado, eu não sabia, não era essa minha intenção. Longe disso, pensava em ter um tempo indeterminado para só me dedicar ao trabalho. Esse era o resultado, o destino sempre encontrava uma forma de nos curvar às suas vontades.

E se pudesse mandar uma mensagem de texto ao grande culpado de tudo isso, seria mais ou menos assim: “Destino, meu chapa, você me deixou cair de quatro! E posso assumir? Não tenho a mínima vontade de levantar”.

Sua boca era macia, doce e provocante. Quando nossos lábios se encontraram houve uma explosão de paixão, que era saciada enquanto nossas línguas exploravam um ao outro. Não pude deixar de pensar nas palavras de meu avô, nunca a conquistaria sem isso.

A sugestão daquele sábio fazia sentido. Não me declararia ainda, mas assumiria o risco e seguiria meu maior desejo: beijá-la como se o mundo fosse acabar.

E quando ela saiu do banheiro, horas atrás, estonteante, perdi o fôlego e tomei uma decisão definitiva...

Ela seria minha e eu seria totalmente devoto a ela. Eu a amaria de todas as formas possíveis e faria da minha vida o seu lugar. Seria seu ninho, seu forte, seu amigo e tudo o mais que ela precisasse.

Ela só precisava deixar nossos olhos se cruzarem, como acabara de acontecer, para eu jogar meu corpo em cima do seu. Não deveríamos ter medo. Bastava deixar tudo fluir naturalmente...



## Capítulo 19



Isa

— E a festa? — sussurrei entre seus lábios, com o corpo em chamas. — Precisamos voltar.

— A festa que se dane, eu só quero você — falou, mordiscando minha orelha. — Isso se você me quiser também.

— Vou me arrepender?

— Não deixarei — respondeu baixinho.

— Deveria resistir... — tentei tomar fôlego, em meio a nossa loucura.

— Não resista.

— Eu...

Não articulei frase nenhuma, tampouco resisti ou realmente pensei em arrependimento. Aquele homem era um Apolo que me desejava naquele momento e eu o queria também. Certo e errado deixavam de existir com o toque de nossos lábios.

Com certeza, Abnel me condenaria por desperdiçar uma amizade, mas isso não era algo que fizesse sentido naquela hora. A bebida havia me tirado a razão? Talvez somente a falta de medo. Olhei em seus olhos, afastando-me alguns centímetros.

Eles ardiam.

Sorri, satisfeita, e depois fiz a cara mais sexy que conseguia, enquanto me afastava devagar, tentando não me desequilibrar. As borbulhas que sentia dentro de mim eram do champanhe?

— Isa... — chamou, com a mão direita estendida.

Não falei nada, apenas fiquei na sua frente e comecei a abrir, devagar, o zíper lateral do vestido que havia ganhado. Ele prendeu o fôlego, pude notar, e isso me encheu de coragem. Talvez outras mulheres, que vestissem o mesmo manequim que eu, tivessem problemas com isso. Eu, às vezes, tinha, mas não ali, não com aquele homem que me fazia sentir linda.

Depois de aberto, deixei o vestido escorregar por meu corpo. Peguei-o e entreguei em sua mão, que permanecia esticada em minha direção. Ele desviou do vestido e me puxou para si. Tudo girou quando me envolveu o corpo com gentileza.

— Apague a luz — pedi, fechando os olhos e saboreando seu calor. — Por favor.

Como num conto de fadas, ele me surpreendeu, pegando-me no colo e me deitando suavemente na cama. Depois foi até o interruptor e, como pedi, fez com que as luzes brancas se apagassem. Sob a cabeceira da cama, a luz da lua e da iluminação externa atravessavam a cortina feita com, talvez, três camadas de tecido acetinado.

Observei-o através da claridade pálida perfeita. Ele me olhava como se fosse uma deusa, fazendo-me sentir muito bem. Tirou a fina gravata, jogando-a ao lado. Puxou os sapatos e abriu alguns botões da camisa. Foi rápido, determinado, e eu agradeci mentalmente, pois tinha medo da razão me fazer desistir.

Lá de fora, ouvia *I Say A Little Prayer* e, dentro do meu corpo, escutava meu coração desesperado. Tudo entremeado de carícias e beijos, sonho e magia.

Aquilo parecia surreal. Outro som em especial, na rua, chamou minha atenção. Olhei para a janela, tentando ver por sobre a cortina. Sim, chovia, fazendo a festa terminar mais cedo ou limitando a recepção para o interior da residência.

— Lá fora só chove.

— Temporal é o que sinto aqui dentro...

Quem disse? Não importava.

E essa foi a última fala que tivemos, ao longo de uma noite de amor silencioso e sem pudores. Tudo era nós, constatei, devorando sua face com beijos.



— Vou fazer do teu sorriso, meu abrigo — a frase, dita em algum lugar distante, me fez regressar.

Dormia profundamente. Foram, talvez, as melhores horas de sono dos últimos anos ou, quem sabe, de uma vida inteira. Apagamos, exaustos, ainda na madrugada, e só acordei uma vez depois disso, recusando-me a sair do meio de seus braços.

Agora ele acariciava as minhas costas, deslizava os dedos para cima e para baixo sobre a lateral do meu corpo nu. A fala que havia escutado era dele, que sussurrava, e isso me fez desabar sobre a realidade. Minutos depois, afastei-me devagar de seu corpo, lutando para puxar o lençol e cobrir o meu. Saí nas pontas dos pés, sem desviar o olhar daquele lindo homem, que já dormia tranquilamente de novo.

Tomei um banho longo e vesti a roupa que havia levado para o grande almoço. Depois de maquiada e com o cabelo seco, respirei fundo, voltando para o quarto. Não queria perder o que tínhamos por conta de minha carência, regada ao champanhe, da noite anterior, mas também não poderia deixar de viver aquele inusitado enlace.

— Bom dia — falei, ao lhe ver sentado na beirada da cama. Não sabia o que dizer.

— Bom dia. — Sorriu.

— Sobre ontem, eu... — Tomei um minuto de coragem. — Adorei.

— Eu mais ainda — falou, sério, aproximando-se. — Vem para o banho comigo?

— Não, não — respondi, desconcertada. — Já estou arrumada.

— Que pena! — Sorriu ainda mais. — Então, não vou demorar — disse, dando-me um beijo rápido. — Vamos para o almoço em breve e depois partimos.

— Ok.

— Mesmo que meu desejo seja ficar aqui com você.

Sorri, soltando o ar que prendia nos pulmões. Estava tudo certo, éramos adultos e tudo era uma questão de aproveitar o momento. Apesar de não sermos namorados de verdade, estávamos juntos então, curtindo um ao outro. Uma viagem que seria inesquecível e a vida ficava melhor quando estava ao seu lado.

Organizei minha bagagem, já que no início da tarde estaríamos voltando para casa, enquanto Tobias estava no banho. Evitei olhar para a cama, assim como evitei, num primeiro momento, encarar por muito tempo aquele homem que havia me feito completa, horas antes. Contudo, seu sorriso me enchia de esperança e me fazia sonhar.

— Esqueci o terno — disse quando saiu ainda úmido do banheiro e me beijou como um menino travesso, apenas com apenas uma toalha felpuda enrolada na cintura.

— Difícil resistir a você — assumi tocando em seu cabelo molhado.

— Te arrastaria agora para a cama, se já não estivéssemos bastante atrasados — disse, arrancando-me um sorriso e, talvez, um pedacinho a mais do coração.

Minutos depois, saímos do quarto em silêncio. Tobias estava lindíssimo no seu traje diurno, sem blazer e sem gravata. Usava apenas calça, camisa e um colete escuro. Permanecia calado, mas eu também havia ficado diferente e ali do lado de fora do quarto a realidade tinha um peso distinto. Situação parecida como a que ficamos no momento em que o fotógrafo se posiciona para um registro e você não sabe ao certo o que fazer com as mãos.

Respirei fundo.



Um sol tímido aparecia entre as nuvens que anunciavam chuva, porém toldos brancos agora cobriam todo o jardim. As mesas se multiplicaram, ganhando detalhes dignos de reis, além de pratos, taças e demais utensílios para o almoço. Uma banda tocava músicas jovens, em português e inglês, mas o clima agradável do lugar contrastava com o que sentíamos dentro de nós.

— Tobias — resolvi agir.

— Sim?

— Antes de embarcar nesse almoço, devemos conversar — falei parando no meio do caminho.

— Você se arrependeu? — perguntou subitamente.

— Claro que não — declarei. — E você?

— Isa, tudo foi maravilhoso. — Tocou meu rosto de leve com a ponta dos dedos. — Tanto que quero ficar numa boa com você hoje também — disse, envolvendo minha cintura com sua mão e diminuindo a distância que nos separava.

— Acho que assim poderei fingir ser sua namorada com mais veracidade — anunciei, encostando meus lábios nos seus, dando fim ao espaço entre nós.

— Claro — sussurrou sobre minha boca.

— E sem bebidas alcoólicas, você vai dirigir.

— Ok — concordou, dando um passo atrás, e devorando-me com o olhar.

E ele não me tocava mais, exceto por seu olhar sobre mim. E como bem sabia, se a pele arrepiasse sem ser tocada, foi a alma que disse sim.

*“Você é mais forte do que pensa e será mais feliz do que imagina”*, as palavras que Abnel me escreveu naquela manhã ganharam eco dentro de mim. E assim seria: não perderia tempo me arrependendo do que fazia. Pior seria não viver... Eu habitaria cada segundo.

— Vem, vamos dançar. — Peguei sua mão, disposta a me divertir.

Uma chuva fininha começou a cair por volta de onze da manhã, mas nada para estragar a festa. Foxtrote, dentre outros ritmos variados, alegrava a todos. Dançamos juntos até o quarteto de amigos se juntarem a nós, então ficamos todos primeiramente na pista e depois em uma única mesa, animados e cheios de humor inteligente.

— Onde vocês se conheceram? Contem como foi! — perguntou Moema, deixando-nos sem ação.

— Livraria — respondi.

— Shopping — ele falou.

Olhamo-nos e caímos na risada, deixando os amigos sem entenderem nada.

— Vou deixá-lo contar — entreguei a missão.

— Não. Pode contar você, Isa. — Passou para mim, novamente.

— Faço questão, pode falar. — Empurrei a tarefa, não saberia o que mentir.

— Andem logo! — disse Edgar.

— Nos conhecemos na livraria do shopping, certa noite — contou. — Eu pegava um livro e nos esbarramos. Na verdade, ela tropeçou em mim.

— Só isso? — questionou Olga, frustrada.

— E... Eu estava chorando pelo fim de um livro que acabava de ler. Ele me ofereceu um lenço de papel.

— Clássico — disse Fabrício, em livre deboche.

— Ela estava linda, com os olhos inchados e o nariz vermelho escorrendo. Apaixonei-me — completou Tobias, olhando-me com verdadeira doçura.

— Ele foi um cavalheiro. Depois me ofereceu balas de mel, fazendo-me sorrir, e hoje estamos aqui — concluí, sem desviar meus olhos dos seus.

— Parece destino.

— Que fofo!

— E como foi o segundo encontro? Quem ligou? — perguntou Moema.

— Preciso ir ao toalete antes que sirvam a refeição. — Desviei da sequência de perguntas. — Com licença, pessoal — pedi, para deixá-los à vontade.

— Vou com você — avisou Olga.

— Eu também. E os rapazes... — falou Moema, sorrindo. — Comportem-se!

Fomos as três até o banheiro, como adolescentes amigas de escola. As garotas eram legais, apesar de serem muito curiosas e até invasivas. Busquei ser simpática e o tipo de namorada querida, que os amigos aprovavam, pois era o que havia combinado com Tobias.

— Você conhece Vitória? — perguntou Olga, direta.

— Ainda não tive oportunidade.

— Ela não é fácil. Tobias contou como a chamam? — continuou.

— Não, na verdade não — respondi.

— A Fera. Mas não se deixe intimidar.

— Não vou deixar. — Sorri.

— E o avô, gostou de você? — questionou Moema.

— Não nos encontramos também. Ainda.

— Hum... Entendo. Estão indo devagar.

— O quanto você gosta de nosso amigo? — disparou com mão sobre a pia, por fim, Olga. — Sem mais rodeios, é o que precisamos saber! — Encarou-me.

— Tobias me faz ficar alegre pelo simples fato de saber que vou encontrá-lo — revelei sincera.

— Isso é bom.

— Eu gosto tanto dele que... não sei quantificar ainda. Mas, prefiro deixar subentendido, para ele não ficar convencido ou se cansar de mim — expressei em palavras o que nunca havia falado em voz alta.

— Posso garantir, ele está apaixonado também — concluiu Olga.

— Será?

— Tenho certeza. — Assentiu com a cabeça. — E você foi aprovada.

— Aprovada. Mas continuará sendo avaliada — completou Moema com um sorriso travesso. — Agora vamos, garotas, vamos pegar nossos homens e dançar! — exclamou, satisfeita, dando uma bela risada.

Quando chegamos à mesa e olhei Tobias com a visão mais clara, talvez pelas palavras que acabara de dizer, senti que estava totalmente cativada por ele. Ao mesmo tempo, perguntas pulavam feito pipocas em minha cabeça. Será que estávamos fingindo tão bem a ponto das amigas nos acharem apaixonados? Ou seria o clima de romance da noite anterior que nos desmentia? Estaria me apaixonando por ele?

— Tudo bem? — perguntou, atencioso.

— Tudo ótimo! — Sentei-me ao seu lado.

— Não resisto a você — disse baixinho ao meu ouvido.

— Nem tente — respondi no mesmo tom, beijando de leve o cantinho de sua boca e o ouvindo suspirar.

O almoço foi servido naquele mesmo momento, com toda pompa que a circunstância pedia. Todas as mesas ficavam direcionadas para a bancada onde o casal estava também almoçando. Uma infinidade de garçons servia os pratos e as bebidas, desfilando com bandejas de prata e jarras de cristal.

De entrada havia dois pratos diferentes, mais o principal, outro de acompanhamento e, por fim, a sobremesa. Descobrimos que o famoso bolo de casamento seria servido com chá logo depois. Tudo estava muito refinado, organizado e as companhias eram bastante agradáveis.

— Não aguento mais comer — falou Moema, tocando a barriga.

— Eu também — concordei.

— Ei, vocês vão embora hoje ou permanecem aqui na sua tia? — perguntou Edgar.

— Vamos hoje, acho que logo após o bolo.

— Algum compromisso? — continuou Edgar, agora para mim.

— Hoje não — respondi.

— Então fiquem! Estaremos hospedados na casa dos Stewart, aqui ao lado.

— Não, amanhã trabalharemos. Não dá... — explicou Tobias.

— Ah, para, Tobias, permaneçam até o anoitecer. Jogamos uma partidinha...

— E as nossas garotas, caso não queiram, podem aproveitar as massagistas e demais profissionais que estão à disposição dos noivos e convidados ao longo desse dia.

— Eu prometi para a Isa que iríamos embora cedo.

— Desde que a gente volte hoje, não muito tarde, pois trabalho amanhã, podemos ficar sim — respondi, à vontade.

— Tem certeza?

— Sim. Claro!

— Oba! — festejou Olga, batendo palminhas.

— Aê! Vale um beijo, hein? — sugeriu Moema.

— *Love is in the air!* — cantarolou Edgar.

— Beije logo essa mulher! — repreendeu Fabrício, sempre mais calado.

Senti meus músculos tensionarem. Tobias, nitidamente sem graça, me olhou

com sorriso. Mas, como meu pai sempre dizia: se for para pedir desculpas e fazer de novo, é melhor nem pedir e só aproveitar o pecado. E assim, nos beijamos.

O beijo fez mais alguma coisa aquecer, bem no meio do meu peito. Foi carinhoso, com um toque de nariz no final. “Amigos não deveriam se beijar assim”, pensei, com o coração aos pulos.

Retesei o corpo na cadeira e bebi um gole de vinho branco em seguida. Ele segurou minha mão livre, que estava sobre meu colo, com firmeza e também afeto. Era um agradecimento, certamente, mas também parecia...

— Está tudo divino, não é mesmo? — perguntou-me Moema.

— Sim — respondi, tentando me restabelecer.

— Sua cabeleireira é de qual salão? Esse tom, esse cabelo, é muito bom — elogiou Olga.

— Ela mesma faz a cor — respondeu Tobias por mim, me pegando de surpresa. — Essa mulher é uma maga da henna indiana.

— Não seja exagerado! — repreendi, envergonhada pelo elogio. — Mas sou eu mesma que faço, obrigada.

— Precisamos marcar uma tarde, para conversar sobre isso. — Arregalou os olhos.

— Ótima ideia, amiga.

— Combinamos, sim — disse, envaidecida.

— Tobias, me conte: o que mais essa moça faz? — brincou sua amiga Olga.

— Atenção, atenção! — Fomos interrompidos. — Vamos aos discursos, antes do bolo e de liberar a pista de dança. Atenção... — O pai da noiva tocava uma taça, com o talher.

— Opa! — Tobias pegou um papel do bolso. — Ao trabalho. — Sorriu lendo silenciosamente o papel, que certamente continha as palavras de carinho aos

noivos.



## Capítulo 20



Tobias

— Minha prima sempre foi um desastre — comecei o pequeno discurso, agora em pé, com a taça na mão. — Não fazia nem mesmo uma pipoca decente — falei com uma careta conseguindo arrancar risos de todos. — Mas, quando encontrou essa cara aí... Tudo mudou. Não, ela ainda não sabe fazer uma boa pipoca. Ele? Tampouco! — Todos riram novamente. — Mas, olhem esses olhos. Se existe um par perfeito, são esses dois. Peço um brinde a esse casal que tanto gosto e que em breve... — Fiz uma pausa dramática olhando para meus tios. — Irá encher a casa de pequenas bênçãos barulhentas. Um brinde! Aos noivos!

— Aos noivos! — todos responderam em uníssono, entre sorrisos e goles de champanhe gelada.

Voltei a sentar, satisfeito, vários outros amigos e familiares fizeram pequenos votos, contando curiosidades e, em sua maioria, levando às lágrimas ou ao riso os demais convidados. Minha tia estava de parabéns pela organização de toda a cerimônia, cujo time de cada detalhe se encaixava com perfeição.

O bolo, que parecia uma obra de arte, foi servido em seguida. Diversos doces, tradicionais em casamentos, também. Eu me delicieei com tantas maravilhas e fiquei surpreso em perceber que Isa era tão formiga por açúcar quanto eu. Num mundo tão preocupado com a estética, era agradável estar com alguém que também aproveitava esses momentos festivos.

Meus amigos eram ótimos, como sempre, a conversa não tinha fim em momento algum e minha namorada de mentira parecia mais que inserida. Acompanhante que eu não conseguia parar de admirar, a mulher que a cada piscar de olhos, a cada palavra, roubava um pedaço a mais de meu coração. Talvez da minha alma. E quando um sorriso escapava de seus lábios, tinha



vontade de colher com os meus.

Na noite anterior, quando nos entregamos um ao outro, foi como se meus pulmões tivessem se enchido de vida outra vez. E agora, ela continuava comigo.

Comigo!

Beijei a lateral de sua cabeça, decidindo não evitar mais nenhum impulso e ela se aconchegou perto de mim, entregando-se para um afago. Agora podia ver as coisas que antes não conseguia: estava sentindo a felicidade real e pura. E que eu podia me apaixonar por ela, não havia mal nisso, desde que ela deixasse se apaixonar também.

— Prova esse aqui — disse-me ela dando um pedaço açucarado em minha boca. — Não é divino?

— Muito bom — garanti.

E lá estava meu coração batendo feito louco, outra vez. Levei meus lábios até os dela, que retribuiu, fazendo com que meu único pensamento fosse prorrogar esse final de semana para a vida inteira. Correria o risco.

— Vamos dançar? — convidou.

— Por favor, Isa, antes deixe roubar você um pouquinho só pra mim. Porque já estou tendo pensamentos terríveis...

— Terríveis?! — Ela sorria maliciosa.

— Envolvendo doces e nós dois.

— Vamos! — Pegou minha mão — Quem sabe antes de irmos dançar, temos um tempinho para me contar mais detalhes — sussurrou em meu ouvido.

— Isa...

— Tobias... — Segurou meu olhar.

Fugimos os dois do tumulto da festa, com a promessa de que voltaríamos em alguns minutos. Ela era a definição de tudo que mais desejei em uma mulher,

constatava enquanto a levava para um lugar que era só meu, até então.

— Onde vamos? — questionou.

— Ali. — Apontei para a grande estufa de flores que ficava na parte de trás da residência, ao lado do pequeno estábulo. — Mas, antes de entrar, feche os olhos e só abra quando eu mandar.

— Tobias...

— Confie em mim.

— Tudo bem — acatou fechando os olhos.

— Venha, devagar. — Abri a porta de vidro. — Continue com os olhos fechados, cuidado com o degrau. Isso, agora fique paradinha por um minuto.

— Certo.

— Não abra ainda — pedi fechando a porta atrás de nós, e ligando o interruptor azul. — Agora respire fundo, ouça a música e sinta... Só sinta isso, Isa.

A canção clássica tocava delicadamente suas notas por todo o ambiente, devagar via Isa inspirar e expirar, uma paz tomava suas feições e o sorriso brincava em seus lábios.

— Pode abrir, se quiser — disse.

Ela ainda permaneceu alguns minutos recebendo aquela energia, fiquei contente; e quando seus olhos abriram, eu só via felicidade também. O lugar era realmente incrível, meu refúgio desde a época que estudava para prestar o temível vestibular para medicina.

Deixei-a explorar o local, calmamente, explicando sobre as rosas de minha tia e as predileções de meu tio. O lugar era deles, muito antes de eu me apaixonar, e cada folha do recinto tinha o cuidado dos dois.

— Ali naquele canto eu coloquei uma mesa e uma cadeira — expliquei. — Eu passei meses me preparando para as provas aqui, chegava a estudar dez horas

por dia e, quando me sentia cansado, elas renovavam minha energia.

— Esse lugar é incrível! E essa música, também foi você que adicionou?

— Não, meus tios colocam para elas por três horas por dia, eu só aproveitava.  
— Sorri.

— Agora venha — chamei caminhando em direção ao fundo da estufa. — Depois que comecei a universidade, voltava aqui aos finais de semana, então certo dia, quando cheguei, meu tio tinha construído esse presente para mim.

Peguei a chave do bolso e abri a porta de madeira que dava entrada ao anexo todo em madeira, feito exclusivamente para mim anos atrás.

— Ninguém mais usa? — perguntou surpresa ao entrar no lugar.

— Não, somente eu. — Entrei logo atrás dela. — Essa é a mesa que te falei, ele trouxe para cá e adicionou o que achou necessário: uma cama de solteiro, um sofá, esse frigobar antigo e uma estante para meus livros.

— Poderia morar aqui — comentou. — É uma graça, aconchegante e parece que o aroma das flores ainda é mais presente aqui dentro.

— Eu pensava em morar aqui, não faz muito tempo — falei aproximando-me dela.

— E por que desistiu?

— Porque conheci você... — Toquei seu rosto de leve. — Isa, eu...

— Não diga nada — pediu aproximando sua boca da minha. — Só me beije. Só. Beije...

Uma vez ouvi dizer que nossos sonhos se realizam, desde que você queira de verdade e que seja realmente bom para você e não era do meu feitio me esconder da luz. Isa era o sol. Por isso beijei-a com todo meu coração e a ouvi gemer baixinho sob meus lábios, realizando um dos meus maiores desejos.

Eu não conseguiria nunca mais ficar longe dessa mulher e que Deus me ajudasse porque o amor pode durar, mas também pode ferir.

Levei-a até a mesa, agora vazia, me pressionando em seu corpo, cada movimento era retribuído e isso só me fazia desejá-la ainda mais.

— Feche a porta — ela pediu e eu fechei; em seguida, peguei-a pela mão e levei até a pequena cama.

Virei-a de costas e abri o zíper do vestido azul-escuro, deslizando para baixo todo o tecido. Segui beijando seu pescoço, ombros e tudo mais que conseguia. Ela virou e me beijou com fervor, abrindo os botões da camisa e depois disso tudo foi paixão.

Ela sorriu quando a deitei sobre o colchão e aquele era o sorriso mais lindo do mundo, era entrega e aceitação. Guardaria na minha memória para os dias de escuridão, caso viessem, torcendo para que ela sentisse que tínhamos encontrado o amor.

— Gostaria de fazer o relógio parar — falei mergulhando de cabeça no motivo que me fazia perder o sono e ter o coração agora sempre em descompasso.

— Venha um pouco mais perto. Agora. — Puxou-me para si, em um sussurro quase inaudível.



## Capítulo 21

Isa

*— O essencial não é do tamanho do bem que se quer. E, sim, do tamanho do amor que você coloca no bem que decide fazer.*

Essa foi a frase que Tobias me disse ao pé do ouvido, ao notar meu espanto com o anúncio dos noivos. Eles disseram que todos os presentes que receberam, em dinheiro na clássica coleta no sapato da noiva e do noivo, seriam revertidos em leite para crianças carentes e ração para os animais resgatados da Ilha da Coruja.

O casal sacudia os envelopes, cheques e cédulas recebidos, provavelmente generosos. Meu primeiro comentário foi de que a caridade anunciada era, na verdade, vaidade declarada. Mas, para minha surpresa e vergonha, ganhei essa bela frase, que me fez perceber que meu pré-julgamento foi equivocado, além de ser uma lição e tanto para a vida inteira.

Nosso momento mágico, de meia hora atrás, ainda me aquecia, fazendo um frio gostoso percorrer meu estômago a cada instante que o pensamento trazia à tona. Era impossível não estar completamente envolvida com ele, era como se tivéssemos descoberto juntos um céu particular onde as estrelas brilhassem somente para o nosso prazer.

Olhei mais uma vez para nossas mãos unidas, sobre meu colo e o seu braço envolvendo meus ombros. Parecia tão certo e natural, talvez nossa encenação tivesse ido longe demais. E talvez, só talvez, eu não desse a mínima para isso.

Na sequência da comemoração, dançamos e nos divertimos bastante. Tobias evitava me deixar a sós com seus amigos, pois muitas conversas poderiam revelar nossa farsa e ele disse que seria mil vezes pior. Mas também porque

temia que fosse roubada por outro homem do local, uma brincadeira que, sem dúvida, me deixou envaidecida.

— Por que seria tão ruim que soubessem dessa mentirinha? — perguntei, em meio a uma conversa.

— Estava fechado para relacionamentos, como você sabe, depois do que houve.

— Amigos verdadeiros se importam e você está superbem, não é mesmo?

— Por isso você está fingindo que é minha namorada. Para tranquilizar meus queridos amigos. Estou bem, sim, a vida seguiu.

— E seguiu mesmo? — perguntei em tom sério.

— Pode ter certeza absoluta que sim — respondeu, aproximando-se mais. — Isa, eu estou a...

— Vejam vocês! — exclamou alguém. — Posso roubar seu par por um minuto?

— Claire.

— Bem... — eu não sabia o que responder.

— Ah, querida, é só por um estante. Na próxima música te devolvo. — Sorriu, cínica.

— Certo, vou buscar uma bebida. Ok, amor? — perguntei, sem ação.

Tobias não respondeu. Sua cara de poucos amigos mostrava que havia ficado incomodado com o pedido de sua ex, pois seu maxilar tensionado pulsava. No entanto, o que eu poderia fazer? Fui até nossa mesa, onde os dois casais conversavam animadamente. Assim que cheguei, os homens se retiraram, para arrumar um lugar reservado para a rodada de cartas.

Em alguns minutos, deveríamos todos nos encontrar no interior da casa. Permaneci em pé, olhando, de canto de olho, Tobias dançando com sua ex, até que as meninas chamaram minha atenção com seus comentários. Desviei da

cena, estava me incomodando mais que deveria.

— Claire não tem jeito!

— Na verdade, achou que Tobias ia chorar por ela a vida inteira.

— Isa, não a deixe abusar — instruiu Moema. — Vá lá buscar seu homem!

— Será que ele a esqueceu? — perguntei, curiosa, esquecendo-me de que ali fazia papel de namorada de mentirinha. — Digo, sei lá...

— Dá para ver que Tobias está completamente apaixonado por você. Desencana! — disse Olga. — Ela é uma sacana.

— Além do mais, foi ela que terminou o noivado, ela que bancou a cretina interesseira — completou Moema.

— Noivado?! — Opa, essa informação era nova e me deteve.

— Sim. Tobias não te contou? — perguntou, sem graça.

— Muito por alto. Não puxo esse assunto, sabem como é...

— Você faz bem. Quem vive de passado é museu — disse Olga, erguendo a taça.

— Ela queria status de mulher de médico, mais nada. Não aceitou a recusa de Tobias em chefiar aquela equipe no Hospital Internacional de Pediatria em Londres.

— Mulher de médico — repeti.

— Tobias é um excelente cirurgião, profissional dedicado, mas isento dessa vaidade de cargos ou títulos — garantiu Moema.

— Ela surtou quando ele disse que seguiria morando aqui na cidade e que desejava, na verdade, montar uma clínica no interior ou seguir em trabalhos humanitários — comentou a outra amiga.

— Ei, Isa, essa é a deixa! — exclamou Olga. — Pegue-o e vamos às cartas. Olha ali. — Apontou para o lado contrário. — Os rapazes estão nos chamando.

— Ah, sim. Eu chamo Tobias — apressei-me atordoada com tantas novas informações.

Médico? Não era técnico ou enfermeiro, era médico convidado a chefiar um hospital internacional! Noivado, e não namoro terminado? As novidades me deixaram surpresa e chateada. Por que fez mistério de sua vida, omitindo detalhes importantes para quem o tinha como, muitas vezes, confidente?

Caminhei na sua direção, estava decepcionada por sua falta de transparência. Fiquei ainda mais chateada quando me aproximei do ex-casal e ouvi o final da conversa. A tal Claire, ao me ver, virou nos calcanhares e partiu, deixando no ar, além do seu cheiro cítrico de perfume importado, a frase: "Pense bem na minha proposta, *honey baby*".

— Proposta?

— Ignore — respondeu, pegando minha mão e saindo da pista.

— O que ela disse? — insisti.

— Nada importante, venha — falou absorto em pensamentos que não desejava compartilhar comigo.

Mais mistérios.

Tobias só me deixava ainda mais desiludida. Fomos até as amigas dele e dali, direto para dentro da mansão. Edgar nos encontrou e disse que o escritório do andar superior estava arrumado. Lá dentro, uma mesa com cartas e fichas aguardava a todos.

— Seu tio vem jogar mais tarde, Joshua também.

— Joshua rouba! — garantiu Tobias, rindo, aos amigos.

Eu, que nunca aprendi ou me interessei por jogos com baralho, fiquei grande parte do tempo só ao lado de Tobias, vendo-o jogar, sem muito entender. Isso até Fabrício me convidar para uma rodada de bilhar, pois me viu por diversas vezes namorando, com olhares, a grande mesa.

Mais que divertido, o duelo entre nós dois chegou a parar o jogo de valetes.



Todos ficaram boquiabertos com minha destreza, pois ninguém ali desconfiava que aquele fosse o passatempo preferido de toda a minha adolescência.

Tio Liarte, que Deus o tenha em paz, era meu único tio paterno e um companheiro maravilhoso. Aquele tipo amigo mesmo. Ele me ensinou a jogar e era ao seu lado que me divertia dos quinze aos dezessete anos. Bilhar, damas, xadrez e boliche eram nossos jogos prediletos. Infelizmente nos deixou ainda jovem, com pouco mais de quarenta anos, vítima de complicações da maldita dengue.

Eram quase sete da noite quando nos despedimos do grupo e nos dirigimos até a balsa. Antes, fui convidada para uma grande festa, que aconteceria em um mês e pouco, exatamente na véspera da partida de Abnel para a Alemanha, no dia noventa e nove dos cem determinados para a minha busca.

Os meus cem dias para amar.

— A festa será enorme — afirmou Tobias. — Dez anos de casados. Provavelmente, Olga já planeja há, pelo menos, dois.

— Eles parecem felizes — falei, sem muita emoção.

— E são! — concordou.

Já na balsa, permanecemos dentro do carro de luxo, que agora sabia ser seu. A chuva era mansa, porém contínua. Tobias colocou músicas para escutarmos e rapidamente o papo foi diminuindo, formando certa tensão no ar.

— Sobre ontem à noite e hoje à tarde... — falou, meio sem graça.

— Somos adultos — falei, magoada, pois ele havia mentido.

— Isa, eu preciso dizer: foi incrível! — disse, encarando-me.

— E, provavelmente, foi um erro — sussurrei, engolindo em seco.

— Não. — Diminuiu o espaço vazio entre nós.

Ele estava cada vez mais próximo, com seus olhos nos meus, fazendo o ar ali dentro esquentar. A boca perfeita me fazia corar, a recordação de nossos

momentos mais íntimos me deixava febril. De leve, levou a mão até meu rosto, tocando-o suavemente. O gesto me fez fechar os olhos brevemente e um suspiro escapou de meus lábios.

— E... Eu — gaguejei. — Vou lá para trás — disse abrupta, escapando de um beijo iminente.

Estava confusa com suas omissões e também perdida entre o que era encenação e o que era real. Dúvidas e inseguranças grudaram em volta do meu coração como sanguessugas famintas. A cabeça turva com tantos pensamentos simultâneos...

Como uma adolescente, fugi. Saí pela porta da frente e corri, entrando na traseira. Estava insegura, pois tudo com ele acontecia intensamente. Acomodada, puxei a manta e deitei no banco, cobrindo-me até o pescoço.

— Estou exausta e com um pouco de dor de cabeça — menti. — Desculpa.

— Tudo bem — disse, sem olhar para trás.

Fechei os olhos imaginando seus beijos, mas, então, me veio a cena de Tobias e a ex-noiva dançando harmoniosamente e mergulhei na frustração. Ela era tudo o que eu jamais seria, talvez, mais próxima ao verdadeiro mundo dele. E se eu fosse apenas mais uma mentira?



## Capítulo 22



Tobias

“Ela estava com medo do quê?”, pensava ainda, quinze minutos depois, fingindo ler um livro enquanto ela fingia dormir.

O que tinha acontecido não era sexo ocasional, tinha sentimento e eu pude sentir! Não era só meu, não era... Por que fugir agora? Nossas carícias ainda hoje eram uma mentira como o namoro inventado aos meus familiares? Meu peito doía só de pensar nessa possibilidade, mas as palavras me escaparam dos pensamentos quando vi, pelo canto do olho, uma luz acender e depois apagar duas vezes.

O celular de Isa estava caído ali no banco do carona. Vibrava, mesmo sem som. A tela iluminada chamava minha atenção. Na tela dizia:

*"Três mensagens de textos recebidas e não lidas."*

Levei a mão até o aparelho, na intenção de pegar e alcançar para ela, pois, provavelmente, não se importaria de ser “acordada” por esse motivo. Contudo, encostei sem querer em algum botão e uma das mensagens se abriu, me paralisando.

Sem ação, li e reli algumas vezes, até que virei a tela para baixo. Deixando o aparelho no mesmo local e desejando nunca ter lido, fechei os olhos e encostei a cabeça para trás.

— Merda! — sussurrei.

Era doloroso saber que havia alguém, que sua busca provavelmente teve um resultado e outro estava ocupando o espaço que deveria ser meu. O coração que eu almejava habitar já pertencia a um cara de muita sorte.

Tudo agora estava explicado, a mensagem mostrava o porquê evitou falar da noite passada. A rejeição e fuga de um beijo minutos antes e sua quietude repentina.

Eu havia perdido tempo, tentando deixar suas feridas — e as minhas — cicatrizarem. Idiota! Eu era um imbecil! Ela já tinha alguém e eu estava outra vez, definitivamente, arrasado.

*"Isa, vamos nos encontrar quando? Ô, amor, estou morrendo de saudade! Esse coração é seu e..."*, a mensagem longa, cujo final não fazia diferença, era uma declaração de amor.

Amor. Ele já a chamava assim e isso era totalmente aceitável. Afinal, quem não se apaixonaria perdidamente por ela? Por suas curvas, seu sorriso e seu jeito leve de ser. Pela mulher mais perfeita que acabava de partir meu coração, recém-recuperado, e mesmo assim não conseguia deixar de estar menos apaixonado.

“Ela já o amava também?”, a pergunta dava *looping* em minha cabeça.

Fechei meus olhos, que ardiam. Tudo havia sido parte de uma mentira.



## Capítulo 23

Isa

— Não! Então, João Pedro andou te ligando?

— Creia se puder — confirmou Abnel.

— Olhe aqui as mensagens que ele me mandou. — Mostrei a tela do celular para meu amigo.

— Inacreditável! Só jogando no mar esse despacho. — Colocou a mão em meu ombro.

— O que ele falou com você? — perguntei, indignada.

— Não dei muito assunto. Mesmo que você o tenha perdoado, eu nunca faria isso — respondeu. — Então fui curto e grosso.

— Imagino, fez bem.

— Ele queria saber se você estava sozinha. — Deu de ombros.

— Você respondeu o quê?

— Que eu não era um guia de classificados. Então ele me disse que não era justo, que todo mundo merecia uma segunda chance.

— É muita cara de pau! — resmunguei irritada.

— E eu respondi antes de desligar: “a vida não é uma calça *legging*, para ser justa com todo mundo. Tenha um bom-dia e morra em paz”.

— Você não existe! — gargalhei com meu amigo. — Muito bom! Obrigada, Bi. Não entendo por que quer voltar — disse.

— E o que dizem as mensagens? — questionou. — Dê aqui.

— Leia você mesmo, são declarações. — Entreguei o celular. — Ele sequer merece resposta.

— Verdade, vamos em frente: como foi a festa de casamento? Conte tudo. Roupas, convidados, cada detalhe — pediu, jogando o celular dentro da bolsa que eu carregava.

— Divertido. Era uma festa muito grande, fina mesmo, num jardim espetacular! — comentei. — Você surtaria.

— Algum bofe?

— Bem, na verdade não deu para paquerar, pois Tobias me pediu para fingir ser sua namorada.

— Para tudo! Como é?! — exclamou, perplexo.

— Pois é. — Sorri. — Passa lá em casa hoje à noite, já estou no fim do meu horário de almoço e preciso passar na papelaria. Te conto cada detalhe sórdido!

— Você me mata de curiosidade assim. Olha minha gastrite! — contestou. — Mas, ok. Levo um vinho branco e janto com vocês.

— Ótimo. Até mais tarde, Bi. Te amo.

— Beijo, amiga. — Nos abraçamos com carinho. — Te amo também.

Aquela noite foi muito gostosa, mas, a cada risada, pensava no quanto meu amigo nos fazia falta. Era um irmão, do tipo que agradava sem fazer força, só sendo ele mesmo. E assim, jantamos em família, mas não esticamos a noite, pois ele precisava voltar para seu apê, no outro lado da cidade.

Comemos deliciosas *esfihas* do Said: eu, de espinafre e ricota; e eles, de outros quatro sabores. Richard estava encantado com o jogo novo e caro que havia ganhado do seu padrinho de coração, e meu pai namorava as goivas novas

que haviam recém-chegado pelo Sedex.



Mais tarde, na rua, parada ao lado do carro compacto, azul brilhante, nós ficamos conversando um pouco, antes de nos despedirmos.

— Estarei um pouco ocupado esses dias — comentava.

— Eu sei que vai ficar meio *off*. É por causa de suas aulas particulares de alemão, não é?

— Sim, bateu um desespero. Não sei nada! — Riu. — Vou intensificar com a professora Silvana.

— Faz bem, meu amigo, faz bem...

— Tô achando você muito estranha. Tem certeza de que está tudo legal?

— É, tá sim. Não se preocupe — garanti, sem nenhuma verdade.

— Isa, amarre todas as pontas para que novas coisas legais tenham espaço na sua vida — falou, dando um abraço demorado. — Você não é feliz no seu trabalho, não terminou a faculdade de que tanto gostava...

— Eu sei.

— Sabe, mas fica levando! Às vezes, precisamos acertar outros lados da vida e aí, como mágica, tudo começa a se encaixar e dar certo. Incluindo o amor.

— Vou pensar mais sério sobre isso. Obrigada, Bi. Obrigada.



## Capítulo 24

Isa

As duas semanas seguintes passaram e encontrei Tobias somente em dois dias. Os encontros foram preenchidos pelo silêncio constrangido, que falava por si só. Ele estava diferente, talvez arrependido, não sabia, e eu, engasgada com perguntas a fazer. A única coisa que tinha certeza era de que sentia muito sua falta.

— A mentira é incompatível com o amor. Sabia disso, João Pedro? — disse, em resposta a mais uma ligação descabida.

— *Gata, não faz assim.*

— Olha, não me liga mais e não importune meus amigos! — bufei no telefone.

— *Ele era meu amigo também, eu só...*

— Não, João Pedro! Ele era legal com você por ser MEU amigo — disse, bastante alterada. — Já falei: se continuar me procurando, vou dar queixa na polícia.

— *Não é para tanto, Isa* — debochou.

— Quem sabe encontro seu pai por lá e ele te dá um corretivo igual aquele da sua formatura — ameacei.

— *Ah, lá vem ela! Isa, gostosa e linda, voltarei a te procurar quando você estiver de melhor humor. Um beijo, estressadinha.*



— Olha, eu já avisei! Alô? Alô?! — chamei. — Filho da puta!

— Que houve, filha? — perguntou meu pai, entrando na cozinha.

— Telemarketing.

— Não deixe te perturbarem, esse povo tem o poder. — Riu.

— Pai, o Abnel vem jantar novamente conosco. Vou comprar algumas pizzas.

— Ótima ideia! — exclamou animado. — Deixe comigo. Trago uma especial pra você, vou chamar seu irmão para ir junto buscar.

— Obrigada. E eu vou para o banho, então.

“Ex bom só se for de esfiha mesmo”, pensei, jogando o celular sobre a cama e assustando o pobre Percy.

— Desculpe, meu amigo. Mas, me diga, por que o tempo só anda para frente?

Ele não respondeu, mas seu olhar canino dizia que talvez essa fosse a maior tristeza do mundo. E, pensando nisso, percebi que fazia dez dias que não via Tobias. Sendo assim, enviei uma mensagem de voz pelo aplicativo de celular questionando se estava bem. Sua resposta foi vaga, disse que estava tudo certo, mas com horários de trabalho diferentes.

Nesse tempo de nosso desencontro, tive alguns encontros às cegas, sem darem certo, pois era de seu cheiro que realmente gostava e isso já estava mais claro que o dia para mim.

Em um deles, graças a Clarinha, filha da minha vizinha, conheci um cara muito legal. Ele também não tinha real interesse de conhecer ninguém novo, muito menos por um perfil em rede social que visava reunir almas gêmeas. Mas, por que afinal quis um encontro possivelmente romântico? Descobri depois de uma hora de papo, num intervalo de trabalho, que era apenas um cara solitário.

Não era novo na cidade, nem nada do tipo, apenas tinha dificuldades de achar novas amizades. Era uma pessoa muito querida mesmo, Paulo Redler, cujo passatempo preferido era escrever poesias e sofrer por paixões platônicas. De quebra, fui recrutada para ler uma coletânea de textos que estava reunindo com

intenção de publicar em formato digital.

E assim é a vida, às vezes achamos amigos onde menos imaginamos. Tal como o vizinho gato da Joyce, que foi na maior cara de pau do mundo, no nosso trabalho. A ideia de minha amiga e colega era reunir duas pessoas solteiras, foi o que me disse. E que esse cara era um tremendo gostoso e que merecia ter alguém legal.

A única coisa que Joyce não percebeu, foi que, na tentativa de encontrar um par para mim, acabou por conquistar o seu vizinho. E ele foi sim me encontrar, mas para sondar mais sobre ela e declarar que, caso a garota desse uma chance, eles poderiam sair para conversar.

Nunca esquecerei seus olhinhos brilhando, quando contei a novidade e acabei sendo a própria cupido para um encontro que resultou no início de namoro. Rafael tornou-se devoto por minha ajuda e eu ganhei um novo amigo.

Amizade. Amor. Pensamentos que já me levavam diretamente a Tobias e no ônibus 401 da Linha Azul. Aqueles beijos não saíam da minha memória. Sentia sua falta, uma saudade que ardia meu estômago e deixava meu coração aos tropeços.

A cada fim de tarde, minha expectativa era frustrada: nada de Tobias no nosso lugar especial. Nada de seu olhar me procurando através da janela e aquele sorriso fácil.

Nada.

Fui percebendo que talvez ele não tivesse me tirado o fôlego logo na primeira vez que o vi. Mas isso não significava nada, ele poderia ser o homem que tiraria meu fôlego pelo resto da vida.

Eu precisava vê-lo. Queria Tobias.

Imaginava sentar com ele em uma varanda ensolarada, com uma xícara de chá e um bom livro. O mal-estar por ter feito mistério de sua carreira, da família rica e do noivado seria desfeito com uma conversa clara, pois, apesar de nunca ter comentado detalhes tão importantes, eu também nunca fiz questão de saber ou perguntar. Era por ELE que me interessava e não pelo que girava ao seu redor e isso tornava todo o resto do mundo pequeno.

— Estou amando — falei para eu mesma ouvir. — Amando.

E numa ligação impulsiva, revelei a ele cada detalhe que sufocava meu peito, do que vivemos e da falta que sentia. Esse foi o primeiro passo que dei para mudar minha vida. O áudio não foi ouvido, mas certamente seria.



Na sexta-feira seguinte, pedi minha demissão na editora, não porque ver Claire quase toda a semana me deixava irritada ou porque tenha pedido para Berto me despedir com a desculpa que tínhamos problemas pessoais que atrapalhariam o trabalho na editora, mas porque eu realmente queria. E tudo aconteceu de uma forma tão amigável que trabalharia como *freelancer* para a editora, em traduções futuras, com ótima remuneração.

Em seguida, enviei meu currículo para inúmeras outras casas editoriais e autores nacionais, oferecendo meus serviços. Assim que fosse possível, faria um blog profissional para divulgar meu portfólio ou então uma página em rede social. Papai me deu toda força possível, motivando para que me tornasse uma microempresária e fizesse da tradução o meu sustento.

Também procurei reunir todos os documentos e entrei com a papelada necessária junto à reitoria da minha universidade. Tornaria a estudar para concluir o curso que tanto gostava e isso ajudaria muito no processo de atendimento profissional. Na volta de tantos assuntos pendentes que resolvia na minha vida, era só a imagem dele que me vinha à mente.

— Pai, vou dar uma caminhada — avisei.

— Voltando à ativa?

— Quero começar essa nova fase, linda, saudável e de cabeça erguida — anunciei.

Fiz corridas e caminhadas intercaladas, mas minha motivação era ele, uma tentativa de encontrá-lo por acaso. Fui ao cinema preferido dele, percorri livrarias e cafés que ele curtia, shopping e vários outros lugares que

possivelmente frequentava. Ausência. Tanto sonhei com o dia em que encontraria alguém que, com um simples abraço, juntaria meus cacos, que ele chegou e partiu sem eu notar.

Seria tarde demais?



— Não consigo acreditar no que aconteceu. Tudo em mim mudou — comentava.

— Estou vendo teus olhos tristes — concordou. — Então... Não espere mais, vá procurar!

— Mas aonde?!

— Isa, a vida é agora! — Abnel pegou-me pelos ombros, girando meu corpo e empurrando de leve para a porta. — Coloque essa cabecinha para funcionar. Vá! — insistiu.

Amigo não era só aquele que enxugava suas lágrimas, mas também aquele que te dava um tapa na bunda e mandava levantar a cabeça. E foi isso que Abnel fez. Era quinta-feira, fui ao mesmo horário em que acreditei encontrar Tobias trabalhando. Fosse médico ou enfermeiro, estaria lá.

A clínica de pediatria *A. Conrad* era maior do que imaginava e contava com uma unidade de especialidades referência no país. Li cada nome escrito no grande quadro de vidro e mármore, logo na entrada do lugar que mais parecia um grande hospital/hotel. Nada de Tobias.

— Olá, bom dia. Posso ajudar? — perguntou a recepcionista, bastante simpática, com grandes cílios negros.

— Oi. Acho que sim — respondi.

— Pois não...?

— Conheci uma pessoa que trabalha aqui. Um funcionário.

— Ah, sim. — Deu um sorriso. — Qual o nome, querida?

— Tobias.

— Tobias?

— Isso, Tobias Alcântara.

— Sim, claro. — A cara era de pouco caso. — Ele não está na clínica. Você pode deixar um recado.

— Não? Está de férias? — questionei. — Moça, eu preciso mesmo falar com ele.

— O doutor Conrad não está na cidade — informou.

— Tudo bem, mas ele trabalha aqui mesmo, então? — perguntei, aflita.

— Na verdade, ele é o dono. Doutor Tobias de Alcântara Conrad.

— Eu, eu... Hã... — não sabia o que responder. — Ok. Vou deixar um recado, então.

Com a mão trêmula, escrevi meu nome e telefone num papel timbrado entregue por ela, mesmo duvidando que ele fosse receber. Escrevi a palavra urgente em letras maiúsculas e fiz dois traços embaixo.

Com o número de seu celular sempre fora de área de cobertura, a ida ao local de trabalho sem sucesso, o que faria agora? Apenas uma luz brilhava no final do meu túnel... Não tinha alternativa: no dia vinte e oito de outubro, véspera do embarque de meu amigo para encontrar seu amor alemão, aconteceria a festa que Olga e Edgar haviam me convidado. Lá, certamente encontraria Tobias!

No dia noventa e nove dos cem dias para amar, que havia colocado como meta para encontrar alguém especial, como por ironia do destino, teria a chance de declarar meus sentimentos. Se eu tinha chances? Não sabia. Comigo só carregava os anseios de um futuro, as lembranças do que vivemos e de seu olhar sempre me dizendo algo mais.



## Capítulo 25

Isa

*Vinte e dois dias depois...*

O dia começa em branco, pronto para colorirmos da cor que quisermos. Por isso, logo cedo, arrumei o vestido que Tobias havia me presenteado, limpei meu melhor sapato e combinei que meu pai me levaria até o clube onde aconteceria a comemoração das Bodas de Estanho de seus amigos.

Eu sabia que era muita cara de pau aparecer sozinha, sem Tobias, e que talvez o convite nem tivesse mais valor. Contudo, essa era a única forma de encontrar o amor da minha vida. Faltando uma hora para o início da festa e talvez uns vinte minutos para sairmos, uma visita inesperada desestabilizou tudo por ali.

— Oi, filha! Tudo bem?

— Mãe?

— Me convida para entrar?

Não tive escolha, deixei que entrasse. Meu pai a recebeu de forma educada, mas eu não consegui esconder o ressentimento. Era muita mágoa acumulada e, naquele momento, estava com os nervos alterados. Emoção à flor da pele.

— Estamos de saída — informou meu pai. — Desculpe, se você tivesse telefonado, teria avisado.

— Se ela passa um ano sem ligar para os filhos, você acha que agora seria diferente por quê? — indaguei irônica.

— Cadê Richard? — perguntou ela ao meu pai, ignorando-me.

— Ele foi brincar na casa de um coleguinha — explicou.

— Legal — respondeu. — Eu preciso de uma ajuda — falou ao papai, sem rodeios.

— Você está de piada, não é? — interrompi, colocando as mãos na cintura.

— Isa... — começou meu pai.

— Não, pai! Ela só aparece para pedir favores. Chega!

— Olha aqui, menina, você não tem o direito de falar assim comigo. Eu sou sua mãe! — repreendeu-me.

— Você não sabe o significado disso.

— Isa, calma... — Papai tentava diminuir a tensão.

— Pro cacete! — segui exaltada, extrapolando o nervosismo por Tobias e meus ressentimentos com minha pseudomãe.

— Machista! — acusou ela, parecendo ofendida e sem paciência. — Homens abandonam as famílias, constroem outras e não são tachados de vagabundos. Agora uma mulher, por se separar do marido e deixar a guarda dos filhos com ele... Ah, não presta! Dois pesos e duas medidas.

— Eu... — Seu discurso me engasgou, desarmou.

— Não sou menos mãe, nem amo menos vocês. Apenas não tive a vocação materna, sempre fui egoísta demais, seu pai criou muito bem vocês — falou. — Meu erro foi ser ausente!

— Sempre está em tempo — disse meu pai, sereno.

— Vou terminar de me arrumar — falei, saindo dali com lágrimas nos olhos.

Eles seguiram conversando numa boa, como sempre, acredito que nunca os tenha ouvido brigando. E apesar de tudo, talvez ela tivesse razão e, mesmo tendo nos abandonado, nos amasse de um jeito diferente. Era minha mãe.

Talvez por isso mesmo, no quarto, chorei feito um bebê. Eu a amava também.

Com isso, acabei borrando toda a maquiagem que havia feito. E olhando meu reflexo no espelho, mais parecendo uma panda, chorei outra vez.



— O que ela queria? — perguntei ao meu pai, já quase chegando ao clube, uma hora atrasada, mas devidamente arrumada.

— Não era dinheiro, filha. Sua mãe só precisa de um contador.

— Pra quê?

— Vai abrir um *food truck* — informou. — Sozinha.

— E você vai ajudar?

— Indiquei o Roberto, ele tem experiência no ramo. — Estacionava o carro quando terminou o relato. — Ei, agora, boa sorte! Sei que tem algo importante aí dentro para a minha garotinha.

— Como sabe? — Tentei sorrir.

— Posso não ser a melhor pessoa do mundo, mas sou seu pai. — Beijou minha testa com ternura.

— Você É a melhor pessoa do mundo — afirmei.

— Ele é o cara? — questionou carinhoso.

— É sim, pai.

— Então, vá logo.

Em meio a um abraço forte e votos de boa sorte, respirei fundo e agradeci antes de descer do carro. Era o grande dia, em pouco tempo estaria me declarando a Tobias e colocando meu coração em suas mãos.



Minhas pernas tremiam mais que galhos de árvores em meio a uma tempestade. Medo e alegria se confundiam. Degrau a degrau, caminhei para mais perto daquele que dava um novo sentido em minha vida. Ergui o nariz e entrei no grande salão, tentando encontrar, entre vários rostos, o dele. Na recepção, meu nome ainda aparecia como sua acompanhante.

*Tobias Conrad & Isa Marie*

Dez minutos depois, ainda não o havia encontrado, então resolvi falar com Olga e Edgar. Precisei esperar o fim de uma longa apresentação deles, que dançaram lindamente tangos orquestrados. Paciente, aguardei e, minutos depois, Olga finalmente me viu. Caminhou ao meu encontro, desviando do assédio de outros convidados com charme e simpatia. Estava belíssima, com um vestido justo ao corpo, de pura seda e renda em tons dourados.

— Oi — cumprimentei, sem graça. — Parabéns, a festa está linda!

— Obrigada, mas não esperava por você — respondeu. — Desculpe a franqueza, Isa.

— Estou atrás de Tobias.

— Ele já foi.

— O quê? Não, não acredito! — exclamei. — Eu preciso falar com ele, Olga.

— Falar o quê? — perguntou, com as mãos na cintura. — Ele está com o coração partido. Você tinha outro! — acusou sem meias palavras.

— Não, não existe ninguém! Não sei por que você acha isso. Estou apaixonada por Tobias, por isso estou aqui — respondi.

— Ele viu uma mensagem, bem... Não sei como foi, mas estava no seu celular! — alertou já sem tanta certeza de que menti sobre meus sentimentos. — Achou que você tinha outro. Não tem?

— Confia em mim, Tobias tem meu coração — garanti.

Expliquei cada detalhe a ela e fiz confissões. contei como nos conhecemos e sobre o falso namoro, a noite inesquecível e de como sua ausência me fez perceber que era ele o amor que procurava. Foi preciso muito argumento para convencê-la.

Porém, quando finalmente ficou convencida, com um olhar carinhoso, escreveu o endereço do avô de Tobias num guardanapo lilás. E desejando boa sorte, pois era onde provavelmente o encontraria, abraçou-me com afeto.

Saí apressada, meus olhos teimavam em querer transbordar, contudo mantive-me firme. Ele estava magoado comigo e isso, apesar de ser ruim, era bom também. Contraditório, eu sabia, mas só havia mágoa onde existiam outros bons sentimentos.

Chamei um táxi e mal abri a porta já dei o endereço ao motorista, impaciente. Rodamos muito, era um bairro bem distante do meu e daquele clube também, gastaria uma fortuna e agradeci mentalmente por ter aceito emprestado o cartão de crédito de Abnel.

Na entrada do bairro Linhal, dobramos à esquerda na segunda rua, e o nível das casas também dobrou. Eu que sempre imaginei Tobias morando em uma casa simples, assustei-me com os casarões construídos naquele lugar.

— É aqui? — O motorista havia parado. — Tem certeza?

— Tenho sim, senhora — o senhor respondeu convicto.

— Bem, ok... Obrigada.

Paguei e desci indo diretamente à pequena portaria. Apresentei-me ao funcionário, pedi para falar com Tobias e ele me garantiu que não estava ali. Apesar da sua negativa, eu sabia que ele estava e solicitei seu avô. Aguardei bastante, já me entristecia quando permitiram minha passagem.

Na porta de entrada da residência fui recebida por um homem de meia-idade vestido formalmente, num uniforme preto impecável. Gentil, conduziu-me até uma sala repleta de livros e retirou-se com um aceno de cabeça.

— Boa noite, senhor — cumprimentei o idoso que estava de costas, numa cadeira de rodas. — Desculpe vir a essa hora...

— Você é Isa? — Virou em minha direção, com seus finos fios de cabelos muito brancos.

— Sim, senhor. — Corei.

— Bonita — disse o velhinho frágil, sentado em sua cadeira motorizada.

— Obrigada. — Sorri sem graça. — Estou procurando seu neto, Tobias. Ele realmente não está aqui? — perguntei.

— Sinto muito, filha, não está — confirmou. — O que deseja dele, se eu não for um abelhudo em perguntar?

— Preciso dizer que estou apaixonada por ele — assumi com a cabeça erguida.

— Hum... — Bateu o indicador sobre o apoio de braço.

— Ele está no apartamento novo? O senhor pode me explicar onde fica?

— Ele foi para a Ilha da Coruja — declarou. — Tenho uma irmã que reside lá.

— Eu conheço o lugar! — exclamei.

— Então vá atrás dele... — disse, olhando o relógio na parede. — A última balsa deve partir em vinte minutos.

— Vai ser impossível — falei indo para a porta. — Mas vou tentar, obrigada.

— Meu motorista, Rubens, levará você — disse apertando uma campainha.

— Obrigada! — agradei. — Muito obrigada, senhor.

— Pode me chamar de vô. — Deu um leve sorriso afetuoso.

Devolvi o sorriso, com o coração aquecido, e parti quase correndo dali, enchendo os pulmões de esperança.



## Capítulo 26

Isa

### Dia 99

Rubens, um senhor grisalho e barrigudo, dirigiu veloz e cheguei ao exato momento em que a embarcação partia. O coitado que atendeu ao chamado às pressas, vestia apenas pijama e sapato social, eu ria se não estivesse tão nervosa e por isso apenas agradeci, já com os sapatos de salto na mão, correndo para meu embarque. A noite não estava muito fria, porém a leve echarpe que cobria meus ombros não seria suficiente para me proteger.

Como seria recebida? Qual seria sua reação quando me visse e ouvisse minha declaração de amor? Se antes estava corajosa, agora ali, tão perto, já me faltava garra. Teria perdido o juízo? Apesar de tudo, meu coração permanecia em brasa pelo sentimento que me movia.

Minha cabeça fervia de questionamentos, dúvidas e anseios. Eu desejava muito sentir o cheiro de Tobias outra vez, o mais perto possível, e deixar acontecer tudo que acreditava ser possível. Entre nós havia sentimento, era mútuo, disso tinha certeza.

Meus pensamentos somente se acalmaram quando um jovem garoto me convidou para terminar a travessia na boleia de seu pequeno caminhão de carga. Gentil, emprestou-me um casquinho de lã de sua mãe, que estava casualmente por ali.

— Olha, nem sei como agradecer — falei, genuinamente grata, vestindo a peça e entrando no caminhãozinho.

— Faz falta um café. — Sorriu. — Isso não tem aqui, não, moça.

— Olha, com o frio que está aqui, seria bom — concordei. — Mas esse casaco já fez minha felicidade.

Edler tinha dezenove anos recém-completos, era de uma família numerosa que vivia da agricultura. Algumas raízes e hortaliças eram a fonte de sustento de todos eles, que possuíam uma jornada de trabalho muito maior que os serviços urbanos. Era feliz por ser encarregado das entregas e não da plantação, comentou ele, ficando corado.

— A vida de lavoura é difícil, moça. Não tem final de semana na roça — explicava.

Apesar da conversa agradável e da companhia simpática, a travessia demorou uma eternidade. Ao chegar do outro lado, segui meu caminho e ele o dele. Desci sentindo o vento frio novamente, a noite já era realidade e só então percebi que precisava de um táxi ou coisa do tipo para chegar até a casa onde estava Tobias.

Olhei o celular, que além do cartão de crédito e minha carteira de identidade, era a única coisa que carregava na pequena bolsa de mão. Eis que o mesmo estava completamente sem bateria.

A angústia só crescia. Observei ao redor com uma ponta de desespero cortando meu estômago. O que faria, ali, onde não conhecia nada e ninguém?

Contudo, meu novo amigo, como se estivesse percebendo minha necessidade, outra vez ofereceu ajuda. Gentilmente, levou-me até a casa que eu buscava, garantindo que era seu caminho, pois faria a sua entrega de batatas para aqueles lados.

Em minutos, deixando-me em frente ao casarão, que naquela noite estava bastante escuro, seguiu seu caminho; e eu, o meu. O vento, que soprava mais forte, deixava tudo ali muito frio. Olhei em volta, insegura, envolvendo meus braços ao redor do corpo, apertando a echarpe contra o peito; pois havia devolvido o casaco quentinho.

— É da minha mãe, senão deixava com a senhora — desculpou-se desajeitado.

— Devolva a ela com meu profundo agradecimento, Edler — respondi extremamente grata. — E obrigada por tudo.

Agora já com dentes, trincados para não bater, lembrava-me de que não deveria ter devolvido o casaco ao entregador antes de lavar. “Era só pegar o endereço e enviar outro dia”, pensava. No entanto, e se o coitado precisasse se esquentar? Como havia comentado, a próxima balsa só partiria pela manhã, dessa forma havia feito a coisa certa.

Estava congelando, isso incluía meus pensamentos, por isso me apressei em direção à entrada da casa. Mesmo com a ansiedade me fazendo quase sufocar, finalmente encontraria Tobias, dessa forma a felicidade começava a pontuar meu peito.

Subi rapidamente um, dois degraus... No terceiro, olhei para a grande porta.

— E agora? — questionei, mas as paredes não me responderiam.

O que iria fazer? Bater na porta, no meio da noite, e perguntar para a tia de Tobias se ele estava por ali? Assim, na cara dura? E se ela perguntasse o que fazia em sua casa, sem convite, àquela hora? Diria que era um assunto urgente, que estava apaixonada?

Só de pensar, a ideia já parecia ridícula, então me recostei na grande coluna de cor marfim. Onde estava minha cabeça, quando resolvi ir até ali? Devia estar doida! O mais sensato era ter pedido ao avô que, de alguma forma, telefonasse para o neto e...

— Que idiota! — exclamei, baixinho, cobrindo o rosto com as mãos. — Deus!

Cabisbaixa, sentei-me em um dos degraus. Precisava pensar em como e o que falar, já que minha coragem tinha voado com o ar daquela ilha. Esfreguei as mãos no rosto e o segurei por alguns minutos entre elas, buscando respostas.

Nada. Simplesmente não sabia o que fazer.

Sacudi a cabeça em negativa, mordendo os lábios de frustração.

E num profundo suspirar ergui os olhos e vi, ao longe, uma figura caminhando em meio ao vento e a escuridão. Deslocava-se vagarosamente. Forcei o olhar em

sua direção. Estava com as mãos nos bolsos da calça larga, feita provavelmente de malha, com um casaco quente de lã, uma suposta camiseta e o cabelo solto.

Suas mechas dançavam ao vento.

Era ele.

Era Tobias.

Fiquei em pé por um minuto ou dois, observando-o. Até que comecei a caminhar em sua direção, meus pensamentos sumindo a cada passo. Eu era só amor. Como pude não perceber isso antes? Nos meus cem dias para amar, tinha ele ao meu lado sem notar.

— Tobias — falei, correndo na sua direção. — Tobias! — gritei.

— Isa? O que faz aqui? — perguntou surpreso.

— Eu te trouxe duas coisas.

— Trouxe? — questionou confuso. — O quê...?

— Isso — respondi, dando um passo, diminuindo a distância entre nós.

Meu coração parecia que pularia do meu peito, fui de encontro a ele e toquei seus lábios com os meus. Fechei os olhos ao sentir seu gosto suave. Foi breve, um ensaio de algo muito maior que poderia acontecer. Um beijo puro, porém cheio de significado.

Dei um espaço pequeno entre nós e o encarei, soltando o ar que segurava no peito, talvez desde a última vez que o vi. Ele sorriu. Foi um sorriso suave, mas eu percebi que seus olhos também retribuíaam meu carinho.

Suspirei, juntando uma mecha de cabelo para trás de sua orelha, que dançava perto dos seus olhos. Eu sempre tive vontade de fazer aquilo. Era sedoso como as plumas de um anjo. Ele tirou o casaco e o colocou sobre meus ombros, talvez percebendo meu tremor que nada tinha a ver com o frio. Deu um passo para trás.

— Você se afastou — falei.

— Precisei de um tempo, já era rotina dormir e acordar imaginando como seria estar com você.

— E isso é ruim? — perguntei.

— Quando a pessoa desejada tem outro, péssimo — concluiu diretamente, cruzando os braços sobre o peito.

— Olga me contou há pouco, quando procurei você na festa dela, sei que acreditou nisso. Mas eu garanto que foi tudo um mal-entendido — expliquei. — A mensagem que você viu era do meu ex. Ele estava sendo inoportuno como sempre. Eu garanto, Tobias, que isso não vai mais acontecer. — Tirei o celular da pequena bolsa de mão e joguei para longe de nós num gesto determinado. Desesperado, possivelmente. — Eu garanto. Tobias, é você. Só você.

— Respire — ele pediu sorrindo. — Você falou tudo isso num só fôlego.

— Eu sei. — Devolvi o sorriso, inspirando profundamente.

— Então não há ninguém? — perguntou, puxando-me para si, suavemente.

— Sim, há na verdade: você. Somente você! — respondi envolvendo seu pescoço com meus braços, para tentar lhe dar um longo beijo como prova.

— Isa — falou meu nome, segurando meu rosto em frente ao seu.

— Tobias — sussurrei.

— E por que você fugiu? — perguntou com seus olhos a centímetros dos meus. — Por quê?

— Fiquei chateada. Por que você nunca me contou de sua vida? Por que tanto segredo? — questionei com o coração aberto.

— Eu estava saindo de um relacionamento baseado em interesse, não da minha parte, mas da dela. Tentava levar uma vida mais simples e você apareceu.

— Não precisava mentir...

— Não menti. Só não falei o que não perguntou — explicou.



— Isso é verdade — concordei. — Mas...

— Você nunca perguntou muita coisa e, com o passar do tempo, ficou cada vez mais difícil.

— Você é médico, foi noivo... Acredito que seja melhor de vida que eu e tem uma família de nome.

— Isso faz alguma diferença?

— Nenhuma. Mas você tem mais alguma coisa para me contar?

— Na verdade sim.

— Então fale logo, por favor. Quero resolver qualquer mal-entendido, sem segredos. — Dei-lhe um abraço. — Pode dizer qualquer coisa.

— Ficou complicado me declarar também... — Continuou: — Isa, eu estou mais que apaixonado.

— Minhas pernas estão tremendo — sussurrei.

— As minhas também — garantiu, num sorriso de tirar o fôlego, envolvendo-me com seus braços firmes.

— É seu. — Apontei para onde habitava meu coração. — Estou completamente apaixonada por você, Tobias. E essa é a segunda coisa que lhe trouxe hoje.

— Que bom que trouxe o seu coração, não estava fácil viver sem um.

— Mas e o seu? — questionei, baixinho, contente com suas palavras.

— Eu te dei no dia em que te conheci. Estava envolto em um papel de bala e você nem percebeu.

— Eu te amo, Tobias.

— Eu também — disse e nos abraçamos.



## Capítulo 27

Isa

Sabe aquela sensação, como se você nunca fosse parar de sorrir? Foi exatamente o que senti quando o ouvi dizendo: eu também.

Se seríamos felizes para sempre? Nunca saberia, pois ninguém tinha como prever. Apenas nos beijamos como deveria ser, juntos caminhamos abraçados até o anexo da grande estufa de vidro. Lá dentro, soltei o ar e o abracei mais uma vez.

— Isso é amor — falei mais para mim mesma.

Ele pegou meu rosto entre as suas mãos macias e beijou incontáveis vezes meus lábios.

— Não paro de pensar em nós — disse.

— Quero que isso seja, oficialmente, um começo — falei sem receios, já que havia aprendido de uma vez por todas que nosso tempo era hoje e precisávamos nos permitir viver tudo o que havia de melhor.

Não deixaria a oportunidade escapar. Então, eu fiquei ali, com cara de boba, beijando e sorrindo... Havia encontrado o amor da minha vida!

Ah, e os *100 DIAS PARA AMAR* deram certo? Não, claro que não!

Na vida nada acontece por acaso, nenhuma folha cai se não for para cair. Eu não poderia adiantar o destino e minha contagem só me fez abrir os olhos: não temos tempo a perder.

— Eu quero cem anos. Pelo menos, cem anos, para amar você... — ele disse me tomando para si.

— Eu também Tobias.

— Você está gelada — falou tocando meus braços. — Deixe te aquecer. Não quero que fique doente.

— Não tem problema, tenho um médico lindo que, provavelmente, cuidaria muito bem de mim. — Sorri encarando seus olhos, que agora eram mais perto de um tom azulado de fim de tarde.

— Vem, vem comigo.

— O que vamos fazer?

— Eu vou te dar um banho quente e você... será apenas obediente.

Suspirei. Aquilo parecia até parte de um dos meus sonhos recorrentes. O segui, dentro do pequeno banheiro, abriu o chuveiro e testou a temperatura da água. Depois começou a despir meu vestido.

— Sei que pode parecer cedo — falou dois tons mais baixo. — Eu prometo que vou tentar ir devagar. — Olhou dentro da minha alma. — Tentar. Mas que tal passar uns dias aqui, só você e eu?

— Eu juro que acho a ideia ótima, assim como também quero tentar ir com calma e não pular etapas. — Sorri.

— Mas?

— Mas meu melhor amigo embarca para uma possível longa viagem amanhã, por mais que pareça durão, Abnel deve estar supernervoso e eu preciso dar um abraço nele. Vou morrer de saudade.

— Tudo bem.

— Desculpe, Tobias, mas eu realmente preciso ir na primeira barca amanhã, logo cedo.

— Então, pelo menos posso levar você?

— Claro que pode, mas não precisa. É verdade.

— Está combinado: amanhã partimos bem cedinho, mas agora venha logo! —  
Começou a tirar o casaco. — Tem um banho quente te esperando.



— Isa, meu amor, acorde.

— Isso parece um sonho... — Sorri ainda de olhos fechados ouvindo sua voz me chamar ao pé do ouvido.

— Não mesmo. — Beijou-me.

— Só para constar, essa é a segunda manhã que acorda ao meu lado — disse.  
— Mas, agora, não deixo mais você escapar.

— Nem eu a você — concordei.

Depois de muito carinho preguiçoso e uma ducha, partimos até a balsa. A manhã estava fria e precisei usar um casaco de Tobias, já que a única roupa que tinha era o vestido de festa que usava.

Quando finalmente chegamos ao aeroporto, achei que tínhamos perdido o embarque de Abnel, mas, graças ao tempo instável, o voo atrasou e conseguimos nos despedir.

Vários amigos dele estavam ali, Abnel era muito benquisto e tive ciúmes no primeiro momento, mas, assim que ele me viu, tive a certeza de que era minha a maior fatia do bolo doce que era seu coração.

— Desculpe a demora — pedi dando um abraço apertado. — Nossa, vou sentir tanto sua falta!

— Nem me fale, Isa. Também vou sentir muita saudade — falou. — Agora

me diga uma coisa importante: É ele?

— É sim. — Sorri e comecei a fazer as apresentações. — Abnel, esse é Tobias, o cara que conquistou metade do meu coração — declarei. — Tobias, esse é Abnel, o outro cara que tem a outra metade.

— Pode parecer estranho. — Apertavam as mãos quando Tobias começou a dizer: — Mas vou sentir sua falta. A Isa fala tanto em você, que parece um de meus amigos.

— Ainda é cedo para eu dizer o mesmo, mas espero que o príncipe não vire sapo — disse Abnel, objetivo. — Quero poder lhe chamar de amigo, em breve. — Sorriu. — Então apenas mantenha minha amiga feliz, ok?

— Pode deixar e obrigado.

— Obrigado pelo quê? — questionou Abnel, curioso.

— Por ajudar Isa a me encontrar.

— Mas eu não fiz nada! — assumiu meu BFF.

— Fez sim, nunca a deixou desistir de encontrar o amor — concluiu Tobias, arrancando um belo sorriso de nós dois.

— *Atenção senhores passageiros do voo 347, com destino...* — dizia o alto-falante.

— É o meu! *Oh mein Gott!*<sup>1</sup> — Sacudiu as mãos. — *Mein gott!*

— É a hora — concordei com os olhos já lacrimejando. — E agora, bi? — comecei a chorar.

— Agora me dê um abraço, deseje boa viagem e sorte. — Ignorou as lágrimas que caíam de seus olhos. — Que eu vou ficar torcendo para que nós dois tenhamos encontrado nosso amor tipo *The End*.

Trocamos um forte e carinhoso abraço, então partiu. Levava consigo a coragem de um sonhador, buscava viver o grande amor que acreditava ter encontrado. E ele merecia, certamente, toda a felicidade do mundo.

— Ei! — chamou Tobias, quando ele finalmente estava embarcando. — Tome aqui, para todos os momentos, vai deixar tudo melhor ou ainda melhor. — Sorriu entregando um pequeno embrulho a Abnel.



— Pensamento positivo — disse Tobias, minutos depois, abraçado em minhas costas, enquanto víamos os aviões pousando e decolando na grande pista. — Os finais felizes existem e eles são sempre apenas o começo.

— Eu sei que sim — funguei, virando para lhe encarar. — Mas, me conte uma coisa...

— Diga — retomou o afago e me envolveu com amor.

— O que entregou ao meu amigo?

— Balas de mel. — Sorriu me puxando para si. — Não há nada nessa vida que não fique doce com uma bala de mel recheada com caramelo.



*“Saying, don't worry about a thing  
'Cause every little thing  
Gonna be all right”  
(Bob Marley – Three Little Birds)*

# Agradecimentos

Não se constrói um caminho sozinho, por isso quero agradecer a todos que sempre me dizem para não desistir dessa paixão, que é escrever. Em especial minha mãe (Eva) e meu companheiro (Jeferson), aos amigos do Portal JuLund – Cris, Ju, Eve, Lane, Graça, Mari, Liv, Amanda, Glau, Anny – que são uma família superapoiadora. Paty, do *Paty Bookaholic*; Naná, do *Notas Literárias*, que são sempre amigas incríveis. Obrigada!

Blogs e blogueiros parceiros, amigos e companheiros: não posso citar todos vocês aqui, mas preciso deixar minha gratidão expressa. Muito obrigada pelo carinho que sempre têm comigo e meu trabalho. É uma caminhada difícil que agradeço em tê-los comigo, tornando mais leve os tropeços.

Meus leitores betas, que fico enchendo o saco (risos), vocês são anjos, muito obrigada. Desta vez, em especial, Cris Gomes (que fez também a preparação de texto), Fernanda Ferreira (que também fez a primeira revisão), Graça Siqueira, Juliana Torres, Amanda Essi, Patricia Vahl e minha mãe Eva. A primeira leitura crítica é fundamental, superobrigada pela doação de tempo.

Por fim, quero agradecer a EDITORA PL que acolheu esse original com tanto amor, tratando-me com delicadeza desde o primeiro contato e me deixando mais apaixonada pelo projeto todo. Obrigada Lisandra Pe, sou muito grata pela oportunidade e foi ótimo trabalhar com você, assim como Natália e Carla (que é maravilhosa e paciente). Da mesma forma, quero deixar um forte abraço de gratidão aos Blogs Parceiros da editora que vestem a camisa com coração.

Obrigada pessoal.

Mil beijocas!

# 100 Dias para Playlist de amar

Para você ler e ouvir, para seguir escutando depois de acabar... Conheça a trilha sonora de ISA & TOBIAS.

Confira as 25 músicas que embalam o teclado da autora dessa história e sinta o amor no ar, agora no [Spotify](#):

1. **Make you feel my love** (Adele)
2. **Thinking Out Loud** (Ed Sheeran)
3. **Perfect Duet** (Ed Sheeran e Beyoncé)
4. **I'm Yours** (Jason Mraz)
5. **Like I'm Gonna Lose You** (feat. John Legend)
6. **Feels** (feat. Pharrell Williams, Katy Perry & Big Sean)
7. **Wild Thoughts** (feat. DJ Khaled & Bryson Tiller)
8. **Halo** (Beyoncé)
9. **Beneath Your Beautiful** (Emeli Sandé)
10. **Came Here for Love** (feat. Ella Eyre)
11. **Love On The Brain** (Rihanna)
12. **Someone like you** (Adele)



- 13. You Are The Reason** (Calum Scott)
- 14. 100 años** (Hash e Prince Royce)
- 15. Love Never Felt So Good** (Justin Timberlake)
- 16. Is This Love** (Bob Marley)
- 17. Downtown** (Anitta e J. Balvin)
- 18. Ilusión** (Julieta Venegas e Marisa Monte)
- 19. Ainda gosto de você** (Armandinho)
- 20. Cheguei pra te amar** (Ivete e Livinho)
- 21. Pra Ela** (Chimarruts)
- 22. My girl** (The Temptations)
- 23. Three Little Birds** (Bob Marley)
- 24. Will I See You** (Anitta & Poo Bear)



Biografia  
JU LUND

Ju Lund é autora de romances jovens adultos e de fantasia, como a trilogia "Doce Vampira" e o livro "Não sei se te amo".

Quando não está escrevendo, lendo ou brincando com seu filho, Ju gosta de relaxar assistindo filmes ou séries de TV comendo chocolate amargo em boa companhia.



**Acesse o site da Editora PL para saber mais informações sobre esse e outros livros:**

[www.editorapl.com](http://www.editorapl.com)

1)

“Oh, meu Deus!”, em alemão. [↵](#)

# Table of Contents

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Citação](#)

[Dedicatória](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Agradecimentos](#)

[Playlist](#)

[Biografia](#)

[Saiba mais sobre a Editora PL](#)

## Notas